

EDUARDO COELHO
A SUA VIDA E A SUA OBRA
ALFREDO DA CUNHA

Edição de

Andreia Querido
Carolina Fernandes
Carolina Vieira
Catarina Sousa
Daniel Gregg
Madalena Fernandes
Sara Meess

Coordenação de Ângela Correia

**BIBLIOTRÓNICA
PORTUGUESA**

Lisboa
2015
1

Índice

[Nota editorial](#)

[Introdução](#)

[1835-1854](#)

[1854-1857](#)

[1858-1865](#)

[O Diário de Notícias](#)

[Thomaz Quintino Antunes](#)

[Ephemerides do Diário de Notícias](#)

[1865-1889](#)

[Homenagens posthumas](#)

[O monumento](#)

[Resenha bibliográfica](#)

[Offerta ás escolas](#)

Nota editorial

Alfredo da Cunha nasceu em dezembro de 1863 e faleceu em novembro de 1942. Foi jornalista, escritor, empresário da comunicação social e advogado. Casou com a filha de Eduardo Coelho e sucedeu ao sogro na administração e direção do *Diário de Notícias*, de que foi cofundador. Além de ter feito carreira como jornalista e empresário, dedicou-se também à poesia e à história do jornalismo e da imprensa em Portugal.

Algumas das obras que publicou incluem *Lisboa na Paremiologia Peninsular*, em 1939; *Camilo Castelo Branco, Jornalista*, em 1925; e *Jornalismo Nacional*, em 1941. (www.toponimialisboa.wordpress.com)

Escolhemos reeditar este livro pelo interesse histórico que tem para o jornalismo e para a cultura portuguesa, ao tratar da vida do fundador do *Diário de Notícias*. Também o difícil acesso a esta obra fica assim resolvido.

A primeira edição foi publicada, em 1891; dois anos após a morte de Eduardo Coelho; e a segunda, em 1904. Foi a partir de um exemplar desta segunda edição que a presente reedição se fez.

Descrição do livro-fonte

Na capa do livro vê-se uma imagem de uma primeira página do *Diário de Notícias*, acompanhada do título da obra e do nome do autor, além de uma descrição breve do que pode o leitor encontrar no livro: “Alguns factos para a historia do jornalismo portuguez

contemporâneo”. Também se indica, na capa, o pretexto para a segunda edição: “edição comemorativa da inauguração em 29 de dezembro de 1904 do monumento erigido em Lisboa ao fundador do Diarrio de Noticias”. No livro-fonte, que usámos para a presente reedição, encontra-se também um carimbo vermelho: “Diarrio de Noticias / Redacção”. Em rodapé podem ler-se as informações sobre a impressão do livro: “Composto em machinas Linotype estereotypado e impresso na / Tipographia Universal / Imprensa da casa real – Medalha de prata na exposição universal de Paris de 1900 / Rua do Diarrio de Noticias, 110 / Lisboa – 1904”.

A maior parte do miolo foi organizado em duas colunas, lembrando a mancha gráfica de um jornal. O estado da impressão não é atualmente o melhor: muitas letras encontram-se semiapagadas

ou mesmo ilegíveis, e alguns sinais de pontuação distinguem-se mal, o que dificultou a transcrição. Os números de algumas datas estão igualmente apagados (aspeto devidamente assinalado no texto).

O documento que utilizámos está disponível em PDF no *site* da Biblioteca Nacional Digital.

Crítérios e normas de transcrição

- Optámos por transcrever o texto a uma só coluna e não, como no livro-fonte, em duas colunas.
- As imagens que se encontram nesta transcrição são apenas aquelas que estão mencionadas no texto e que, por motivos de compreensão e estética, não poderíamos excluir.

- Mantivemos todas as características ortográficas.
- Em algumas frases, o desaparecimento da tinta faz confundir vírgulas e pontos finais, pelo que optámos pela transcrição de vírgulas quando a letra seguinte é minúscula.
- Não mantivemos as páginas em branco, que se encontram no livro-fonte.
- Não reproduzimos os sinais gráficos usados para separar, como traços e asteriscos dispostos em triângulo, com exceção de um longo pontilhado que parece marcar um corte no texto.
- Mantivemos em itálico e negrito tudo o que assim está no livro-fonte.
- Devido a dificuldades de formatação das notas de rodapé, optámos por integrar as notas de rodapé assinaladas com um ou mais

asteriscos na sequência das restantes notas de rodapé.

Em uma das benevolas apreciações com que a imprensa acolheu em 1892 a primeira edição d'este livro, agora um tanto modificada, liam-se os seguintes periodos:

Eduardo Coelho é um dos melhores modelos que o trabalhador honesto e honrado deve imitar. Desde os seus primeiros annos até que d'uma vez descançou para sempre no chão da morte, a vida de Eduardo Coelho é a synthese de todas as difficuldades e de todos os attrictos que fazem morrer uns no caminho, chegando raros ao seu termo.

Eduardo Coelho é dos raros que podem dizer como o apostolo-*bonum certamen certavi et cursum consumavi*. Encetou essa vida trabalhadora, mas conseguiu a sua propria glorificação, e desceu á sepultura abençoada por milhares de pessoas reconhecidades aos seus grandes beneficios.

.....

Se tivessesmos filhos, dois seriam os livros que lhes dariamos a ler: os evangelhos onde se acham

traçadas e delineada as doutrinas religiosas, e este onde se acha compendiada a obra gigantesca d'um trabalhador incessante. Cremos que estes dois livros seriam sufficientes para educar-lhes o espirito e o coração».

Suggeriram estas generosas palavras á empresa do **Diario de Noticias** a ideia de offercer a obra em que singela e despretenciosamente se narram a vida e feitos d'esse escriptor verdadeiramente benemerito, grande pela intelligencia, pelo trabalho, pela bondade, por todas as dedicações patrioticas, á leitura d'aquelles a quem se começa a formar o coração para o bem e o espirito para os ideaes mais nobres que devem nortear o homem.

Por isso resolveu ella distribuir gratuitamente pelas bibliothecas de todas as escolas do paiz, de ensino particular e official, tanto elementar como

secundario e superior, numa edição que ascende a muitos milhares de exemplares, o presente livro.

Para esta fórma, que julga ser uma das mais honrosas para a memoria do infatigavel e devotadissimo propugnador da instrucção popular, pretende a empresa do **Diario de Noticias** commemorar a data, para ella por tantos motivos memoravel e festiva, da inauguração do monumento erguido pela gratidão publica ao glorioso fundador d'aquella folha.

A Empresa do DIARIO DE NOTICIAS

A minha mulher

Filha mais velha de EDUARDO COELHO

Que ha de saber tornar este livro amado e querido d'aquelle que, na vida nobilissima de seu Avô, encontrará o melhor incitamento para o bem e o mais fortificante estímulo para o trabalho e para a virtude.

ALFREDO DA CUNHA

O trabalho e a bondade são as duas manifestações mais sãs da nobreza do homem: o trabalho e a bondade foram os dois traços fundamentaes da physionomia de **Eduardo Coelho**. Os trabalhadores bons são por natureza modestos: foi-o elle tambem; e se a sua lembrança merece guardar-se pelo que fez como homem publico, ficará para sempre na memoria dos que o trataram e conheceram de perto, a recordação respeitosa pelas suas qualidades quasi santamente candidas.

Maio, 1892. **OLIVEIRA MARTINS.**

A maxima de um antigo, de «não deixar passar um dia sem escrever», foi tambem a d'este... Ninguem suppunha, ninguem calculava já que era elle quem escrevia ainda, quem escreveu até á ultima o primeiro artigo de cada numero do seu jornal; foi como certas arvores dos climas felizes

que não cançam de produzir, e ainda dão fructo...
depois da colheita.

.....

Por entre as amarguras da desgraça teve o bem da esperança, que Deus dá aos homens para que se lembrem do Ceu, sua primeira patria: e ao chegarem-lhe os dias de fortuna, ninguem soube ser melhor para os que lhe haviam querido com affecto...

Foi o jornalista popular, amigo e defensor dos pobres. Se marcou tão assignaladamente na consideração publica, não foi apenas por ter o jornal de maior tiragem, o mais procurado e o mais lido, mas porque entendeu as dores e as agonias do povo, os gemidos, os gritos, e a eterna queixa da miseria humana.

JULIO CESAR MACHADO.

Se havia homem que pudesse fazer deveras a apotheose do trabalho, era sem duvida alguma **Eduardo Coelho**. Tudo lhe deveu, e pode affoitamente dizer-se que a sua vida teve estes vertices honrosissimos — o trabalho, a familia e a bondade.

.....

Com a sua penna no seu jornal, com a sua palavra nas reuniões, com o seu trabalho, com o seu dinehrio, nunca serviu senão a causa do bem, do justo, do honesto; nunca defendeu senão estes nobres sentimentos que fazem pulsar com mais força o nosso coração de homens e de patriotas.

M. PINHEIRO CHAGAS

O jornalismo, mormente o da especie implantada entre nós por **Eduardo Coelho**, representa hoje na cultura mental do povo o papel desempenhado pela chuva nas culturas vegetaes.

Assim como, segundo a lenda, vão as nuvens beber aos oceanos a água, que generosamente entregam às entranhas da terra, assim aos largos mares da sabedora vão os jornalistas sorver a **Ideia**, que finamente pulverisada, espalham a mãos rotas pelos campos sem fim da curiosidade popular.

Sempre com vantagem? Indaguem das nuvens se ellas, de quando em quando, não determinam inundações...

Semear o Bem foi o ideal de **Eduardo Coelho**.

A sua obra, porque era humana, não ascendeu talvez á perfeição. O seu nome, comtudo, ficou radioso, pois fôra santa a intenção do obreiro.

J. T. DE SOUSA MARTINS

Introdução¹

Os homens uteis e bons são meio santos.
Eduardo Coelho – *Passeios na Provincia.*

Não me consta que de Eduardo Coelho ficasse — como aliás se disse por ocasião da sua morte — uma auto-biographia, na rigorosa accepção da palavra, completa em todas as particularidades, na enumeração de factos e na fixação de datas. Nada mais se encontrou, entre os seus papeis, do que breves esboços de dois ou tres episodios da sua mocidade, ligeiras notas que, á semelhança das noticias muito succintas, e, por isso mesmo, bastante deficientes, insertas em uma ou outra publicação, não podiam evidentemente supprir a necessidade de indagações demoradas.

¹ Da primeira edição. Lisboa. Typographia Uni versal. 1891

Estava, pois, ainda por fazer a biographia d'uma das mais distinctas e salientes individualidades do nosso tempo, biographia que — alguém o notou — dava capitulos que decerto não invejariam as paginas, tão commoventes, da **Vie de Bohême**, de Henri Murger.

Porque Eduardo Coelho viveu effectivamente, por bastante tempo, essa vida de paciencia e de coragem, que nem por parecer descuidosa, leviana e facil, deixa de ter os seus triumphadores e os seus martyres, vida que Murger tão eloquentemente descreve no prefacio dos seus bellos contos, e em que só se pode lutar — elle proprio o diz — revestido d'uma forte coiraça de indifferença, á prova dos nescios e dos invejosos, não se devendo um só momento abandonar, como bordão de arrimo, para se não cair prostrado no caminho, o vivo orgulho de si proprio.

Poderão outros, decerto melhor e mais intelligentemente, relatar esses 54 annos, extinctos depois d'uma fadiga sem repouso, numa agonia longa, consciente e lucida, em que o espirito, sem perder uma scintilla sequer da sua perspicacia, se sentia, a cada hora decorrida, falseado pelo crescente abatimento do corpo, trahido pela invencivel decrepitude d'uma organisação, que fôra robusta e válida.

Depressa, porem, se apaga nos vivos a lembrança saudosa dos que morreram; e salvar d'um olvido, mais ou menos proximo, a memoria dos que amamos, é um dever dos que ficam, em relação aos que para sempre se apartam, deixando de si uma tradicção abençoada.

Eis ao que só mira este livro — livro talvez mais de sentimento do que de critica, mais do coração do que da intelligencia, e em que, se o biographo cuidadosamente procurou não omitir

factos, o critico, para não ser averbado de suspeito, frequentemente preferiu deixar o campo aos juizosalheiros.

Não me consentia, em verdade, o animo que por mais tempo ficassem perdidas nas columnas dos jornaes e nas paginas d'uma ou d'outra obra, em referencias isoladas e em apreciações dispersas, os elementos com que podia integrar-se e reconstituir-se, quasi por completo, uma existencia que se consumiu, até o ultimo alento, em milhares de escriptos, espalhados por montões de jornaes, e que lidos hoje com a avidéz da novidade, ámanhã se abysmavam para sempre n'esse «golphão sem fundo» do periodicismo diario.

A vida inquieta dos jornalistas tem o seu tanto ou quanto de semelhante com a vida dos actores; porque é uma especie de gloria *au jour le jour*, passageira e inconsistente, a que uns e outros

conquistam pelo seu trabalho. O papel do actor, estudado com difficuldade, creado com fatigante e accurado escrupulo, com rigorosa consciencia da arte, finda com os ultimos echos da derradeira noite de triumpho; do artigo de jornal subordinado ao assumpto que ocorre, ligado intimamente ao facto que aprecia, variando com a constante mutabilidade dos acontecimentos, que sem intercadencias se succedem, extingue-se, com a oportunidade de momento, a ephemera sensação que dispertou. D,um e d'outro, passada a impressão que determinaram, nada ou quasi nada resta de persistente e de duradouro.

Tanto mais necessario é, pois, para que á instabilidade da obra não corresponda a da celebridade que por ella adveiu, que d'algum modo se fixe, e se perpetue o que essa celebridade pôde affirmar de legitimo e inconfundivel.

Se eu tentasse em curtos periodos resumir o que todo este escripto evidenciará, pela singela narrativa de factos, desacompanhada de artificios e de fabulas, ao meu intento bastaria trasladar para estas paginas uma carta honrosissima de Antonio Augusto d'Aguiar, então ministro das obras publicas, e a cuja proposta e espontanea intervenção Eduardo Coelho devêra amercê de commendador da ordem de S.Tiago, por cuja recente concessão a mesma carta o felicitava**. Synthetisa ella rigorosamente a vida do infatigavel jornalista, condensando em breves termos e critica da sua obra de paz, de caridade, de incentivos generosos, de propaganda sempre util e sempre civilisadora.

Eil-a:

Felicito-te pela distincção, bem merecida e bem applicada, escrevia-lhe Aguiar em 25 de setembro de

1881. Todos os meus collegas te fizeram justiça, e, acima-de todos, El-Rei, que; sempre cioso da sua ordem predilecta, assignou a carta regia com verdadeira satisfação. Não faço rhetorica, escrevo a verdade. Nada deves aos ministros, e muito menos a mim. Fizeram-te justiça. Um homem como tu, que, embora filho de um patriota, começou a sua vida inctando com a desgraça, e que, depois de infinitos combates, chega a ser o creador da imprensa imparcial e independente, valendo á sua conta mais do que muitas escolas de instrucção primaria, incutindo nas classes populares o gosto pela leitura, merece, no meu entender, as melhores distincções de que os governos podem dispôr. Um homem como tu, que puzeste ao serviço dos interesses nacionaes a tua penna e o teu jornal para se realizar no inquerito industrial com feliz exito, e fazer-se a exposição agricola de 1881, tem direito a todas as considerações dos poderes publicos.

«Um homem como tu, que sustentas uma familia numerosa de industriaes, que proteges os fracos, que louvas desinteressadamente os amigos do paiz, e que ajudas o governo nos seus intentos generosos, tem em toda a parte a estima e o respeito dos seus concidadãos. Se ha uma festa de caridade, lá está o teu jornal a patrocinal-a, se ha uma empreza util, apparece sempre o teu jornal a defendel-a, se ha uma campanha

patriotica a emprender, ainda vem o teu jornal, primeiro que todos, a promover a sua realisação. Pedes para os pobres, advogas os interesses dos humildes, e prestas sempre auxilio aos infelizes.

Não te esqueceste dos teus infortunios no meio da opulencia que te cerca, nem renegas o teu passado de trabalho, de energia, e de lucta. Todos te devem mais ou menos um pequeno favor, e nem mesmo os ingratos, a sós com a sua consciencia, podem olvidal-os.

«Eu nao fiz nada para quo m'o agradeças. O governo é que reconheceu os teus serviços, e tão bem o fez, que não tem merecido por isso senão elogios. Quem te conhece, como eu, sabe que não careces de distincções para augmentar o teu merecimento. O que se fez não foi senão accentuar, de um modo positivo, o que a opinião publica affirma a teu respeito.»²

² A nomeação de commendador da ordem de S. Thiago, que era uma das maiores e mais raras distincções que o finado rei D. Luiz concedia, teve por fim, segundo consta do respectivo diploma, datado de 6 de novembro de 1881, e referendado pelo então ministro do reino, Augusto Cesar Barjona de Freitas, dar a Eduardo Coelho «um publico testemunho de consideração pelos serviços por elle prestados gratuitamente ao ministerio dos negocios das obras publicas, commercio e industria, na comissão do inquerito industrial, e na organização da exposição

Valia esta carta para Eduardo Coelho tanto como a propria mercê, que, embora ninguem mais legitimamente conquistasse, e a tão poucos fosse então dado possuir, elle não pretendia nem solicitara, havendo-a acceitado, mais para não melindrar, com a recusa, o amigo que lhe quizera tão dedicadamente demonstrar a sua consideração, do que porque o envaidecessem honras taes, aliás invariavelmente rejeitadas d'outras mãos, e em outras occasiões.

E um simples facto o prova, bem caracteristico e bem significativo. No mesmo livro de apontamentos particulares, e na mesmissima pagina, em que Eduardo Coelho deixou copia do laconico officio, em que

agricola de Lisboa no corrente anno (de 1884).» A mercê foi concedida em 12 de setembro d'este anno (*Diario do Governo* n.º 217, de 24 de setembro).

terminantemente recusava uma distinção que o rei de Hespanha, Amadeu, lhe havia concedido, por proposta do ministro dos negocios estrangeiros Christino Martos, encontra-se transcripto — como que para accentuar o contraste — um outro officio, em que agradecia, com alvoraçada satisfação, e nos termos mais cordialmente entusiasticos, o diploma de socio benemerito, que, em 30 de maio de 1876, lhe fôra conferido por uma modesta associação popular de Lisboa.

Á penhorante communição do governo hespanhol, Eduardo Coelho respondia:

«Ex.^{mo} sr. — Lisboa 2 de Outubro de 1872. — Tive a honra de receber o aviso em que v. ex.^a se dignou communicar-me que S. M. El-Rei de Hespanha houve por bem conferir-me em data de 22 de setembro de 1872, o titulo de commendadora Real Ordem de Isabel a Catholica, e exprimindo a v. ex.^a o meu mais vivo reconhecimento por tão subida prova de distincção, com que a munificencia de El-Rei de

Hespanha houve por bem agradecer-me, peço a v. ex.^a licença para lhe communicar respeitosa-mente que não posso acceitar a mencionada graça. Receba v.ex.^a, etc.»

Proximamente quatro annos depois, accusando a recepção do officio da Academia Civilisação Popular, em 29 de junho de 1876, escrevia elle, entre outros, os seguintes periodos:

«Causa-me intimo jubilo o pertencer a uma corporação que tão bem se harmonisa com as recordações do meu passado, com as tendencias e predilecções do meu animo, e com as aspirações do meu espirito. Antes d'ella me abrir as suas portas, e de me offerecer tão distincto logar no seu gremio, já eu sentia pertencer-lhe. Nasci no meio do povo que a fundou; passei os meus primeiros annos lidando nas classes commercial e artistica, que lhe formam o nucleo; cursei as escolas do trabalho e do estudo, que a inspiram, e tenho consagrado as minhas limitadas faculdades, por dever e por convicção, á causa da instrucção popular, que ella apostolisa e patrocina.

.....

«Pode-se, sem desdouro, deixar de pertencer a este ou áquelle grupo ou partido, de professar tal ou tal credo; o que se não pode é deixar de ser apóstolo d'esta cruzada sublime, que marcha para a conquista da civilização verdadeira: – a instrucção e moralisação do povo, sem a qual todos os systemas são falsos, todas as reformas contradictorias, todos os regimens desiguaes e injustos. Agradeço, de coração aberto, a elevada honra que a Academia Civilização me fez, e confesso-me soldado obediente nas suas fileiras, subscrevendo-me, etc.»

A carta de Antonio Augusto de Aguiar não era todavia um suspeito testemunho de sympathia, eivado de qualquer parcialismo politico ou pessoal; pois que, volvidos annos, substituidos no poder os regenadores de Fontes por um ministerio retinctamente progressista, os serviços de Eduardo Coelho foram de novo, e em termos igualmente calorosos, assignalados e agradecidos pelo ministro que então geria a pasta das obras publicas, e que, ao mesmo tempo que fazia

instantes votos pela continuação d'esses serviços desinteressadissimos, lhe pedia o valioso apoio na resurreição do trabalho industrial, em que o energico estadista estava empenhado o melhor dos seus esforços.

Se tantas vezes succedeu, porem, que, mesmo das eminencias do poder, espontaneamente lhe exaltassem os meritos e lhe demandassem o vigoroso auxilio, é infelizmente verdadeiro que ninguem, mais do que Eduardo Coelho, encontrou a embargar-lhe o passo, em todas as aspirações generosas, a malquerença, o tenaz egoismo dos invejosos, — d'aquelles a quem tão claramnte allude n'um pequeno conto***³, que é, para quem bem o comprehenda, uma quasi auto-biographia, e que não lhe podiam vêr a elle a camisa lavada que nao podem vêr a ninguem.

³ *O rapaz da camisa lavada (Historias de Hoje).*

«Não conhece profissões a intelligencia, escrevia elle, em um dos folhetins do seu jornal. Quita o Alcino Mycenio da nossa Arcadia, poeta erudito e correcto, era cabelleireiro. Quanto não devem aos olhos da critica justiceira, avultar mais que os que puderam cursar universidades e academias, Xavier de Novaes e Ignacio de Araujo, que do maçarico de ourives formaram o plectro da poesia satyrica, e Vieira Caldas, para quem foi academia o balcão de mercador! Gomes de Amorim, o melodioso poeta dos *Cantos Matutinos*, tem o mais luzente florão da sua corôa litteraria, na circumstancia de haver sido chapelleiro, conquistando, a preço de lagrimas intimas e de minguas crueis, o elevado logar a que chegou nas letras.»

Typographo, pois, como tantos outros homens notaveis o teem sido, por necessidade ou por vocação; havendo, como de si proprio escreveu Michelet, **juntando letras no compondor, antes de juntar idéas em livros**; caixeiro do commercio, como o fôra tambem, no exilio, Almeida Garrett, que d'isto sempre se orgulhava

muito. Eduardo Coelho desvanecia-se sinceramente d'esses mesmos factos, que outros, para o deprimirem, parecia nunca haverem esquecido completamente.

Mas esse homem, cuja elevada estatura intellectual e moral os insignificantes e os biliosos punham em duvida, não perdendo ensejo de a amesquinhar, era ao mesmo tempo humildemente procurado, para ajudar a firmar reputações, nem sempre justificadas, aos que tentavam apoucar lhe a sua reputação tão legitima e tão independentemente ganha, e que unicamente devera á energia da vontade propria, e ao proprio esforço d'uma intelligencia perseverante, quanto foi e quanto valeu.

Para Eduardo Coelho devia ser comtudo um motivo de intima vaidade o vêr como tantos se acolhiam a essa protecção, que a sua grandeza de

alma a ninguém negava, nem aos agradecidos, nem aos ingratos.

Poucos luctaram com elle; mas pouquissimos tambem deixaram de si uma lição egualmente eloquente, do muito que póde uma tenacidade de ferro e uma energia sem desfallecimentos, postas ao serviço d'um ideal alevantado e nobre.

Poucos soffreriam tanto como esse homem bondosissimo, que, numa crise aguda, falto de todos os recursos, desesperançado de encontrar um arrimo, attingiu o ultimo grau do desespero, ao tocar o auge da adversidade; mas ninguém, mais e melhor do que elle, soube mitigar soffrimentos, concitando a caridade dos abastados para a miseria dos desprotegidos, e o auxilio dos poderosos para a fraquea dos humildes.

Ninguém amou, com mais entranhado affecto e mais desinteressada sympathia, o proletario e o trabalhador desamparado; mas ninguém ainda

recebeu, em paga d'essa affeição, diariamente affirmada por mil modos e em mil demonstrações ineluctaveis, uma manifestação menos suspeita de faceiosismos de partido, mais sincera e mais espontanea, de respeito e de saudade, quando d'elle já não podia esperar-se uma palavra de incitamento, porque a sua bocca emmudecera para sempre, ou um simples acto de commiseração, porque para sempre cahira inanimada a sua mão benefica.

Ninguém trabalhou com mais affinco, com mais ardor, com fé mais vehemente nos seus esforços; mas ninguém legou uma prova mais convincente da omnipotencia do trabalho, que tudo consegue e tudo vence, quando nelle confiamos sem restricções, e a elle nos entregamos sem vacillações e sem esmorecimentos.

«Se havia homem – escreveu para uma das mais importantes folhas do Brasil Pinheiro Chagas, antigo collega e companheiro de Eduardo Coelho, por cuja intervenção o illustre historiador e romancista iniciára, em 1862, no jornalismo portuguez a sua triumphante e brilhantissima carreira – se havia homem que pudesse fazer déveras a apotheose do trabalho, era sem duvida alguma Eduardo Coelho. Tudo lhe deveu, e póde afoitamente dizer se que a sua vida teve estes vertices honrosissimos – o trabalho, a familia e a bondade.»

Pois unicamente d'aquella bondade sem limites e d'aquelle trabalho sem tregoa, que nunca tergiversou um ponto na sua linha de proceder impeccavelmente correcta e dirigida ao bem, foi que emergiu a gloria da sua vida, a

popularidade da sua obra, e a *sympathia* e o respeito do seu nome.

Foi esse trabalho, em que elle acreditava com fé inabalavel, que o fez rapidamente ascender de simples compositor d'uma imprensa pobre, a proprietario e chefe do mais importante jornal do paiz: que o fez passar da humildade do noticiarista e da modesta condição de secretario de escriptores illustres, a director d'um periodico, que, imprimindo movimento á opinião, e encaminhando lealmente o povo, tem sabido fazer-se respeitar e ter em conta pelos altos poderes do estado; que finalmente o levou, da sua attribulada obscuridade, por um trilho accidentado e aspero, cortado de obstaculos e de contrariedades, mas sempre varrido e desensombrado de acções ruins, por um caminho de honestidade e de honra nunca abandonado, á apotheose que lhe coroou a existencia, e, numa

glorificação unanime, constituiu a sagração
solemne e publica da sua individualidade.

1835-1854

Filho de João Gaspar Coelho, que fôra amigo e companheiro de muitos dos homens publicos mais importantes do nosso tempo, nas luctas da liberdade, travadas no segundo quartel d'este seculo. Eduardo Coelho deixou uma pequena biographia de seu pae. ⁴

«Não póde haver nada de mais amovel e demonstrativo de dedicação filial», como bem notou o fallecido jornalista Martins de Carvalho, do que esse escripto, em que a vida do ardente

⁴ *Brinde aos senhores assignantes do Diario de Noticias em 1875, p.133: – Meu pae, com dedicatória ao seu socio e amigo Thomaz Quintino Antunes, depois Conde de S. Marçal.*

Do assento do baptismo de José Eduardo Coelho, a fl. 78 v. e fl. 79 do Livro respectivo da extincta freguezia de S. Thiago, incorporada na do S. Bartholomeu, de Coimbra, vê-se que nasceu em 22 de abril de 1835 e foi baptisado em 11 de maio do mesmo anno.

liberal de Coimbra é narrada com a mais tocante e commovedora singeleza.

Casando aos 24 annos, João Gaspar Coelho antepoz aos commodos da familia o serviço desinteressado pela patria, e acompanhado na sua varia fortuna a causa liberal, perseguido como «malhado», homisiado em Lisbôa e Setubal, soffrendo todos os riscos a que as suas avançadas idéas o expunham, tendo de oppôr os ardis d'uma fecunda inventiva, ás pesquisas constantes dos seus inimigos, logrou penetrar no Porto, por occasião do cêrco, e obter, 44 dias depois da entrada do duque da Terceira em Lisbôa, um documento official, que lhe reconhecia «os bons serviços prestados á causa da patria, o acerto, honradez, zelo e actividade» com que desempenhára «laboriosas diligencias» de que fôra incumbido, e «principalmente a intrepidez e bravura» com que se portou no dia 5 de setembro

de 1833, «fazendo em todo aquelle dia um fogo vivo ao inimigo, que mereceu o elogio de muitos militares que o presencaram.»

Regressando a Coimbra em 1834, um anno antes do nascimento de Eduardo Coelho, voltava pobre. «Os honrados não enriquecem em taes campanhas – diz seu filho na biographia a que alludi – se n'ellas entram, como elle entrava, com a fé ardente do adepto sincero. A unica riqueza que trazia era a gloria de ter pelejado desinteressadamente a favor da liberdade politica do seu paiz e dos progressos da civilisação social.

Mais tarde, nas fileiras da guarda nacional, entrou na revolução de setembro, foi partidario da constituição de 1838, acompanhando sempre o partido setembrista, e, victorioso o governo de Costa Cabral, fundou a imprensa, d'onde, em 9 de julho de 1844, sahiu o primeiro numero da folha revolucionaria «A Opposição Nacional», cujo

principal redactor foi Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos.

A pequena fortuna que, á custa de muito trabalho, alcançára no intervalo d'estas luctas, levaram-lh'a os fornecimentos ás guerrilhas e forças populares reunidas em Coimbra em 1846, fornecimentos que ficaram por pagar, e em troca dos quaes apenas restaram, em poder da viuva, vales por satisfazer n'uma somma importante.

Fôra o duque de Loulé, então governador civil de Coimbra, e com quem João Gaspar Coelho intimamente privava, que, por alvará de 15 d'outubro d'aquelle anno, o «attendendo á sua probidade», o nomeára «fornecedor das forças populares».

«Quando eu, meus irmãos e irmãs, escreveu o finado director do **Diario de Noticias**, distribuíamos com infantil alegria os viveres ás guerrilhas, n'uma grande sala da nossa habitação,

mal suspeitavamos que estavam dando parte preciosa do nosso pequeno patrimonio, e que nos havia de fazer grande falta dentro em pouco tempo.»

No seu livro – «Passeios na Provincia» – Eduardo Coelho refere-se ainda nos seguintes termos, a essa epoca da sua infancia:

«Nós, os pequenos, participavamos d’aquelle santo enthusiasmo. Meu irmão Adriano, tendo apenas 14 annos, e andando nas aulas do pateo, corria a sentar praça no batalhão academico, onde era rejeitado por não chegar á craveira:

—Mas o sr. Casal Ribeiro não é mais alto do que eu, objectou elle.

—Esse tem outra estatura politica!

—Ah! sim! elle é isso, pois esperem.

«E foi fardar um batalhão de rapazes, de 8 a 12 annos, que ao menos servia para fazer algazarra e barulho, o que já é de alguma utilidade

em tempo de revolução popular. Então publicava elle em casa um periodico manuscripto revolucionario.



Casa onde Eduardo Coelho nasceu em 22 de abril de 1835, na antiga rua dos Sapateiros em Coimbra, como se suppõe que ella era n'aquella epoca Reedificada ha annos, tem hoje os n.ºs 73, 75 e 77 nas tres portas da direita, correspondentes ás da antiga habitação

«Eu lembro-me ainda de uma vez, com Antonio Augusto Pereira de Miranda, o joven e talentoso deputado por Lisbôa, (ministro do reino á data d'esta 2.^a edição) que tanto tem illustrado o mandato com que o distingue o corpo do commercio da capital, e que n'aquelle tempo era para nós o «Antoninho», fazermos em casa d'elle, na Calçada, um simulacro de batalha, queimando a tiros de peça diversos soldados de papel.

«Era o exercito inimigo!

«Com meus irmãos armavamos telegraphos, faziamos cartuchos, e acarretavamos até caliça e areia para as barricadas e platafórmias, como aconteceu depois da batalha de Torres Vedras, quando se teve a pueril pretensão de fortificar Coimbra, para o conde das Antas ali resistir ao Saldanha, que entrava na cidade, sem disparar um tiro, na manhã de 5 de janeiro de 1847.»

«Havia ali (na rua do Visconde da Luz, antiga rua do Coruche, em Coimbra) um edificio pertencente á casa da Misericordia, no qual eu – hoje pacato, tolerante, perdoador e até não sei se já um tanto conservador, «quand mêmme», aprendi a ser revolucionario.»

«Podia ter sido um Ferrabraz, um Roldão, ou um D. Quichote, que andasse por ahi a esgrimir com os moinhos, ou a incommodar a humanidade. Melhor foi para mim e para ella que assim não acontecesse.»

Seguindo as vicissitudes do partido em que se filiára, sempre lidando com a intelligencia, o braço e o dinheiro por todos os ideaes democraticos, João Gaspar Coelho veio, depois da entrada de Saldanha em Coimbra, a ser preso em 19 de fevereiro de 1847, no assalto feito ás habitações dos patuleias mais salientes, e em virtude do plano architectado e posto em pratica

por um seu compadre e «amigo», a quem havia, tempos antes, salvado a vida, com risco d'elle proprio perder a sua.

Trazido com mais 27 liberaes para Lisboa, esteve preso no carcere do Limoeiro até 27 d'abril de 1847, e n'esta cadeia teve por companheiros os seus amigos e patricios Joaquim Martins de Carvalho, o velho e glorioso jornalista do «Conimbricense, o dr. Duarte Nazareth, lente de direito, o dr. José Alexandre de Campos, e outros vultos importantes da politica de Coimbra – todos, no dizer do «Espectro» de 26 de fevereiro de 1847, réos do nefando crime de serem progressistas! Nenhum outro delicto consta dos livros da cadeia.

Alludindo a estes factos, de que foi testemunha presencial, Joaquim Martins de Carvalho historiou-os d'este modo no seu jornal o «Conimbricense», de 24 d'abril de 1886:

«Regressando para Coimbra, falleceu o sr. João Gaspar Coelho, apenas passado um anno, no dia 17 de agosto de 1848 sendo o primeiro dos 28 presos que faleceu. Somos nós o unico que ainda vive n'esta cidade.

«A sua não vulgar e desinteressada dedicação á causa popular havia feito com que, pelo seu fallecimento, ficasse a numerosa familia nas mais deploraveis circumstancias.»

O padre Antonio de Jesus Maria da Costa, mais conhecido pelo «padre Antonio da Calçada», homem que se tornou muito notado nas luctas d'essa epoca, fôra instituido tutor de Eduardo Coelho, á morte de seu pae. «Posso certificar que não lhe mereceu grandes cuidados a tutéla», escreveu o seu tutelado; e nao foi só esse dos que se diziam amigos de João Gaspar Coelho, e dos que d'esse titulo usaram e abusaram, para o ajudarem a comprometter-se, que pagou com a

ingratidão os benefícios recebidos. «Na hora ultima, antes dos sacramentos da igreja lhe ungirem o corpo e santificarem a alma, ainda cheio d'essa candura, que dourou todas as suas acções, recommendou a mulher e os filhos, n'um bilhete que eu escrevi por seu ditado, a um dos chefes do partido a que pertencia, solemne e respeitavel recommendação que pareceu produzir effeitos negativos.»

A ingratidão dos que se diziam dedicados completava a ruina causada pela perseguição dos inimigos. E se Eduardo Coelho pôde perdoar – e perdoou sempre – a guerra dos adversarios leaes, difficilmente esqueceu o procedimento dos correligionarios mal agradecidos.

Ao conde de Thomar, o perseguidor tenaz dos patuleias, com o qual travou relações na redacção do «Conservador», veio a tratá-lo com a benevolencia devida a um homem, que, embora

terrível como antagonista, era contudo fiel e devotadíssimo aos que por elle se sacrificavam; d'aquelles, porém, que ao contrario do temido heroe do cabralismo, retribuiam com a indifferença e o desprezo, os sacrificios, de que, para se engrandecerem, largamente se haviam aproveitado, Eduardo Coelho sempre se afastou invariavel e systematicamente; e quando teve de responder, no jornal de que então era redactor litterario, a umas insinuações malevolas que na imprensa lhe dirigiram, embora se confessasse estranho á politica, declarava solemnemente, que nunca poderia alistar-se no partido, «cujos idolos», em paga dos serviços que lhes prestou um dos sus antepassados, lhe roubaram o seu modesto patrimonio, deixando-o abandonado aos arbitrios da sorte.»⁵ E esta promessa, publicamente feita,

⁵ O Conservador n.º 69, de 13 de abril de 1862.

foi durante toda a sua vida – vida cuja absoluta e exemplar coherencia se accentuou do principio ao fim – pontual e religiosamente cumprida.

João Gaspar Coelho exprimia a convicção de que a vontade firme do homem tudo vence, nesta hyperbolica phrase, que frequentemente repetia aos seus: – Se eu imaginasse um dia ser papa, e quizesse sel-o, havia de o ser: – e foi esta tradição da fé viva na prodigiosa efficacia do trabalho, e da coragem na adversidade, que pautou, como invariavel norma, a vida inteira de seu filho, servindo de solido alicerce a essa admiravel obra de actividade e de lucta, que é o monumento perduravel de Eduardo Coelho.

Cortada a educação d'este e de seus irmãos pela morte de seu pae, um amigo da familia, o commerciante Francisco de Sousa Araujo, tomou-

o para sua casa, com um outro irmão, e, decorridos mezes, mandava-o, com destino á carreira commercial, para Lisboa, onde chegou em 28 de dezembro de 1848, depois de durante quatro dias, como elle proprio o contava passados bastantes annos, «vir chouteando n'um relação macho de arrieiro».

Toda a sua fortuna se reduzia a dois pintos, arranjados por subscrição entre os seus parentes de Coimbra.

Tendo estado, pouco mais de quatro annos, n'uma loja de ferragens da rua dos Capellistas, pertencente a Francisco José de Araujo Barros, passou em seguida para a de outro commerciante da rua dos Fanqueiros, José Antonio Verde (pae do fallecido poeta Cesario Verde), cujo estabelecimento ficava na loja do predio hoje occupado pela casa Henry Burnay & C.^a, proximo á rua Nova da Alfandega.

Desde logo se accentou em Eduardo Coelho uma invencivel tendencia para as letras. Um seu amigo d'esse tempo, dando d'este facto testemunho a um dos redactores do «Jornal do Commercio», de Lisboa, conta que quasi sempre o encontrava a ler «como que ás escondidas do patrão, e, se n'essa occasião lhe pediam algum objecto, elle mal attendia o freguez, e dizia: – Estou enganando o patrão; eu não nasci para vender pregos, não estou aqui bem».

Refere-se aos primeiros annos que passou na capital, um dos poucos fragmentos que Eduardo Coelho deixou das suas projectadas memorias. Trancrevendo-o, eu não quiz em nada alterar essa linguagem despretenciosa e simples, que era uma das suas mais apreciadas qualidades de escriptor, e que foi um dos elementos mais poderosos, que concorreram para a popularidade e para a divulgação da sua obra.

«Foi ahi (quando caixeiro de José Anastacio Verde) que se me desenvolveu fortemente a vocação litteraria, começando por publicar o «Livrinho dos Caixeiros», colecção de quadras, em que se proclamava contra certas oppressões e vexames desnecessarios, que esta classe soffria.

«Vendeu-se toda a edição, que não era grande. Fez enthusiasmo na classe, onde todos me apontavam como um dos mais distinctos. Os patrões, porém, murmuravam das minhas tendencias, que lhes não pareciam das mais felizes para o commercio, e um caixeiro dos mais illustrados, que mais tarde foi dos meus dedicados amigos, João Alfredo Dias, troçou-me bastante, annunciando que n'aquella loja se faziam versos de venda e de encommenda.

«Publicava-se então o «Jardim Littêrario», folha litteraria semanal de 10 reis, onde se estreiarão um grande numero de poetas, e eu um

dia escrevi um romancito em prosa, no genero bucolico, genero em que eu andava muito enfrornado com a leitura de poetas arcadicos, que na loja comprava aos vendedores ambulantes de livros, e mandei-o para lá, pedindo a publicação. O dono da empresa e da typographia, que era um José Philippe, publicou-o e travou conhecimento pessoal commigo, tendo-me custado alguns cruzados novos dos meus ordenados o ser collaborador do jornal, para onde continuei a mandar composições, sobretudo versos ou rimas.

«O tal romance intitula-se «O pastor da floresta». Eu começava a minha carreira jornalística ás vezes. Dava dinheiro aos editores, em vez de serem elles que m'o dessem a mim. Haviam decorrido cinco annos. Tinha eu então 18. Era por 1853.

«Em 1854, depois de pequenas contestações com o patrão, que vendo os meus versos no

«Jardim Litterario», me aconselhava a que deixasse de ser poeta, que era «uma vida de pelintras», e que me entregasse inteiramente ao commercio, que «era isso que deixava», dizendo-lhe eu que ia ser um desgraçado, mas que aquella mania não me passava, despedi-me.

«Sahi atraz das musas não querendo mais ser caixeiro. Tinha um bahu cheio de roupa e livros, a cabeça cheia de aspirações e o coração comprimido de paixões e illusões de amor e poesia.

«Soltei, pois, o grito de liberdade, abraçando a vida airada e a miseria em 1854. Tinha 19 annos.

«Havia eu então contrahido relações com um rapaz que me aconselhava litterariamente, Jeronymo Alves de Avellar Machado, que, quando lhe ea disse que me despedira, e que não tinha onde ir dormir, e só possuia de meu 5\$000 reis, e um bahu cheio de livros, me respondeu: –

Tens dinheiro para muito tempo, e fizeste bem em deixar o commercio. Com o teu talento podes ter uma bella carreira.»

Esta prophesia, que não falhou, a rarissimos seria dado realisal a. Para outros, com menos força de vontade, semelhantes palavras teriam sido o mais desastrado e perigoso dos conselhos.

«Quem me diria então a mim – escreveu Eduardo Coelho 20 annos depois, n’uma das narrativas dos seus «Passeios na Provincia», alludindo áquella quadra da sua vida, – que ainda havia de vir a ser compositor typographico, auctor dramatico, empresario e redactor de jornaes? Emfim, a gente tem de ser alguma cousa n’este mundo, e bom é quando, luctando braço a braço com a adversidade mais cruel, como eu luctei, accumulando um capital de lagrimas, desdens e desenganos, de que se tira tardio juro, não esmorece nem cae, vencido no campo, e póde, um

dia, sem ser pesado ao Estado, pôr as suas
faculdades á disposição dos seus concidadãos.»

1854-1857

Abandonada, portanto, e de vez, a carreira do commercio,urgia principiar vida nova, e occorrer ás necessidades instantes de todos os dias.

Com um capital de 5\$000 reis, e alguns livros, não podia evidentemente aspirar a uma existencia regalada, nem metter hombros a empresas de largo folego.

Coincidia, pois, com o fim da curta carreira commercial, o começo d'essa epoca difficil, que, em annos de prosperidade, Eduardo Coelho recordava saudosamente, e a que ficou chamado o «tempo da fome».

«Já lá vão 18 annos, escrevia elle em 1873, n'um folhetim consagrado á memoria d'um dos seus amigos d'então, o poeta Henrique Van Deiters. A sorte trazia-me a parodiar aquelles capitulos tristemente alegres de Henri Murger;

apprendia por entre as agruras e as minguas do viver abandonado, o officio de escriptor: as refeições do dia eram condimentadas com o pó dos livros da bibliotheca publica, ou limitavam-se aos sorrisos do amor e ás fugazes radiações da vangloria; á noite, ceava com as estrellas amigas na minha velha trapeira de uma travessa da baixa, onde não me molhava os pés a cheia da inveja, nem se atreviam a trepar as dolorosas honrarias da calumnia, amargos mimos dos dias de prosperidade. A minha porta tinha uma fechadura...de segurança, de que os meus amigos todos sabiam o segredo. Puxado por fóra um certo cordão, abria-se.»

«Por esse tempo, conta o seu biographo, foi Eduardo Coelho companheiro de casa e de aventuras de muitos escriptores e artistas, entre os quaes podemos enumerar Van Deiters, Mendes Leal (Antonio), Cesar Vasconcellos, escriptores

dramaticos notaveis, José d'Anchietta, o celebre explorador naturalista, que veiu a percorrer os sertões da Africa, e os actores Leoni e Joaquim d[Al]meida, com os quaes se deram scenas galantissimas da vida pobre.

«Eduardo Coelho, depois de ter sido mestre de meninos e professor de francez, depois de ter esgotado todos os recursos de que podia dispôr, sentiu-se afrouxar em meio da estrada do trabalho. Com a desgraça nem sempre se é heroe. Existem ainda alguns artistas do antigo theatro de D. Fernando, que um dia o foram encontrar completamente succumbido, desalentado e prestes a lançar mão do suicidio, como derradeiro recurso da desgraça! Estes artistas, seus amigos, arrancando as portas da casa, onde então vivia Eduardo Coelho, conseguiram salvar-lhe a vida,

derramando consolações boas e salutares na sua alma, immersa em trevas». ⁶

As dificuldades, sempre crescentes, com que luctava, fizeram-no pensar na aprendizagem da arte typographica. Entrou, portanto, para uma typographia da travessa do Convento da Encarnação, à Calçada de Sant'Anna, emprezaria do «Jardim Litterario», folha semanal que veio a acabar com o titulo de «Jardim do Povo», e onde havia publicado os seus primeiros ensaios litterarios, chegando mais tarde a ser, ao mesmo tempo compositor, administrador e redactor d'esse pequeno semanario.

«Quem me aconselhára tal resolução (diz elle, em um dos seus apontamentos) tinha sido o actor Pedro Pinto de Campos, que tambem foi

⁶ *Semana Illustrada*, n.º 2, do 1.º anno (1878): biographia pelo sr. Magalhães Lima

compositor, em circumstancias identicas, por falta de meios. Nas conferencias do botequim do Barnabé, no largo de Santa Justa, onde eu ía passar as minhas poucas horas todas as tardes, tinha-se discutido a these da minha regeneração financeira, e o Pinto de Campos tinha-me dado este bom conselho.

«Tendo apprendido a compôr, em casa do Philippe, do Jardim Litterario, onde já no fim d'um mez compunha quasi todo aquelle periodico, que tambem na maior parte escrevia, como o bom Philippe não podia dar dinheiro nenhum, pela cruel razão de que o não tinha, aconselhou-me a que procurasse uma typographia fóra, e, ajudado ainda por Pinto de Campos, fui para a rua da Cond[e]ça; de lá para o Elias dos cartazes, onde eu compuz o livreto das Vesperas Sicilianas, e d'outras operas. Na primeira semana fiz a feria total de 300 reis. Na segunda, já cheguei

aos 650 reis. Na terceira, estava rico: ganhei, nos 7 dias, 1\$300 reis. Era mais do que os 120 reis de que eu precisava para não morrer de fome, e toda esta felicidade m'a havia alcançado o trabalho, a oficina, a arte.

«Que consolação e que desvanecimento, se um obstáculo se não oppuzesse então a que eu fosse inteiramente feliz. E era que o Elias, sendo um bom velho, muito laborioso, honrado e bonissimo, não conseguia muitas vezes reunir o dinheiro preciso para pagar integralmente as férias no fim da semana. Do [Eli]as fui ainda para a imprensa do José Candido, na rua dos Douradores, onde se imprimia o jornal politico «O Parlamento», que advogava a politica conservadora do conde de Thomar. Era redactor principal Luiz de Vasconcellos Azevedo e Silva, homem de distincta educação, e simultaneamente escrevia com ele o D. José Lacerda, um excellente

caracter e o homem de bastantes conhecimentos. Algumas vezes ahi passei da caixa da composiçãõ para a mesa da redacção. D. José de Lacerda gostava de conversar commigo, e reconhecendo que eu tinha algum geito para escrever, convidou-me por vezes a fazer algumas noticias.

«Lembra-me que, havendo-se publicado a collecção das portarias com que o illustre José Maria Eugénio de Almeida fizera as notaveis reformas da Casa Pia, D. José me pediu que accusasse a oferta d'aquelle livro á redacção. Li-o e impressionou-me; e escrevi tres artigos numerados, que causaram alguma impressãõ, porque louvavam actos contra os quaes se levantára no publico uma exallada celeuma, e obrigaram José Maria Eugenio a subir á mansarda da travessa de S. Nicolau, onde eu morava, para me deixar o seu cartãõ de visita a agradecer.

«Do «Parlamento», onde ainda escrevi alguns folhetins theatraes, transitei para a imprensa nacional, com o auxilio dedicado do meu amigo José de Abreu, que era das relações de José de Almeida. Ahi passei por um exame na escola typographica, para o qual me deu lições o mesmo José de Abreu, e em que fiquei «nemine discrepante».—Tinha graça assente entre os compositores da imprensa nacional, possuindo o diploma, que ainda conservo».⁷

De um dos mais tristes episódios da sua vida de rapaz pobre deixou ainda Eduardo Coelho a narrativa, que vae lêr-se, e que bem mostra a delicada tempera do seu bondoso coração:

⁷ Segundo uma nota, que obsequiosamente me forneceram na imprensa nacional. Eduardo Coelho foi na mesma imprensa admittido, na qualidade de *official compositor* em 22 de maio de 1857 e, em 9 de janeiro de 1858, requereu e obteve licença illimitada.

«Era em 1857. Reinava então D. Pedro V. Eu era compositor typographico na imprensa nacional.

«Vivia contentissimo com os meus sonhos de gloria litteraria, que delimitavam os horisontes do meu espirito n'aquella epocha.

Ás vezes, não tendo que fazer, ia pelos botequins conversar com os janotas, mais ou menos calado sobre os meus infortunios, e sempre alegre. No café bilhar da rua do Ouro, depois denominado «Aurea Peninsular», encontrava-me varias noutes com um rapaz socegado e sem ambições, de conversação ingenua, maneiras polidas, e em quem eu percebi singular delicadeza de sentimentos, que logo me prenderam a elle. Era José de Almeida, filho de uma modesta familia da baixa, da qual era chefe um empregado publico distincto. José de Almeida também sympathisava commigo, e tendo-me elle apresentado á familia,

esta em breve me estimava, tratando-me sempre com affecto e distincção.

«Como eu tinha alli aquelle apoio, e não possuia então mais ninguém em Lisboa, aluguei um quarto proximo, n'um quinto andar, ou trapeira do prédio á esquina da travessa de S. Nicolau e rua dos Douradores, e fiz d'elle o meu quartel nocturno. Tempos andados, foi d'este quarto, que era um esconso com uma janelia, e onde apenas cabia a minha cama, que sairam para a publicidade os primeiros prospectos d'um jornal noticioso de 10 réis, mas que não devia vender se avulso nas ruas, e que se chamaria o «Boletim Noticioso».

«Mas não compliquemos os apontamentos. A febre amarella dizimava cruelmente a população de Lisboa. Começára pela Ribeira Velha, e uma das suas primeiras victimas fôra um rapaz meu amigo. Salvador Calaia, que morava na rua da

Padaria. Salvador, que era um rapaz de 17 annos, falleceu com o corpo cheio de nodoas negras, e como então não fosse causa bem definida, para o publico e para os médicos, a febre amarella, dizia-se que elle levára alguma sova com um sacco cheio de areia!

«Mas bem depressa se conheceu todo o horror do flagello, pois na baixa morreram familias inteiras, e aquellas ruas foram uma crypta immensa. A Ribeira Velha, houve uma casa d'um vidraceiro, na qual falleceram 9 pessoas, e tiveram de ser postas travessas nas portas, pela auctoridade. Na rua dos Douradores a mortalidade foi estupenda. Da igreja de S. Nicolau partiam, ás noites, para os cemiterios, enterros, em que se transportavam 30 cadaveres, em outras tantas seges.

«Voltava eu um dia da Imprensa Nacional a casa d'aquella boa familia, e encontrei o José com

febre. Combinei logo com a mãe ficar junto do meu amigo, e não ir no dia seguinte á imprensa. Como o pae, que me estimava, não havia de querer que eu perdesse o meu salario, porque me fazia falta, dir-lhe-hia que não havia que compôr. E assim se fez.

«Chamou-se logo o medico da casa, e o José teve um tratamento rigoroso, que não impediu a doença de progredir rapidamente, a ponto d'elle manifestar o vomito negro.

«De dia e de noite, pois, alli estive, a pé firme, como enfermeiro do meu amigo, sem descurar cinco minutos o gravissimo encargo, que me confiava aquella vida.

«Tinha-se por axioma que na febre amarella havia dois dias de crise – o setimo e o decimo quinto. José de Almeida, sobreviveu ao setimo, e chegou ao duodecimo, em que se ergueu da cama, n'uma grande afilicção, e abraçando-me com os

braços já meio hirtos, e d'um tom amarello de limão secco, balbuciou: – És um bom amigo! Na madrugada seguinte expirava. Em casa haviam adoecido da mesma terrivel molestia quatro irmãos do infeliz, e eu era a unica pessoa que alli os animava, porque toda a gente fugia dos doentes da febre amarella. Uma noite, porém, cahi sem forças, no meio d'uma das casas, vencido pela fadiga e pelo somno».⁸

Eduardo Coelho foi, pouco depois, atacado tambem pela terrivel doença, e com tal gravidade, que chegaram, no hospital, a consideral-o inteiramente perdido, e a cobril-o com um lençol, como mortalha, com destino ao cemiterio.

⁸ Os serviços por Eduardo Coelho prestados durante tão calamitosa quadra, vieram a justificar a concessão que a camara municipal de Lisboa, em sessão de 27 de setembro de 1869, lhe fez do uso da medalha de prata, instituida para galardoar serviços d'aquella natureza, conforme o decreto de 25 d'agosto de 1859.

Aos ligeiros apontamentos, que tenho reproduzido, com as indispensaveis alterações, que exigia a sua coordenação, se limita tudo quanto o meu biographado chegou a escrever com destino ás suas projectadas memorias.

Outros muitos episodios, porém, não me menos interessantes, se deram, por aquelle tempo, na vida do infatigavel escriptor, e de alguns d'elles, ainda hoje conservados na memoria dos seus amigos d'então, servirão de amostra os seguintes, que transcrevo d'uma das folhas que, por occasião da morte de Eduardo Coelho, os divulgaram:

«Muitas vezes o illustre jornalista (contava o periodico a *Tarde*, de 15 de maio de 1889) se referia ao tempo em que soffreu horriveis privações.

«Uma d'ellas foi quando morreu o actor Tasso.

– «Era um bom amigo! exclamou o Eduardo Coelho, sentado na cadeira presidencial da redacção.

Uma vez, quando eu tinha fome! disse-me que arranjava 30 assignaturas para os meus primeiros versos, e era elle quem puzera o dinheiro da sua algibeira; assignaturas nem uma!»

«Morava então na rua do Martim Vaz, n'um segundo andar bem modesto e pago aos mezes.

«Não se dava com pessoa alguma da vizinhança. Uma vez estava á janella e ouviu o seu visinho de cima cantar a canção dos *Zuaros*, que se repetia todas as noites no theatro de D. Fernando, e que estava muito em voga.

«Admirado de ouvir n'aquelle sitio cantar em francez, e para travar relações com o visinho, começou a cantar o *refrain* da canção. D'ahi dataram as suas relações até aos seus ultimos dias com o actor Leoni - o visinho - que nos narrou este caso com as lagrimas nos olhos».

«Ainda com o actor Leoni.

«Eram ambos pobrissimos, mas com amor ao trabalho. Depois de mil combinações para se tornarem *capitalistas*, resolveram fundar uma agencia onde se escreveriam cartas, requerimentos memoriaes áqueles que o não soubessem fazer. Se bem o pensaram, melhor o fizeram.

«Cartazes feitos á penna, eil-os por Lisboa fóra, munidos de pucarinha cheia de massa e d’uma brocha, a affixal-os pelas esquinas!

«Até ao Chiado foi o caso bem, mas em frente dos Martyres surge uma patrulha da municipal, e, apavorada pelo gorro vermelho de zuavo com que sahira Leoni, intima-os a que lhe digam o que estão fazendo. Conscios da sua innocencia, mostraram-lhes os seus pequenos cartazes.

«Então o arvorado achou satisfactorias as declarações dos *conspiradores*, Eduardo Coelho e Leoni tinham, por acaso apresentado o cartaz de pernas para o ar.

«No dia seguinte, estavam elles phantasiando caricaturas no esborado da parede, entrou-lhes em casa o seu primeiro e ultimo freguez - um sargento de infantaria. Vinha encarregal-os de *preparar* uma missiva amorosa para a viuva do seu capitão!

«Escrepta a carta, receberam do sargento tres tostões em prata. Foram tambem os primeiros e os ultimos!»

A vida de typographo mais havia accentuado em Eduardo Coelho a sua irresistivel tendencia para as letras, que nunca abandonára e a que

resolveu por fim entregar-se definitivamente sem que o amedrontassem os revezes das primeiras tentativas. E assim, pois, como elle proprio escrevia em novembro de 1863, deixou o officio de compositor «para ir buscar as eruditas lições do grande poeta que chamou ao trabalho – riqueza, virtude e vigor, – e com ellas deu entrada no theatro e na imprensa».

1858-1865

Desde 1858, segundo se deprehe de do prologo das «Historias de Hoje», Eduardo Coelho subsistiu exclusivamente do trabalho litterario, soffrendo durante sete ou oito annos, até á plena acceitação do seu jornal, a pouca fortuna e as muitas privações que geralmente acompanham quem á vida das letras se dedica, desprovido de quaesquer outros recursos.

Buscando ávidamente a convivencia dos homens illustres d'aquelle tempo, serviu de secretario a dois dos mais eminentes entre todos - José Estevão e Antonio Feliciano de Castilho, com quem esteve alguns mezes, e que sempre o ficou contando no restricto numero dos seus dilectos.

Em 1861, convidado por Antonio Xavier de Brederode, proprietario da «Revista

Contemporanea», para ir exercer na capital da França, o cargo de secretario de Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, que então residia em Paris. Eduardo Coelho acceitou, com alvoroço, o convite, em carta, de que ficou copia, datada de 25 de outubro d'aquelle anno.

«Antonio Augusto conhecia-me, pela tentativa de romance historico «A vida d'um principe», de que a «Revista» se occupára, e por artigos e folhetins na «Revolução» e outros jornaes. Não se realisou esse contracto, porque Teixeira de Vasconcellos, que já havia pactuado as condições, resolveu por essa occasião, regressar a Portugal (março de 1862). Quando chegou, era eu chronista da «Revolução», onde elle escrevia umas deliciosas correspondencias».⁹

⁹ *Passeios no estrangeiro*, pag. 56.

Na primeira folha d'um album, que pertenceu ao illustre romancista e fundador do *Jornal da Noite* e que

Eduardo Coelho adquiriu em 1880, deixou este a seguinte nota: «Este album pertenceu ao jornalista portuguez Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos. Comprei-o no leilão do seu espolio, em Lisboa, por ficar com uma memoria d'aquelle escriptor illustrado, de quem, em dias de pouca fortuna, estive para ser amannense em Paris, a quem, em dias de mingua e abandono para elle, pude no *Diario de Noticias* proporcionar trabalho remunerador, e a quem vi morrer em Paris, abandonado de todos os affectos da familia, dos amigos, na escura casa da rua Joubert, que tão triste impressão me deixou». Como collaborador do *Diario de Noticias*, Teixeira de Vasconcellos publicou, em 1870, varios artigos sobre intuições economicas, e a collecção de folhetins, que veiu a formar o volume *Papeis Velhos*. Foi pouco depois que elle fundou o *Jornal da Noite*, no qual, passados sete annos (abril de 1877), lembrava, com agradecimento, a protecção que Eduardo Coelho lhe dispensára, «quando as eventualidades publicas o haviam condemnado a um ostracismo momentaneo, e de nenhuma sorte merecido, com o qual padecia uma familia inteira.»

«As minhas relações com Antonio Augusto, escreveu Eduardo Coelho no capitulo dos *Passeios no Estrangeiro* consagrado a morte do insigne jornalista, datam da *Revolução de Setembro*, e estreitaram-se na redacção da *Gazeta de Portugal*, notavel folha politica e litteraria de que elle foi fundador, como o fora do *Arauto*, e de que tinha a responsabilidade, como editor, Brito Aranha, um dos seus collaboradores mais uteis.»

Em sessão da Associação dos Jornalistas e Escriptores Portuguezes, em março de 1881, Eduardo Coelho

No prologo das «Historias de Hoje», diz-se allundindo-se a esta epocha da vida de Eduardo Coelho:

«Os modestos productos da sua penna iam abysmar-se n'esse golphão sem fundo, que alguem chamou o cemiterio das letras, o jornalismo diario, e o auctor lidava n'este trabalho improbo, muitas vezes util, mas sempre inglorio, dos artigos, das chronicas, das correspondencias diarias, tendo sido largos mezes correspondente do *Nacional e Porto e Carta*, do Porto, do *Douro*, da Regua, da *Gazeta do Meio Dia*, de Evora, do *Conimbricense*, da *Razão*, de Valença, cinco annos chronista e folhetinista do *Conservador*, e simultaneamente tres, redactor effectivo da *Chronica dos Theatros*, de que foi fundador com o sr. Eusebio Simões, mais de tres annos encarregado da secção noticiosa da *Revolução de Setembro*, e

propunha e era unanimemente approvado, que se obtivessem, por subscrição, meios para ser collocada, pela associação, e em nome dos escriptores portuguezes, uma lapide sobre a sepultura de Teixeira de Vasconcellos, cujo corpo ficará em Paris, n'uma campa rasa do cemiterio Montmartre.

agora, nos ultimos doze annos, redactor do *Diario de Noticias*. Um capital immenso de trabalho irreproduzivel pela maior parte.»

Não foi todavia, unicamente n'estas folhas que Eduardo Coelho collaborou com effectividade. Em quasi todas as que ha trinta annos se publicavam em Lisboa, e particularmente nas de indole litteraria ou scientifica, se encontram escriptos firmados pelo seu nome.

Especialisarei, por serem dos primeiros e mais antigos periodicos para que escreveu, o «Jornal para todos», pequena revista illustrada, que começou a publicar-se em Lisboa, em 24 de setembro de 1859, e de que parece ter elle sido, até o n.º 15, o director e o redactor principal; o «Archivo Universal», uma das melhores publicações d'aquella epoca, e que desde o n.º 17 do seu 2º anno (1860) o incluiu na lista dos seus

colaboradores effectivos, entre os quaes figuravam Herculano, Castilho, Oliveira Marreca, Andrade Corvo, Latino Coelho e Rebello da Silva; e o «Monitor Portuguez que em 1863 começou a publicar-se semanalmente em Lisboa e que teve como collaboradores, entre outros Manuel de Roussado e Julio Cesar Machado, incumbindo-se Eduardo Coelho da «revista litteraria».

A sua mais longa e assidua collaboração foi, porém, na «Chronica dos Theatros», periodico quinzenal, que principiou em 1 de setembro de 1861, e de que foi director e quasi exclusivo redactor, durante o primeiro anno, cargo em que lhe succedeu José Maria Pereira Rodrigues; no «Conservador»¹⁰ folha politica e noticiosa que

¹⁰ D'este jornal, que tambem era impresso na *Typographia Universal* da rua dos Calafates, n.º 110, onde tinha os escriptorios, foi gerente Antonio Ferreira de Simas Junior,

começou a publicar-se em Lisboa, em 21 de janeiro de 1862, e de que elle foi, como já acima fica dito, folhetinista e chronista durante alguns anno; e conjunctamente na «Revolução de Setembro», onde, ainda bastante depois da fundação do **Diario de Noticias**, permaneceu como noticiaria, cargo de que Antonio Rodrigues Sampaio insistia em não o querer exonerar, mesmo quando Eduardo Coelho lhe expunha a impossibilidade de o exercer, e a

que já o havia sido do periodico a *Lei*, e que veio a ser o administrador do *Diario de Noticias* até 3 de fevereiro de 1890, em que falleceu. O *Conservador* era folha de opposição ao gabinete do duque de Loulé. Eduardo Coelho, sem nunca se envolver na politica do periodico, limitou-se, como chronista, a ser a expressão exacta d'essa entidade, que elle proprio descrevia no 1.º numero do jornal, especie de «judeu errante, que anda, sem cessar, dia e noite, de rua em rua, de casa em casa, de club em club», colhendo elementos para a sua chronica; e a procurar, como folhetinista, «não, ter graça, dizia elle, mas cahir em graça.»

necessidade de se fazer substituir definitivamente.

As relações de Eduardo Coelho com Pinheiro Chagas, estreitadas mais tarde até á intimidade, datam do tempo, em que ainda aquelle era simples noticiaria do «Conservador», e tiveram começo n'um facto, que o illustre romancista e director do «Correio da Manhã» lembrava em 1889, n'um bello artigo ¹¹ consagrado á morte do seu companheiro e amigo:

«Dias depois da morte de D. Pedro V, conta M. Pinheiro Chagas, começou Antonio Feliciano de Castilho a compôr a poesia (*No transito de D. Pedro V*) que lhe fôra pedida pelo director da *Revista Contemporanea*, Ernesto Biester.»

«Ora, quando a poesia appareceu, eu, que andava procurando todas as occasiões de confiar a minha prosa e os meus versos á letra redonda, entendi que

¹¹ No jornal *O Paiz*, do Rio de Janeiro (*Diario de Noticias*, n.º 8†460, de 28 de julho de 1889.)

era optimo o ensejo de applaudir publicamente o grande poeta, e quiz publicar um folhetim em honra da famosa poesia. Como publicar-o, porem? Não conhecia um unico jornalista, e ao mesmo tempo não queria que fosse o proprio Castilho quem me franqueasse os aditos da publicidade. Um amigo meu, João Cesario de Lacerda, tinha a dita [i]nefavel de ser amigo particular do noticiarista do *Conservador*. O noticiarista, informado por elle da pretensão do desconhecido, que desejava publicar a sua primeira critica debaixo do veu do anonymo, prestou-se generosamente a conceder a esse modesto joven as honras do folhetim, que elle mesmo prefaciaria. Confundido por tão generoso offerecimento, entreguei a minha prosa e a minha calligraphia – ó compositores do *Paiz*, consagrae a homenagem da vossa fervida sympathia aos compositores do *Conservador* em janeiro de 1862! foram os primeiros que se viram a braços com a minha letra! – no corpo typographico d' esse jornal.

«Sabem, porem, como se chamava esse noticiarista, que assim me abria as portas da imprensa, e prefaciava com phrases amaveis uma prosa que não sei como diabo elle entendeu? Chamava-se Eduardo Coelho, e foi elle que eu acompanhei ha oito dias á ultima morada.»

Apezar de, na collaboração do «Conservador», se manter escrupulosamente alheio a controversias politicas, limitando-se á parte litteraria e noticiosa do jornal, houve quem na imprensa de Lisboa insinuasse, como menos correcto, o facto de elle redigir, ao mesmo tempo, as secções noticiosas de dois periodicos da capital.

Eduardo Coelho immediatamente sahiu a campo, levantando a affronta, e abrindo d'este modo devassa publica aos seus actos:

«O encarregado d'esta secção, escrevia elle na *chronica do Conservador*, em 21 de agosto de 1833, espera dever ao cavalheirismo de todos aquelles que o julgarem cahido em contradicção de ideias ou principios, o obsequio de formularem claras as suas accusações, a fim de que elle possa defender-se de qualquer injustiça que se lhe faça».

A este appello corresponderam espontaneamente duzentos dos mais considerados negociantes, empregados publicos, escriptores e artistas de Lisboa, que na «Gazeta de Portugal» e no «Conservador» accudiram a prestar homenagem ás qualidades de character e de espirito de Eduardo Coelho, ácerca de quem o seu proprio detractor, o fallecido jornalista e deputado Eduardo Tavares, se via forçado, em respeito á verdade, a fazer a declaração seguinte:¹²

«Empreguei, como represalia, expressões offensivas do character, aliaz immaculado, do sr. Eduardo Coelho, que muito espontaneamente me apraz retirar, dando assim um testemunho sincero da profunda convicção em que estou da sua probidade.»

¹² *Commercio de Lisboa* de 22 de novembro de 1863.

Outro testemunho, não menos eloquente, havia-lh'o anteriormente dado a classe typographica, no documento em seguida transcripto, assignado por 103 typographos, entre os quaes figuravam os nomes do fallecido Silva e Albuquerque e do sr. P. W. Brito Aranha, e que, sendo primeiramente publicado na «Gazeta de Portugal», de 12 de outubro de 1863, a redacção politica do «Conservador», no dia immediato, se apressava a reproduzir:

«Os abaixo assignados, membros da classe typographica, tendo conhecimento de que a reputação do seu antigo collega, e hoje escriptor, o sr. Eduardo Coelho, foi desfavoravelmente avaliada em um dos jornaes da capital, lamentam profundamente tão desagradavel acontecimento, e dão aqui testemunho solemne e expontaneo, pelo conhecimento que teem do mesmo senhor, da sua probidade, intelligencia e confraternidade, qualidades estas que o tornam digno da maior estima dos seus collegas typographicos. Lisboa, 9 de outubro de 1863.»

Foi durante este periodo de 7 annos, isto é, de 1858 a 1865, que Eduardo Coelho mais se entregou aos trabalhos dramaticos, tanto da sua predilecção, não me constando que, depois da fundação do **Diario de Noticias**, tivesse escripto para o theatro obra de vulto.

Á especial aptidão por elle revelada para o genero, corresponderam as boas graças do publico, e as da «censura», que, por intermedio dos mais notaveis criticos dramaticos da epocha, lhe approvava e animava as tentativas. E assim era que Lopes de Mendonça, em 6 de julho de 1858, dando o seu voto de approvação ao primeiro ensaio dramatico de Eduardo Coelho, escrevia:

«Está (a comedia *Um namorado exemplar*) correctamente escripta, desenha com verdade o viver e o sentir dos populares typos que reproduz, revela engenho, e está concebida com intuito de moralidade,

fim a que se deve encaminhar toda a fabula dramatica.»

E, no anno seguinte, os censores José da Silva Mendes Leal, Ernesto Biester e o mesmo Lopes de Mendonça, approvavam e recommendavam uma outra comedia de Eduardo Coelho, o «Amor conjugal», como digna de ser representada no theatro normal, visto «o auctor d'esta producção revelar uma vocação feliz, e uma cultura de espirito, muito superior ao vulgo das peças apresentadas á censura.»

É difficil fazer a enumeração completa do que elle chamou as suas «tentativas dramaticas», como não é facil tambem enumerar todos os livros que publicou anteriormente a 1805, alguns dos quaes, ha muito, desapareceram totalmente do mercado.

Da sua obra literaria, anterior a fundação do **Diario de Noticias** sobreevavam, porém tres livros: «A vida d'um principe», romance historico, que tomou por assumpto a desastrosa morte do principe D. Affonso, filho unico de D. João II, na margem do Tejo, juncto a Santarem, em 12 de julho de 1491; os «Primeiros versos», volume de 100 paginas, publicado em 1861; e o drama «Oppressão e liberdade», que data do mesmo tempo, mas que só foi publicado dez annos mais tarde.

Os «Primeiros versos» abrem por estas melancolicas quadras – «No ermo – amostra do tom geral do livro:

Agora que perpassa o somno sobre as palpebras
Da lassa humanidade, em ti me escondo, ó ermo;
Em teu silencio grave eu busco o alivio unico
Que sobre a terra encontra um coração enfermo.

Enfermo, porque a vida, em penas crudelissimas
Lhe vae trocando a esp'rança, a crença, a fé, o amor;
Delicias, que entrevira, em maguas só convertem-se;
Prazeres, que sonhára, expiram junto á dor.

N'aurora da existencia, a sorte, em vis supplicios
Trocou-me afagos mil, que o berço me offertou;
Um turbilhão social, em seus ingratos impetos,
Creação, por meu mal! do lar me arrebatou!

Sem guia errando, a sós, por esse mundo turbido,
Rasgarem-me senti o coração no seio;
Curvei-me á impiedade, e sei que uma aura gélida,
Em vez do antigo ardor, de frio enchel-o veiu.

Os outros dois livros, a que aludi, foram pela
critica recebidos com justos louvores, e á «Vida
de um principe», encarecida, ao tempo do seu
apparecimento, por Silva Tullio, Julio Cesar
Machado e Ernesto Biester, que, na «Revista
Contemporanea», lhe consagrou palavras de
favoravel acolhimento, deveu Eduardo Coelho o

torna-se conhecido d'uma classe mais escolhida de leitores.

Não me deterei a apreciar os escriptos de Eduardo Coelho, no periodo que decorre até fins de 1864. A sua obra capital ia então ser encetada corajosamente, e foi a ella que d'ahi em diante consagrou toda a energia da sua actividade, e todo o poder da sua fecunda intelligencia.

Dentro em pouco ia principiari para Eduardo Coelho uma vida nova. Quando chronista do «Conservador», escrevera elle estes periodos, que podiam definir 17 annos da sua existencia, desde que chegámos a Lisboa, em 1848, até ao começo da prosperidade do seu jornal:

«Eu aqui tenho experimentado de tudo: os sorrisos da ventura e as lagrimas da desgraça; o remanso e a paz da alma, e a agitação das grandes luctas intimas; os suaves clarões da esperanza e as

procellosas trevas do desalento; os gratos enlevos do amor, e as cruciantes dôres da traição.

«E só, abandonado, abordando-me ao trabalho, e soccorrendo-me á justiça dos homens de consciencia, se não tenho sahido heroe da lucta, ao menos não depuz as armas no campo, nem recuei perante o perigo».

Poucos annos depois de escriptas estas palavras, Eduardo Coelho podia affirmar que, sem abandonar um momento os principios que severamente se impuzera, sem depôr as armas no campo, nem recuar perante o perigo, sahira emfim heroe da lucta. Porque nenhuma outra lucta, em verdade, houve mais tenaz, mais persistente, mais cortada de riscos e de contrariedades, do que a da implantação do seu jornal, que havia de dar-lhe, com os commodos de uma legitima fortuna, os louros d'uma gloria honrada.

O Diario de Noticias

O DIARIO DE NOTICIAS,
desejado e bemvindo em todas as
familias, é estimulo perpetuo de
leitura.

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO
(*Visconde de Castilho*).

O DIARIO DE NOTICIAS é
o echo de toda a obra boa que por esta
terra se faz.

VIEIRA DA SILVA.

Tendo-se familiarisado com os trabalhos jornalisticos, na assidua collaboração das folhas periodicas de ha 30 annos, Eduardo Coelho foi quem, em Portugal, primeiro e mais perspicazmente do que qualquer outro, previu o largo futuro d'uma empreza de indole inteiramente nova entre nós, como seria a de um

jornal noticioso, genuinamente imparcial e independente, cujo preço estivesse ao alcance de todas as bolsas, e cujo programma e cujos processos se assemelhassem aos de alguns periodicos estrangeiros de sua particular predilecção.

Tornara-se-lhe esta idéa a preocupação de todos instantes, o objecto de todos os seus planos, o thema favorito das suas conversações, como elle próprio escreveu, traçando em 1885 a biographia de Thomaz Quintino Antunes,¹³ ao historiar por estas palavras a fundação do seu **Diario de Noticias**»:

«O auctor d'este esboceto, que em 1864 redigia os noticiarios da *Revolução de Setembro e Conservador*, e as correspondencias de tres jornaes da provincia, tinha a mais profunda crença no exito d'um jornal do

¹³ *Diario Illustrado* de 4 de setembro de 1885 e *Diario de Noticias* n.º 7:051, de 6 do mesmo mez e anno.

genero da *Correspondencia de España* e do *Petit Journal*, de que muito falava, e de que já havia dois annos tentára a publicação, por assignatura, com o titulo de *Boletim Noticioso*, jornal de noticias e anuncios a 10 réis.

«Havia 5 annos que lidava n'essa ideia, que chegou a qualificar de *monomania*.

«Sendo assiduo redactor do *Conservador*, encontrou-se muitas vezes a falar na ideia do jornal com Thomaz Quintino, o qual, nutrindo igual fé, se lhe associou para a realisarem, na melhor oportunidade, o que fizeram no dia acima indicado (29 de dezembro de 1864)».¹⁴

Muitos julgavam o empreendimento arriscado, enquanto outros absolutamente descreiam da sua proficuidade; e quem bem conheça o nosso meio, a estreiteza de vistas dos nossos industriaes, e a timidez, até certo ponto

¹⁴ O n.º 1 do *Diario de Noticias* tem a data de 1 de janeiro de 1865, domingo. Precederam-no porem, os dois *numeros programados* de 29 e 30 de dezembro de 1864.

justificada, da maioria dos editores portuguezes, sem dificuldade calculará quantos obstaculos se opporiam á realisação d'esse projecto, em que Eduardo Coelho confiava com uma fé, que se não mallogrou, e quão poderoso auxilio em tal conjunctura lhe prestaria o já então proprietario da Typographia Universal, que á nova publicação ligava para sempre o seu honrado nome.

Concorrendo, pois, um com o seu trabalho infatigavel, e outro com as forças do seu então modesto capital, era finalmente lançado á publicidade, entre a natural anciedade dos seus fundadores, a indefferença de um publico sem o habito da leitura, e os desdens dos magnos sacerdotes da litteratura e do jornalismo, no dia 29 de dezembro de 1864, o numero-programma do **Diario de Noticias**.

Ahi, a empreza explicava d'esta fórma a indole e a missão da nova folha:

«*O Diario de Noticias* - o seu titulo o está dizendo - será uma compilação cuidadosa de todas as noticias do dia, de todos os paizes e de todas as especialidades, um noticiario universal. Em estylo facil e com a maior concisão, informará o leitor de todas as occorrencias interessantes, assim de Portugal como das demais nações, reproduzindo á ultima hora, todas as novidades politicas, scientificas, artisticas, litterarias, commerciaes, industriaes, agricolas, criminaes e estatisticas, etc. Eliminando o artigo de fundo, não discute politica, nem sustenta polemica. Registra com a possivel verdade todos os acontecimentos, deixando ao leitor quaesquer que sejam os seus principios e as suas opiniões, o commental-os a seu sabor. Escripito em linguagem decente e urbana, as suas columnas são absolutamente vedadas á exposiçõ dos actos da vida particular dos cidadãos, ás injurias, ás allusões deshonestas e reconvenções insidiosas. É pois um jornal de todos e para todos - para pobres e ricos de ambos os sexos e de todas as condições, classes e partidos.

Todos os paizes illustrados possuem publicações d'este genero, e nomeadamente a Inglaterra, a França, a Belgica, e ainda a nossa visinha Hespanha,

publicações que teem attrahido consideravel numero de sympathias, leitores e subscriptores.

A idéa não é, pois, original nossa, senão imitada ou traduzida, como melhor quizerem, para prehencher uma notavel lacuna do nosso jornalismo. E os meios de publicação que a empresa do *Diario de Noticias* adopta, embora pareçam singulares, são tambem uma copia fiel do que se usa n'esses paizes, onde se comprehendem e se exploram todos os meios de publicidade.

O programma do *Diario de Noticias* está posto em acção no seu 1.º numero. A empresa não faz senão uma promessa, e é que buscará corresponder á confiança publica, e ser grata ao favor com que espera ver acolhida a sua idéa, operando gradualmente todos os melhoramentos que a experiencia lhe for aconselhando.»

Este programma, simples como agora parece, importava comtudo, por si só, uma completa innovação de principios na imprensa portugueza.

Estavamos, em verdade, ha um quarto de seculo, pouco mais adeantados do que se estava em França, no tempo da Restauração, no tempo do

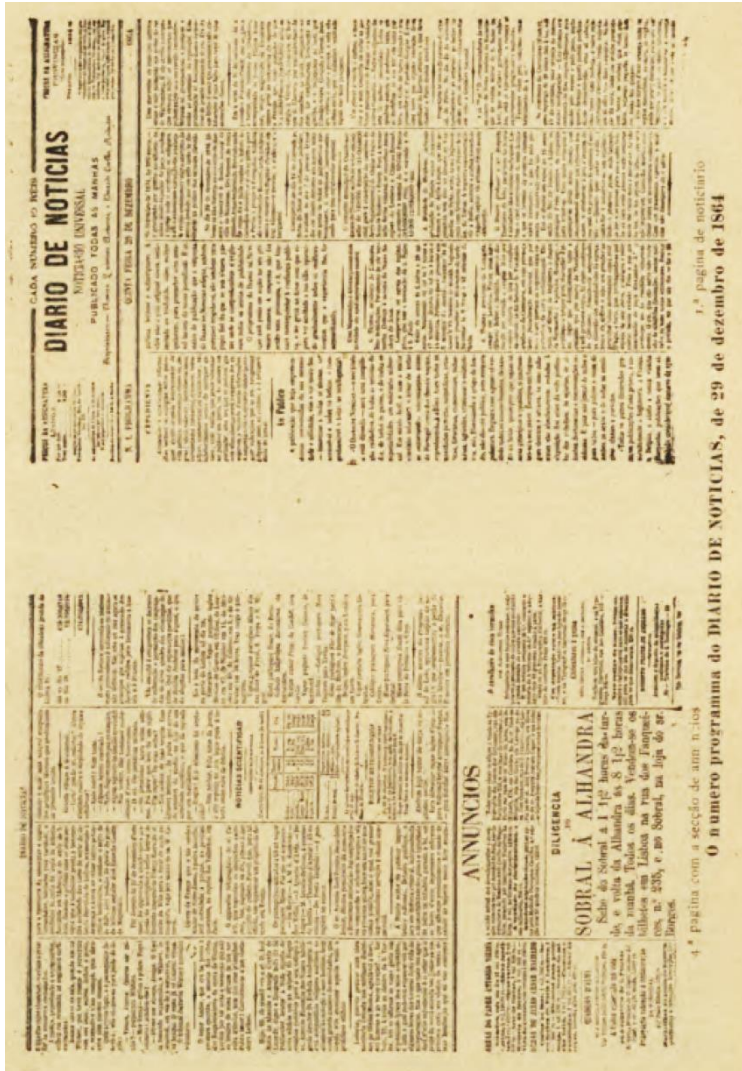
jornalismo essencialmente doutrinário, em que eram tão grandes os artigos, como pequenas eram as tiragens. Porque ainda effectivamente não havia chegado Girardin, o grande revolucionário da imprensa franceza, e com elle o periodo em que a litteratura e as noticias deviam começar a preponderar nos periodicos, cedendo a politica, a pouco e pouco, o passo á «reportagem» e á chronica.

É certo que nem todos reconhecem n'esta evolução um verdadeiro progresso, e que, bem ao contrario, muitos lhe attribuem o que vulgarmente se chama «a crescente decadencia do jornalismo»; mas não é menos certo tambem, e não é menos justamente, a meu ver, que outros filiam essa mesma decadencia, por um lado, na exploração da imprensa pelo desenfreado «affarismo» da politica e da finança, que a escravizam a interesses pessoas, nem sempre escrupulosos, e por outro,

no desbocamento das polemicas jornalisticas, n'essa frequente inobservancia d'uma simples regra de bom viver, por Henri Maret definida n'estes justissimos termos — o não escrever cada um aquillo apenas que seja capaz de dizer cara a cara, e de viva voz.

É facto, porém, que, do mesmo modo que no jornalismo politico e de combate, em Portugal, se perpetuou um nome — Antonio Rodrigues Sampaio — ligado a duas folhas notabilissimas — «O Espectro» e a «Revolução de Setembro»; do mesmo modo que no jornalismo litterario avulta a memoria do escriptor que entre nós o creou, e mais brilhantemente o desenvolveu — Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos; assim tambem do jornalismo popular e noticioso, imparcial e morigerado, inoffensivo na propaganda e incolor em politica, ha-de ficar, distincto entre todos, um modelo no genero — o **Diario de Noticias** — e um

nome — o de Eduardo Coelho — que difficilmente se confundirá com o de qualquer outro.



A feliz idéa que presidira á criação do jornal, não menos que o modo pratico como se lhe dava realisação, a prodigiosa actividade desenvolvida para em nada se faltar aos pesados compromissos contrahidos, sem demora determinaram um tal crescendo de acceitação e de sympathia, que, no fim do primeiro anno de publicação, tinha-se a tiragem do **Diario de Noticias** elevado, de 5:000,, como fôra a principio, a 9:600 exemplares por dia.

Todos procuravam esse «grande jornalsinho», como Bulhão Pato lhe chamava, todos o liam, desde os membros da familia real, que não tardaram a inscrever-se na lista dos seus assignantes, até o mais humilde homem do povo. E se realmente, em pouco mais de um anno, a tiragem quasi duplicava, triplicando o numero dos seus annunciantes e vendedores, simultaneamente tambem fôra elevado ao dobro o maior formato do jornal.

O Diario de Noticias não deixava de progredir, rompendo corajosamente por entre os que lhe queriam, a todo o transe impedir a marcha; e, conhecendo bem o intento dos seus inimigos, dizia, em 17 de junho de 1866:

«O nosso crime é termos fundado um jornal baratissimo para o povo, e que tem a fortuna de possuir um consideravel numero de amigos, leitores e annunciantes. *Isto de ter inimigos é uma honrada desgraça*, diz o padre Vieira. Os inimigos veem na proporção dos amigos e dos bens; mas felizmente para nós, na razão de 3 por cento, que é o juro dos papeis de credito.»

Depois de uma renhida campanha, em que ficou vencido, mas não convencido, Antonio Augusto de Aguiar, alludindo aos obstaculos que o haviam contrariado no seu nobre empenho de melhorar as condições do porto de Lisboa, affirmava, n'uma conferencia publica, que os

homens de governo se parecem, em muito, com os artistas de theatro; uns e outros, ao mesmo tempo que são victoriados pelo publico, são de ordinario deprimidos, nos bastidores, pelo seus collegas na arte.

O que se dá com os homens de governo, dá-se com todos os que se collocam n'uma evidencia honrosa.

Eduardo Coelho experimentou-o como poucos; e não foi certamente do publico que partiu essa guerra sem treguas, de que sahiu, sem duvida, largamente victorioso, mas de que lhe resultaram amarguras e desgostos, que muito concorreram para que tão breve se lhe consumisse a vida. Porque o publico havia-o comprehendido desde logo; e d'essa prompta comprehensão, d'essa perfeita correspondencia entre a indole do jornal, e o gosto e o entendimento dos seus leitores, proveiu a popularidade que o cercou, e a

prosperidade, que serviu de justa recompensa a tantos sacrificios e dissabores.

Se a fortuna do empreendimento estava, em grande parte, na bondade intrinseca da idéa, não menos essencialmente o estava também na maneira como esta viesse a ser posta em pratica.¹⁵

E o programma do **Diario de Noticias**, consubstanciando, ao tempo em que foi concebido, a razão de ser do jornal, não explicaria ainda agora o porquê da sua longa e desafogada existencia, se como tão raro succede a programmas de qualquer natureza, resistindo a

¹⁵ Muitos houve que pensaram na fundação do jornal noticioso, e ao verem a prosperidade do *Diario de Noticias* ainda hoje pensam que lhes caberia egual fortuna, se tivessem realisado a sua idéa. Puro engano. A idéa era o menos, a perseverança, o tacto, a prudencia para a realisar e manter sem alteração era o essencial, e para isso nem todos teriam as condições de espirito de Eduardo Coelho.» Artigo de *Ruy Barbo* (o sr. Alfredo Ribeiro) no jornal satyrico o *Pimpão*, n. ° 661, de 19 de maio de 1889.

todos os contratempos, a todos os ataques, a todas as sugestões, não tivesse, até hoje, sido cumprido com uma pontualidade e um escrupulo irreprehensíveis.

Voltaire, nos seus «Conselhos a um jornalista», havia dito que o meio unico de um periodico ainda poder vingar, entre a alluvião de publicações que já no seu tempo enchiam a França, se resumia em duas palavras — ser imparcial.

Ninguem o foi mais e melhor do que Eduardo Coelho; e nenhum jornal, tanto como o **Diario de Noticias**, soube compenetrar-se d'aquella maxima sensatissima.

Muitas folhas, de Portugal e do estrangeiro, a teem inscripto nos seus programmas, como a norma de proceder mais adequada para conquistar

leitores. Pouquíssimas, porém, se lhe teem sabido conservar fieis.

Em 1868, Mendes Leal, dissertando ácerca dos deveres da imprensa, dizia que esta não argumentava, invectivava; não discutia, exprobava: não se contentava de theorias, e só se alimentava de diffamações, pospondo o acto, para só curar de pessoa.

Proscrevendo tambem das suas columnas a «exposição dos actos da vida particular dos cidadãos, as injurias, as allusões deshonestas e reconvenções insidiosas», preceituando a correcção d'uma «linguagem decente e urbana», o **Diario de Noticias** apartava-se ainda com vantagem do caminho trilhado pelos periodicos da epocha.

Nem todos, é certo, o comprehendiam assim, e um dos defeitos que pretendiam encontrar no novo jornal, era precisamente o eximir-se a

discussões e evitar polemicas. Defendendo-se, porém, d'esta imputação, o **Diario de Noticias** respondia:

«Conhecemos quanto é mais facil que a linguagem composta, a phraseologia desgrenhada; menos difficil o estylo caustico que o emolliente; menos obrigada a praxes a paixão desenfreada que a aspiração regrada pela luz serena do entendimento, claro ou obscuro». (N. ° 2.371, de 7 de setembro de 1873).

«Não nos furtamos a entrar em qualquer conversação urbana, decorosa e util; ao que nós fugimos systematicamente é ás polemicas desvairadas, insultuosas e inuteis, que offendem ás vezes a moral e o bom senso, aborrecem os leitores ,e são uma das causas principaes da decadencia da imprensa politica, e da indifferença com que, segundo já vimos escripto, o publico a olha por vezes; a essas e a tudo quanto n'esse genero se filia, negamos desde muito absolutamente as nossas columnas, fechando-lhe até as portas da administração ,embora com damno dos legitimos interesses da empresa». (N. ° 4:[55]8, de 28 de setembro de 1878).

Não implicavam comtudo estas normas, que invariavelmente teem sido mantidas, o silencio ou a abstenção do **Diario de Noticias** nas questões de principios, de ordem publica, ou de utilidade geral. Attestam-no o modo como sempre calorosamente pugnou por tudo o que se relacionasse com a liberdade individual e de imprensa — elle que, pela especial natureza do seu programma, menos do que qualquer outro está sujeito a exorbitar; com o respeito e a inviolabilidade das pessoas; com a autonomia do paiz, os melhoramentos de interesse commum, com todas as grandes e patrioticas manifestações da vitalidade nacional.

«Se o povo não lia, era porque não tinha leituras accessiveis ás suas limitadas posses, escrevia Eduardo Coelho no **Diario de Noticias**,

em fins de março de 1865. Com tres mezes de existencia apenas, esta folha é hoje adquirida diariamente por mais de 6:000 pessoas de todas as classes e sexos, desde o paço dos nossos reis, até a humilde morada do pobre».

Subordinando se exclusivamente a um fim scientifico, litterario ou artistico — mais geralmente politico — os periodicos da epocha não attentavam em que, estranha á politica, e, pela sua limitada instrucção, pouco interessada pela alta sciencia ou pela alta litteratura, havia no paiz uma classe, de todas a mais numerosa, cuja curiosidade se satisfazia com as noticias de interesse geral, quanto possivel exactas e não desfiguradas pela paixão de quem as transmittisse, e cujo gosto pela leitura não podia evidentemente ser cultivado por meio de publicações muito acima dos seus recursos pecuniarios e intellectuaes. Podia-o, e devia-o ser comtudo, por meio de escriptos,

singelos na fórmula, facilmente assimiláveis, claros na ideia, e tanto pelo que respeitava aos factos que ocorriam, como á diffusão dos conhecimentos geraes indispensaveis á vida, sempre interessantes, sempre praticos, sempre adequados a illustrarem e a prenderem sem esforço a attenção de quem lia.

Ora os jornaes mais considerados de ha 40 annos não satisfaziam manifestamente a este «desideratum», porque a politica absorvia tudo; e era com verdade que no **Diario de Noticias**, invertendo totalmente estes habitos, dizia o seu director, ao encetar o 13.º anno da sua publicação:

«Implantando n'este paiz uma publicação nova, de um character especial, destinada principalmente ás classes a quem se não proporcionavam leituras faceis e modicissimas, que, despertando-lhes, pelas novidades quotidianas, os estimulos da curiosidade, as chamassem ao amor do estudo, ao convivio do

jornalismo, de que andavam alheadas, e illustrando-as com as copiosas noções do saber que n'estes mil nadas de todos os dias se vão, sem esforço, introduzindo ao espirito das multidões — á empreza pareceu-lhe que fazia uma obra digna da cooperação e do applauso dos homens justos e imparciaes».

Como elemento educador os esforços do **Diario de Noticias** teem portanto um valor incalculavel.

Ao fechar o seu primeiro anno de existencia, 36 jornaes da provincia reconheciam, em termos de caloroso incitamento, os altos serviços devidos pela instrucção popular a essa empreza, que mal começava; e quando, em vez de 9:600 leitores, o **Diario de Noticias** conseguira ser lido por 26:000 pessoas, Eduardo Coelho merecia bem as palavras de Antonio Augusto de Aguiar, na carta a que me referi na introducção d'este trabalho — palavras a que a incontrovertida auctoridade de homens como

Herculano, Castilho e D. Antonio da Costa dava, por seu lado, uma plena e honrosa confirmação; merecia bem que o considerassem como «valendo só á sua parte por muitas escolas», tantos foram os conhecimentos uteis que diffundiui, e tantas as boas e salutaes lições, que fez fructificar.

Nos «Assumptos do dia», secção que devia corresponder á dos artigos de fundo politicos das outras folhas, acham-se tratados todos os problemas que interessam o bem estar do povo.

Não se procurem alli nem catilnarias contra certos governos, nem adulações a derterminados governantes. O que n'elles se encontra é a defeza ardente de todas as providencias tendentes á protecção das classes laboriosas e da infancia abandonada, á reorganisação do trabalho operario, ao derramamento da instrucção, á creação de asylos, de albergues e de creches, de escolas e de lyceus, á educação profissionall da mulher; é a

condemnação das desigualdades do recrutamento, das imperfeições dos tribunales, da emigração desordenada e aventureira, — é tudo, emfim, o que respeita ás questões vitales do paiz, á sua regeneração colonial, ao engrandecimento dos seus portos, ao largo desenvolvimento da sua industria e da sua agricultura.

Assim, sem se envolver em politica, o **Diario de Noticias** adoptava, comtudo, como n'elle se escrevia em 1885, «uma boa politica na sua significação pratica, fazendo muitas vezes avultar, pela força da sua mesma isenção, os assumptos de interesse nacional.»

É verdade que, como elle proprio confessava, d'entre os que não conseguiam descobrir-lhe qualquer parcialidade, «uns achavam no amarello, outros roxo, este azul, est'outro verde, aquelle encarnado, aquell'outro violeta... todas as cores do iris, e suas derivadas». Tendo noticiado a

proxima deposição de um ministerio, que effectivamente caia dias depois, succedeu o que era de prever:

«Para os adversarios do governo, nós eramos a folha *sempre bem informada*: para os seus amigos, soffremos o desdouro da informação ser qualificada de *menos leal, e falsa, e insidiosa*. São ossos do officio, e habitos da terra». (*Diario de Noticias* n.º 5:670, de 13 de novembro de 1881).

O motivo comtudo por que de tão diversas maneiras o apreciavam, dizia-lh'o um seu assignante, servindo-se d'um conceituoso e conhecido adagio popular: — era porque «a melhor fructa é sempre a mais picada dos passaros», e esta pittoresca explicação definia só de per si, e melhor do que as mais largas e desenvolvidas considerações, o porquê das

picadas com que quotidianamente o feriam sem piedade.

A missão civilisadora que o **Dirario de Noticias** se impuzera, e que mais se accentuava com uma propaganda activissima em favor da criação de institutos de ensino, de associações tendentes a divulgar o gosto pelas sciencias, pelas letras e pelas artes, outras propagandas se alliavam não menos generosas, e sustentadas com um ardor e uma dedicação, que nunca o povo lhe agradecerá sufficientemente.

Póde bem dizer-se que não tem havido uma reforma unica, uma unica iniciativa que tendesse a melhorar a situação do operario, ou a estimular e a desenvolver a aptidão do artista, que n'aquella folha não encontrasse palavras de incitamento, e em Eduardo Coelho um apostolo tão fervoroso como infatigavel.

Data do primeiro numero do jornal, a primeira supplica a favor dos pobres, para quem se pediam casas baratas — generosa e humanitaria aspiração de que o **Diario de Noticias** dezenas de vezes se tem tornado echo.

Se attentarmos no resultado das solicitações que diariamente elle tem dirigido á philantropia publica, não será tambem exaggeração affirmar que poucos estabelecimentos de caridade terão obtido tão importantes recursos para valer a um tão crescido numero de infelizes. E ainda que outros titulos elle não podesse apresentar á gratidão das classes menos afortunadas, aquelle bastaria para o engrandecer no conceito geral.

«Um dos mais nobres deveres da nossa missão é promover o allivio dos que padecem», lia-se no **Diario de Noticias**, poucos mezes depois da sua fundação; e logo n'esse mesmo anno de 1865, quando ainda elle mal podia dar para se sustentar,

distribuía pelos pobres 200\$000 réis aproximadamente, importancia esta que quadruplicava passados apenas dois annos, em 1867, ascendendo as esmolas recebidas em 1870 á quantia de 1:217\$490 réis, com que foram socorridas 1:116 pessoas ou familias, e subindo a cêrca de réis 12:000\$000 o producto total das que foram distribuidas nos primeiros dez annos da existencia do **Diario de Noticias**, isto é, até 1875. E, se compararmos essas duas datas — 1865 e 1875 — com a de 1885 ver-se-ha a que extraordinario desenvolvimento chegou essa protecção aos desvaliados da fortuna. N'este anno, o **Diario de Noticias** conseguiu, por meio de pedidos e subscrições, e sem contar com o poderoso auxilio prestado a todas as festas ou diversões de caridade, uma importancia superior a 5:550\$000 reis.

Claro é que no compulo acima feito de estes auxilios prestados pelo **Diario de Noticias**, não se incluye a sua efficaz interferencia em todas as obras philanthropicas, que desde a sua fundação se teem realizado em Portugal, e mais particularmente em Lisboa, e que na sua publicidade teem sempre encontrado um dos mais seguros elementos de bom exito.

Com justiça, pois, Vieira da Silva, o convicto apostolo do principio associativo e o defensor extrenno das classes laboriosas, em mais de uma carta dirigida a Eduardo Coelho, chamava ao **Diario de Noticias** «echo de toda a obra boa que por esta terra se faz», exprimindo o seu sincero empenho de que o jornal vivesse e prosperasse, visto que d'elle indispensavelmente precisavam todos os necessitados, todos os desvalidos da sorte; como repetidas vezes as associações operarias da capital lh'o significaram tambem, ao

agradecer-lhe serviços relevantíssimos, pelo popular periodico prestados com tanta dedicação como desinteresse.

II

Aos novos principios estatuidos no seu programma, e a que me tenho referido, o **Diario de Noticias** alliava as innovações do preço e da forma da venda, d'um systema perfeitamente organizado de informações ou «reportagem», e, com o tempo, a do prodigioso desenvolvimento dado ao annuncio, como indispensavel intercessor nas transacções de toda a especie.

Até o apparecimento do **Diario de Noticias**, os jornaes custavam geralmente a 30 e a 40 réis, sendo totalmente desconhecido o systema de venda avulsa de periodicos nas ruas, tal qual hoje o vemos estabelecido.

Ao mesmo tempo, portanto, que se facilitava, pela exiguidade do custo, a acquisição d'um jornal accessivel a todos, com essa mesma facilidade se promovia a divulgacção do gosto pela leitura.

Deixava esta de ser apanagio dos abastados, para ficar ao alcance de todas as classes, e creava-se uma industria, cuja importancia poucos então poderiam prever, mas de que actualmente vivem milhares de individuos no paiz — a dos vendedores ambulantes de jornaes. ¹⁶

Ao encetar o terceiro mez do seu primeiro anno, lia-se no **Diario de Noticias** o seguinte.

«A nossa folha creou uma nova industria que vae servir de sustentação a muita gente. Já hoje, apesar da estúpida resistencia que tem encontrado da parte da gente desempregada, que antes quer viver sem pão e esmolando, do que empregar-se no modo de vida honroso de vender pelas ruas um periodico, como se

¹⁶ Um dos primeiros vendedores do *Diario de Noticias* que, subindo successivamente postos no jornal, chegou a ser um dos redactores mais considerados, foi João Baptista Borges (fallecido em 9 de setembro de 1903) desde creança educado e tractado como filho por Eduardo Coelho, a cuja protecção correspondeu sempre com uma amisade lealissima.

vendem outros generos e artigos, que dão muito menos lucro, se occupam em vendel-o 30 rapazes, que colhem uma percentagem diaria de 200, 300 e 400 réis.

Tão importante é hoje esta classe, que, desde março de 1887, se organisou em associação (a «Associação de soccorros mutuos e escolar dos Vendedores de Jornaes») á semelhança do que, ha mais de 30 annos, fizeram os vendedores de jornaes em Londres, os quaes escolheram então para o seu presidente o romancista Carlos Dickens, como os de Lisboa tambem escolheram para seu presidente honorario a Eduardo Coelho, a quem sempre deveram, do mesmo modo que á empreza do **Diario de Noticias**, a mais generosa e desvelada protecção.

A importancia dada ao serviço de informações, ou de «reportagem», deve-se ainda

ao **Diario de Noticias** que o implantou no paiz, onde então constituiu uma quasi completa novidade.

Consideravam-no os jornalistas de ha trinta annos elemento secundario na factura d'um periodico, concedendo-lhe escassamente duas ou tres acanhadas columnas. Sabe-se, comtudo, a que elevado grau de perfeição esse serviço tem chegado em todos os paizes civilisados, porque de ninguem é ignorado que fabulosas sommas com elle dispendem as mais importantes folhas do mundo, que pagam, a peso de ouro, a primazia d'uma novidade.

Assignalando esta ancia de saber, esta curiosidade insaciavel, que é uma das características do espirito moderno. Thiers, ao discutir se na camara franceza a lei da imprensa, proferia, ha 23 annos, estas palavras:

«Para satisfazer uma necessidade sempre crescente da instrucção, é-nos preciso um livro de todos os dias, feito todos os dias: que digo? duas vezes ao dia; não por um homem depois de meditar 30 annos sobre a sua obra, mas por um grande numero de homens, separados uns dos outros, falando de tudo, da guerra, da paz, das pessoas e das cousas: livro diario escripto em face dos acontecimentos, sobre as informações transmittidas de todos os pontos do globo pelo vapor, impresso de noite pelo vapor, conduzido de manhã pelo vapor, e atravessando as distancias com a velocidade dos elementos».

Todos hoje teem comprehendido a verdade d'estas affirmações; e os milhares de periodicos que actualmente se publicam no mundo, são outras tantas folhas d'esse colossal «livro de todos os dias», que tudo divulga e de tudo dá conta, e ao qual a electricidade, bem mais veloz ainda do que o vapor, presta o auxilio da sua rapidez prodigiosa.

Para conseguir o «desideratum», que a si mesma se impuzera, claro é que a empresa do **Diario de Noticias** precisava de montar um serviço de informações, quanto possivel perfeito. Foi, portanto, o proprio redactor Eduardo Coelho quem deu o exemplo, constituindo-se em guia e modelo dos «reporters» mais activos e mais perspicazes. E de tal maneira o fez, que ainda até hoje nenhum outro o excedeu na presteza admiravel com que tudo sabia, e de tudo colhia informações minuciosas, na pasmosa exactidão com que reproduzia quanto ouvira, ou fosse um simples dito, colhido, de passagem, n'uma conversação de homens de espirito, ou o discurso mais longo, ou a mais longa e enredada e fatigante discussão politica.

Com razão, pois, era apontada como uma das mais salientes e notaveis qualidades do finado jornalista, esta a que me refiro, e que o tornou o

chronista de mais recursos da imprensa portugueza.

«Quando assistia a uma cerimonia em que se pronunciavam discursos, escreveu M. Pinheiro Chagas no artigo, a que já alludi, do jornal o «Paiz», do Rio de Janeiro, a um acontecimento qualquer de mil episodios que elle tivesse rapidamente de narrar, ninguem sabia como elle apanhar os toques principaes dos discursos pronunciados, encontrar entre as mil peripecias que se passavam deante dos seus olhos, aquellas que deviam dar ao publico a sensação mais exacta. Muitas vezes estive a seu lado, n'essas occasiões, e maravilhava-me a precisão rigorosa dos largos telegrammas que enviava para o **Diario de Noticias**».

Não era todavia tão facil como á primeira vista pode parecer, esta arte, em que elle era mestre sem igual. Isto de dar noticias, dizia um espirituoso

folhetinista, requer uma sciencia especial. «Ha noticiaristas perigosissimos, e noticias, que o publical-as é pura calamidade. É preciso, pois, que a curiosidade dê o braço á prudencia, e que a justiça ande a par da sisudeza. Nem a satyra que envenena, nem a maledicencia que mata, nem a politica que intriga, nem a polemica que incommoda.»

«No nosso seculo, e n'este momento, diz espirituosamente um escriptor e advogado francez não basta possuir-se o «*savoir faire*»; é tambem indispensavel o «*faire savoir*». O «*nosce te ipsum*» de Socrates teve a sua epocha; o progresso moderno substiuo-o por este axioma — «torna-te conhecido».

Para verificarmos, por um dos mais frisantes exemplos, o que ha de verdade n'estas palavras, bastará, pelo que respeita a Portugal, lançar os

olhos para a secção de annuncios de qualquer folha da actualidade, por mais modesta que seja. Decerto se nos apresentará mais abundante e mais ampla, do que o era, ha 30 annos, a dos mais importantes periodicos do paiz.

Então, alguns, muito poucos, estabelecimentos davam timidamente conta dos productos que tinham para vender; um ou outro annuncio de leilão procurava attrahir a attenção dos leitores; e o resto consistia, quasi exclusivamente, em publicações judiciaes, que a lei exigia para validade dos processos, e nos annuncios gratuitos de publicações offerecidas á redacção da folha, que d'esse modo retribuia a offerta.

A isto se reduzia todo o systema de divulgação e de «réclame» á data do apparecimento do **Diario de Noticias**.

«Para com a publicidade, ainda ha 20 annos (escrevia Julio Cesar Machado, em 1874) ninguem entre nós sabia por onde entrar nem sair. Quando um homem precisava fazer um annuncio, tinha uma lida deante de si; e pedia logo uma carta de recommendação para um redactor... Havia o «Gratis»; mas custava um tostão por linha, era impresso em papel pardo, e ninguem o lia: tres prendas!».

Effectivamente, não se faz agora ideia perfeita, ao ver nas folhas diarias columnas e columnas de pedidos, de recommendações, de participações e avisos de toda a especie, de convites e solicitações para mil diversos fins, ao ver a offerta e a procura reveladas n'uma infinidade de manifestações, e revestindo uma extraordinaria variedade de fórmulas, vendo como a vida d'um povo, no que tem de mais movimentado e muitas vezes no que deveria ter de mais intimo,

se assoalha e se publica, em prosa e em verso, na secção nunciatoria dos periodicos, não se faz ideia, repito, do acanhamento quasi pueril com que ha 25 annos se annunciava, e se fazia o que presentemente se chama «réclame». É preciso correr as folhas de aquella epoca para bem se apreciar a differença.

O annuncio era tido por uma ostentação immodesta, e quem d'elle usasse, por mais laconico e parcimonioso que fosse em seus dizeres, passava, aos olhos de quem lia, por um charlatão, ou, se era negociante, por um homem sem freguezia e sem credito — sem o credito e sem a freguezia que hoje, independentemente do annuncio, só com muita difficuldade se obteem.

Julio Cesar Machado explicava chistosamente aquella repugnancia, quando em 1871 consagrava aos annuncios um folhetim do **Diario de Noticias**.

«Annunciae, annunciae! escrevia elle. Sempre d'ahi se tira alguma coisa. Não o entendiam assim os nossos paes, timidos, modestos, calados, vivendo em paz, na sombra, á capucha; vivendo como morriam, sem fama, sem ostentação, e o que é mais, sem precisarem d'isso, porque n'esse tempo não havia que temer concorrência, bastava uma taboleta á porta para conservar viva a lembrança dos freguezes, e impedir algum abelhudo de ir estabelecer-se defronte a vender fazenda igual. Estava tudo em Portugal repartido em classes, ninguem deitava os bracinhos de fóra para se fazer esperto. Tinha cada qual os seus freguezes, que não lhe faziam infidelidades, que por cousa alguma iriam a outro estabelecimento, e d'elles ia vivendo, e com elles se contentava».

E accrescentava, exhortando o publico a que annunciasse:

«Ó annuncio! Ó vida das sociedades! ó tu que vales mais do que a paixão e do que o estylo! Tu que és rapido, variado, axiomatico — toda a gente precisa de ti!...

«No annuncio não há periphrases nem palavrório inútil. Obedece a tres condições: ser claro, moral, e constante; já toda a gente o usa, já toda a gente o quer, já não se pode passar sem elle».

O apparecimento do Diario de Noticias marca, pois, em Portugal o começo do desenvolvimento decisivo do annuncio como intermediário poderoso da maior parte dos negocios, e condição indispensavel para o bom exito da maior parte das empresas.

O sr. Visconde de Castilho, Julio, erudito investigador a quem se deve um valiosissimo trabalho sobre *Lisboa antiga*, faz no capitulo XXI do quarto volume d'essa obra um engraçado simile do famoso Santo Antonio de Lisboa com o **Diario de Noticias**.

Depois de fallar da pia baptismal do thaumaturgo e de um sermão do padre Vieira, escreve:

«O padre ainda podia dizer (elle adivinhava) que Santo Antonio era o *Diario de Noticias* do Portugal velho. Eu me explico.

Quem perde hoje uma pulseira, um brilhante, uma carteira de notas ou uma inscripção, que faz? Corre ao *Diario de Noticias* e annuncia.

Pois no tempo que lá vae não era assim, e quem perdia ia a Santo Antonio da Sé, falava com o ermitão ou sachristão, e quasi sempre ali é que recebia o objecto extraviado.

Eu me explico ainda melhor.

Havia uma provisão ou ordem, de D. Filippe III, que obrigava os achadores de quaesquer papeis ou objectos a irem deposital-os nas mãos do ermitão de Santo Antonio da Sé; e como provavelmente iam todos, todos os que perdiam achavam.

Os inglezes chamam «médium» á folha que melhor consegue tornar-se o medianeiro entre a offerta e a procura. Os milhares de annuncios que annualmente preferem o **Diario de Noticias**, provam-lhe que é elle o «médium», por excellencia da capital, e são também o mais

eloquente e significativo testemunho da sympathia que inspira, e da larga acceitação que mantem.

III

De todos os factores que tenho enunciado — do preço do jornal, que punha este ao alcance até dos menos abastados: da fôrma de venda, que a ninguem o deixava passar despercebido; do modo como era redigido, e que fazia com que a todos interessasse e fosse comprehensivel a sua leitura; e do annuncio, enfim, que tornava uma quasi necessidade a sua consulta — d'estes quatro elementos proveiu a popularidade que promptamente acolheu o **Diario de Noticias**.

Lê-o o pobre, lê-o o rico,
Lê-o o velho, lê-o o moço,

Pois e tão indispensavel
Como o pão para o almoço.

Curiosos n'este mundo,
Mais ou menos, todos são.
Novidades e noticias
Sempre teem acceitação.

Isto escrevia J. Ignacio de Araujo, em umas chistosas quadras dedicadas aos vendedores do *Diario de Noticias*; e em outro folhetim, igualmente humorístico, intitulado «Necessidade das noticias», acrescentava:

E por isso, se a verdade
Um jornal não atropella
Nas noticias que apresenta,
Vende-se como canella.

Se bons *artigos de fundo*
Muita gente passa em claro
Lê com certeza os annuncios,
E escapar-lhe um só é raro.

Sob esta fôrma faceta, exprimia-se realmente uma verdade, que os factos se teem encarregado de demonstrar a evidencia.

E assim foi que esse jornal, entrando definitivamente nos costumes e nas sympathias do publico, via, passados 21 anos da sua fundação, o seu titulo inscripto na rua em que montára os escriptorios, e que, muito antes do municipio como tal officialmente a designar, já era mais commummente conhecida pela denominação de «rua do Diario de Noticias».

Numerosas publicações, do mesmo ou de diverso genero, mas obedecendo nos seus processos de divulgação, e na sua organização economica, a princípios identicos aos do **Diario de Noticias**, o seguiram sem demora; e algumas folhas, especialmente das ilhas adjacentes e do Brasil, lhe adoptaram inclusivamente o titulo.

Não admirava, porem, que assim succedesse, desde que a prosperidade de alguns jornaes que mais de perto e melhor o souberam imitar fôra tão rápida que no Rio de Janeiro, por exemplo, a «Gazeta de Noticias», que adoptára e seguira programma identico ao do **Diario de Noticias**, apenas com alguns mezes de existencia, alcançava tiragem superior á de algumas das mais importantes folhas do império, n'aquella epoca.

Ao mesmo tempo, fomentando e desenvolvendo o gosto pela leitura, o proprio **Diario de Noticias**, longe de prejudicar quem se dedicava á vida das letras, concorria para que tanto os livros, como as publicações de toda a especie, tivessem procura e venda cada vez maiores.

Em 1878, Eduardo Coelho, n'um folhetim do seu jornal, escrevia:

«Se se comparar este periodo com o de há 13 annos, ha de reconhecer-se que desenvolveu prodigiosamente o gosto pela leitura, e se se estudarem as causas á luz d'um criterio desprevenido e justo, ha de encontrar-se entre ellas, como efficiente claramente determinada, a creação do jornalismo popular, factor importantissimo d'este movimento literario».

Os números são, na verdade, a mais cabal confirmação d'estas palavras.

Na «Representação» enviada á comissão central directora do inquérito industrial pela «Associação Typographica Lisbonense», representação elaborada por uma commissão especial, e datada de 16 de outubro de 1881, torna-se frisante, pelo que respeita ao districto de Lisboa, o atrazo em que estava, antes da creação do **Diario de Noticias**, e o quanto depois d'este se desenvolveu, a industria typographica.

Em 20 annos, augmentaram de 6 a 54 os prélos mechanicos e motores a vapor, augmentando também extraordinariamente o consumo de papel, e o dos typos e vinhetas fundidos na Imprensa Nacional.

Este desenvolvimento attribue-o a mencionada representação, redigida por homens particularmente competentes, á criação das folhas periodicas baratas, e designadamente do **Diario de Noticias**.

Accrescentarei ainda que, publicando-se em Lisboa, em janeiro de 1865, quando se fundou o **Diario de Noticias**, perto de 40 folhas de varias naturezas e fins, á data d'aquella representação a cifra acima indicada póde dizerse que duplicára na capital, crescendo o movimento jornalístico parallelamente em todo o resto do paiz, e calculando-se em proxivamente 200 os

periodicos que se imprimiram em Portugal e nas colonias.



Eduardo Coelho

Thomaz Quintino Antunes

Reprodução dos medalhões do escultor José Moreira Rato, fundidos em bronze nas oficinas da Fundição de Canhões e existentes na sala da redacção do Diario de Noticias

THOMAZ QUINTINO ANTUNES

(Conde de S. Marçal)

«Fructo exclusivo do trabalho honrado de dois homens laboriosos», como Eduardo Coelho

escrevia, ao começar o anno de 1870, o **Diario de Noticias** viveu e prosperou, principalmente devido á perfeita uniformidade de vontades e de esforços d'aquelles dois homens que o fundaram.

A monographia do **Diario de Noticias**, que a largos traços tenho esboçado, completar-se-ha portanto com as notas biographicas d'aquelle 'dos seus fundadores e proprietarios — Thomaz Quintino Antunes, Conde de S. Marçal — que era ao mesmo tempo o proprietario de um dos melhores e mais acreditados estabelecimentos typographicos de Lisboa — a **Typographia Universal** — onde aquelle jornal tem sido sempre composto e impresso.

Para tal fim reporduzirei alguns trechos do elogio que a convite dos corpos gerentes da Associação typographica lisbonense e artes correlativas, proferi, em 30 de Julho de 1899, na sede d'aquella collectividade, n'uma sessão

solemne de homenagem á memoria de Conde de S. Marçal, elogio que se acha publicado no **Diario de Noticias** de 1 d'agosto d'aquelle anno e em appenso ao relatorio annual da referida associação.

«Desde muito novo (escreveu elle em uma carta que possuo e que é uma verdadeira autobiographia) que uma paixão irresistível me chamava para a arte typographica. A 4 d'abril de 1834, tendo apenas 14 annos de idade, entrei para a Imprensa Nacional, de que então era administrador Rodrigo da Fonseca Magalhaes».

Sahindo da imprensa nacional, porque o seu directo technico Manuel Antonio Ferreira Porgual poz á prova os melindres e a dignidade do seu junvenil character, querendo que accumulasse as funcções de typographo com as de distribuidor do jornal politico a «Revista», que então era ali impresso e que Rodrigo da Fonseca redigia,

entrou o moço compositor para a typographia de Romão Rodrigues da Costa, successor de um dos mais conhecidos e considerados impressores portguezes — Simão Thadeu Ferreira.

Ali se imprimia por essa epocha um dos primeiros jornaes politicos, posteriores á restauração, a «Guarda Avançada», redigida pelos irmãos Castilhos e ahi tambem occorreu um dos factos mais dignos de registo na vida de conde de S. Marçal.

Intrigas que não vem a proposito relatar aqui. Levaram o periodico, com todo o seu pessoal, a mudar de officina. Um so artista permaneceu fiel ao proprietario da casa e provando, á custa das proprias privações, a gratidão que lhe devia na constancia com o que acompanhou no infortunio: foi Thomaz Quintino Antunes que ficou empregado na composição de diversas obras, ajudando a viver o seu chefe, emquanto a tal ponto

não escasseou o trabalho, que, para não morrer á mingua de recursos, se viu forçado a procural o em outra parte.

Abriu-lhe as portas a typographia de Antonio Sebastiao Coelho que imprimia o jornal diario o «Independente» redigido por Antonio Luiz de Seabra e Antonio de Oliveira Marreca, e d'ahi passou á Typographica da Academia Real das Sciencias, onde se conservou até agosto de 1840.

Occorreram n'esse mez acontecimentos politicos de importância na capital, e Thomaz Quintino, que tambem por suas ideias liberaes padeceu não poucas perseguições, foi então preso, perdendo o logar.

Não deixa de offerecer interesse, e por isso em curtas palavras o referirei, esse agitado e remoto incidente da sua vida.

Em agosto de 1840 estava no governo o ministerio de que faziam parta Costa Cabral e

Rodrigo da Fonseca Magalhães, que haviam excitado os animos populares pelo seu procedimento reputado contrario ás liberdades recém-conquistadas. Nas côrtes a voz eloquentissima de José Estevão atacava-o violentamente: e não menos o combatia na imprensa a «Revolução de Setembro» fundada poucos mezes antes.

O ardente tribuno e a notável folha lisbonense encontraram echo no espirito publico, e na noite de 11 do referido mez, cem ou duzentos homens decididos correram algumas ruas da capital pedindo a demissão do ministerio: e passando das palavras aos factos, arrombaram a porta do Arsenal e tomaram as armas que lá estavam.

A força militar empregada contra elles dispersou[-]os e aprisionou algumas dezenas de manifestantes.

«Cem ou duzentos homens armados (escrevia-se dois dias depois nas columnas da «Revolução») exprimiram em voz alta o desejo de todos os portuguezes, os desejos de todo o exercito e da propria guarnição da capital, desejo que a influencia salutar da disciplina e a má fortuna do tumullo não consentiu que ella expressasse»

O governo tal importancia deu, comtudo, ao acontecimento que, no dia seguinte, pela boca do presidente do conselho, lia na camara dos deputados um projecto propondo a suspensão de garantias por um mez, a suppressão de todas as folhas periodicas com excepção das litterarias, do «Diario do Governo» e das «Côrtes» e do «Periodico dos Pobres», e que os réus comprehendidos na chamada sedição fossem julgados em conselho de guerra.

O projecto como é obvio, não passou sem o protesto vehemente de José Estevão na camara dos deputados, na qual também se lhe oppozeram Herculano, Meñdes Leite e mais alguns liberaes prestigiosos; e no senado, onde o hostilisaram o visconde de Sá da Bandeira e o barão da Ribeira de Sabrosa.

O que é facto, porem, é que os presos da noite de 11 d'agosto, em cuja relação figura logo em quarto logar o nome de Thomaz Quintino Antunes «compositor typographico», deram entrada na cadeia pelas 3 horas da madrugada, conduzidos por uma força armada fiel ao governo que tantos odios suscita[v]a.

Uma das consequencias da arrojada e patriotica attitude de Thomaz Quintino foi, como já disse, a perda so seu logar na typographia da Academia Real das Sciencias.

A classe typographica atravessava n'aquella epoca uma aguda crise, porque o trabalho era pouco e mal pago. Nem outros podiam ser os resultados da perseguição quasi feroz iniciada contra a imprensa.

«Foi a quadra mais desgraçada de toda a minha vida» escreveu o conde de S. Marçal na carta a que alludi, e da qual não resisto ao empenho de reproduzir os seguintes periodos, que são outros tantos honrosissimos traços do seu carácter:

Por fortuna vagou por esta occasião o logar de director tecnico da typographia do *Portugal Velho*, e eu resolvi-me dirigil-o. O *Portugal Velho* era um jornal legitimista, redigido pelos homens mais respeitaveis d'aquelle partido, taes como dr. Albino Abranches de Figueiredo, Alpoim Serrão, João de Lemos, dr. Beirão, D. Sancho Manuel de Vilhena, Thomaz Cabral, Antonio Ribeiro Saraiva, mais conhecido pelo Saraiva d'Inglaterra, e muitos outros cavalheiros distinctissimos. A empreza do jornal pertencia a uma sociedade composta do dr. Albino

Albranches Freire de Figueiredo, Alpoim Serrão, dr. Manuel José Fernandes Cicouro, e dr. Alipio Freire de Abre Castello Branco. O primeiro d'estes individuos era o redactor principal da folha, e o ultimo o gerente da empresa. Era pois a este cavalheiro que eu tinha de dirigir-me para solicitar o logar que desejava. Procurei-o para esse fim, no seu escriptorio da rua dos Fanqueiros, onde me recebeu com a maior urbanidade, dizendo-me porém que sentia não poder satisfazer aos meus desejos porque a empresa do jornal tinha deliberado não admittir empregado algum que não fosse da sua communhão politica. Dias depois recebi uma carta d'este mesmo senhor em que me pedia que o procurasse com urgencia. Voltando n'essa mesma tarde ao seu escriptorio, disse-me que não obstante a deliberação que a empresa havia tomado de só admitir quem fosse da sua confiança politica, tinha obtido taes informações do meu character que não duvidava receber-me, pois sabia que apesar de serem differentes as minhas opiniões, era incapaz de revelar qualquer coisa que devesse ser objecto de segredo. Refiro este facto apenas por ser mui honroso para mim.

No dia seguinte entrava no exercicio do meu logar, conquistando dentro em pouco a estima de todos aquelles cavalheiros.

Suspensa a publicação do «Portugal Velho», passou Thomaz Quintino a dirigir a typographia da «Gazeta dos Tibunaes», de que eram proprietarios os fallecidos advogados drs. Hollreman e Antonio Gil, e onde se imprimiu tambem a «Revista Universal Lisbonense» redigida a principio por Antonio Feliciano de Castilho, depois por José Maria da Silva Leal e ao cabo de dois annos por Sebastião José Ribeiro de Sá.

Foi este escriptor e homem publico, então em pleno prestigio, que veiu a adquirir, associado a Luiz Augusto Rebello da Silva, a propriedade da Typographia Universal, reunindo ali as typographias da «Revista Universal» e da «Imprensa e lei». Rebello da Silva vendeu depois a Albano da Silveira Pinto a sua parte na

sociedade, da qual também sahiu mais tarde Ribeiro de Sá.

Comprando finalmente a Silveira Pinto a Typographia Universal, Thomaz Quintino Antunes tal impulso deu ao trabalho e tão importantes melhoramentos introduziu nas officinas, que dotou com os machanismos mais aperfeiçoados, que em pouco tempo recebia a compensação dos seus esforços, vendo-se habilitado a adquirir o edificio onde o seu vasto estabelecimento estava montado, edificio que pode considerar-se historico, pois que fôra muito antes séde da antiga officina Morando e n'elle já em 1740 se imprimiam livros.

«Assistimos a toda esta transformação, escreveu Eduardo Coelho em um artigo do seu **Diario de Noticias**, podendo mais uma vez certificar-nos da força prodigiosa do trabalho regido pelos principios austeros da honra e guiado

pela intelligencia pratica e pelo legitimo bom senso, que é o mais valioso de todos os patrimonios».



O edifício da Typographia Universal.
na Rua do Diario de Noticias 110 onde sempre teem
estado os escriptorios do diário de Notícias desde a
fundação d'esta folha

Imprimiam-se então na Typographia
Universal 4 jornaes diarios. Um d'elles era o
«Conservador», cuja parte noticiosa estava
confiada ao modesto jornalista que veiu mais

tarde a ser o illustre e glorioso director do **Diario de Noticias**.

«D'este convivio, escrevia o conde de S.Marçal em 1891, nasceu o plano de um jornal independente, noticioso e inoffensivo, e em virtude d'elle, a 29 de Dezembro de 1864, apparecia o primeiro numero do **Diario de Noticias**. O publico applaudiu a ideia e desde logo lhe dispensou toda a sua valiosa protecção, contra a qual tem sido sempre impotentes os tiros com que, em differentes epocas teem tentado agredil-o a malevolencia e a inveja. Deve a isto o **Diario de Noticias** a sua constante prosperidade, que, ainda assim, não seria talvez tão completa se não fosse a perfeita conformidade de vontades que sempre reinou entre mim e Eduardo Coelho, sem que, em tão longo espaço de tempo, houvesse entre nós uma unica nota discordante».

Termina a carta do Conde de S. Marçal com os seguintes periodos:

Por um méro acaso desde creança que convivi sempre com gente affecta ao systema constitucional, e este convivio constante fez com que muito cedo eu abraçasse essa ordem de ideias, com ardor e enthusiasmo. Mais tarde o tracto intimo com muitos dos homens mais notaveis que haviam trabalhado pela liberdade, ou sofrido os horrores do exílio e das prisões, avigorou em mim o culto d'essas convicções, que tem sido o ideal politico de toda a minha vida, e que, já agora, continuará a sel-o enquanto existir, apesar de ter reconhecido pela experiencia de tão largos annos quanto é susceptivel de se abusar d'elle.

Coherente com estes principios, e por inspiração d'elles, não podia deixar de interessar-me pelas coisas do meu paiz. Aos 17 annos alistei-me na guarda nacional, onde fui eleito alferes pelos votos com que me honraram os meus camaradas, e onde servi até á dissolução d'aquella milicia.

Por occasião da supposta guerra com a Hespanha, sentei praça na chamada artilharia da carta, d,onde pouco depois fomos despedidos, com a maior semcerimonia, eu, e todos os que eram

reconhecidamente setembristas. Como tem acontecido a muita gente de boa fé, também desperdicei desinteressadamente nas luctas da politica partidaria muito tempo precioso que podia ter empregado em cousas uteis. Soffri por muitos annos grande copia de desgostos e de decepções e só á força de repetidos desenganos me resolvi a abandonal-a para sempre, convencido d'aquelle axioma do velho C. da T. – que a politica se reduz a espartos que querem subir e a tolos que servem de degrao.

Depois da fundação do **Diario de Noticias** a vida do conde de S. Marçal por tal maneira se irmana com a do seu socio e amigo, e ambos tão intimamente se consubstanciam com o jornal de que o segundo fôra o iniciador e a verdadeira alma, que historiar o que em illustração, em propaganda de bons principios, em divulgação de ideias sãs lhes ficaram devendo especialmente as classes menos favorecidas da fortuna é fazer a historia da mais antiga folha popular de Portugal.

Nos ultimos annos da vida, os padecimentos moraes e physicos haviam-no obrigado a afastar-se da direcção effectiva da sua typographia e do seu jornal, e a concentrar-se quasi por completo no retiro da sua casa, por elle convertida em formoso e instructivo museu de preciosidades artisticas.

Nem o fascinavam as festas nem o seduzia o bulicio do mundo. Apenas, nos derradeiros mezes, e apesar de mais do que nunca a doença lhe alquebrar as forças, elle, encantado com a criação recente do Albergue das Creanças Abandonadas, diligenciava não faltar ás solemnidades d'esta instituição. E tão enthusiasmicamente se afeiçãoou a esse sympathico estabelecimento de beneficencia que quis, como todos sabem, ainda para depois da sua morte, deixar-lhe da propria fortuna uma parte importantissima que ajudasse a consolidar-lhe o futuro e a garantir-lhe a existencia».

Ephemerides do «Diario de Noticias»¹⁷

29 de dezembro de 1864: Sae o 1.º numero programma do *Diario de Noticias*.

1 de janeiro de 1865: Primeiro numero definitivo. Tiragem 5:000 exemplares.

6 de janeiro de 1865: Primeiro appello á caridade publica a favor de um artista sem trabalho.

¹⁷ O *Diario de Noticias* de 14 de maio de 1903 publicou estas ephemerides que lhe foram enviadas, segundo ali se escrevia, «por um antigo e dedicado amigo curioso de investigações.» Embora bastante incompletas, reproduzo-as tambem aqui a titulo de curiosidade, accrescentando-lhes alguns factos posteriores á data em que fundava o trabalho do obsequioso collaborador.

8 de fevereiro de 1865: Noticia-se o aparecimento de duas folhas á imitação do *Diario de Noticias*, uma em Lisboa, outra no Porto.

7 de maio de 1865: Annuncia o primeiro augmento de formato.

31 de dezembro de 1865: Tiragem 9:600 exemplares.

26 de janeiro de 1866: El-Rei D. Luiz faz-se inscrever assignante.

11 de março de 1866: Primeira folha de formato igual ao dobro do primitivo.

30 de janeiro de 1867: Noticia-se o incremento dos mealheiros do *Albergue dos invalidos do trabalho*, cuja instituição foi lembrada no *Diario de Noticias*.

13 de março de 1867: Noticia-se o quarto augmento de formato.

24 de janeiro de 1868: Cria-se uma secção de serviço especial para distribuição de esmolas a cargo do sr. Luiz Herculano Cesar.

24 de setembro de 1868: Enceta-se a secção *Assumptos do dia*.

19 de dezembro de 1870: Começa a publicar-se também ás segundas feiras, contra o uso até então estabelecido nos jornaes.

27 de março de 1872: Noticia-se haver mais *Diarios de Noticias*, além do de Lisboa: no Rio de Janeiro, na Bahia e nos Açores.

1 de junho de 1875: Noticia-se a existencia, no continente do reino, de 33 periodicos de 10 réis, á imitação do *Diario de Noticias*.

5 de novembro de 1875: Noticia-se o apparecimento do *Diario de Noticias* de Pernambuco.

17 de dezembro de 1875: Noticia-se a distribuição, em esmolas, de 12:000\$000 réis, desde a fundação do jornal.

28 de outubro de 1876: Noticia-se a criação do *Diario de Noticias* do Funchal.

21 de abril de 1879: Primeiro incitamento á celebração do tricentenário de Camões.

13 de novembro de 1879: Abre a subscrição *Paris-Murcia*.

5 de dezembro de 1879: Encerra, com 4:700 inscrições, a subscrição *Paris-Murcia*.

10 d'abril de 1880: A comissão executiva do tricentenário de Camões escolhe o *Diario de Noticias* para ser órgão official.

10 de Junho de 1880: Distribuição por todos os leitores da grande edição popular gratuita dos *Lusiadas*, reproducção critica sob direcção de F.

A. Coelho, da 2.^a edição de 1572 (30:000 exemplares).

7 de julho de 1880: Noticia-se a remessa gratuita de exemplares da edição dos *Lusiadas* ás principaes corporações scientificas e letterarias europeias.

15 de julho de 1880: Noticia-se a distribuição gratuita de 3153 exemplares da edição dos *Lusiadas* pelas escolas de instrucção primaria do paiz.

14 de outubro de 1880: É unanimemente escolhido para orgão official da *Associação dos jornalistas e escriptores portuguezes*, fundada sobre proposta de Eduardo Coelho, por occasião do tricentenario de Camões.

14 de novembro de 1880: Abre a subscrição para o monumento a Alexandre Herculano.

14 de junho de 1881: O Congresso das associações aprova um voto de agradecimento ao *Diario de Noticias* pelos serviços prestados.

1 de janeiro de 1882: Noticia-se que o seu formato é sete vezes maior do que o numero inicial.

28 de Abril de 1883: Resolve não tornar a publicar noticias circunstanciadas de suicidios.

12 de outubro de 1883: As Conferencias pedagogicas aprovam um voto de agradecimento ao *Diario de Noticias* «pelo modo como advoga a causa da educação nacional».

22 de dezembro de 1884: Relembra que desde os seus primeiros numeros vem fazendo a propaganda da necessidade das obras do porto de Lisboa.

5 de janeiro de 1885: Abre a subscrição para as victimas dos terremotos da Andaluzia, a qual subiu a perto de 4:000\$000 réis.

29 de janeiro de 1885: Voto de agradecimento da Associação Commercial de Lisboa ao *Diario de Noticias* pelo modo como advogou a necessidade das obras do porto de Lisboa.

28 de fevereiro de 1885: Advoga a creação d'uma sociedade de protecção á infancia abandonada e culpada, especialmente raparigas.

9 de Abril de 1885: Annuncia a proxima publicação do *Almanach do Diario de Noticias*, para 1884.

12 de maio de 1885: Advoga a necessidade de uma prisão especial para accusados por delictos de imprensa.

1 de julho de 1885: Informa que lhe foi concedido um premio na Exposição agricola de 1884 na Tapada da Ajuda, consignando-se no respectivo diploma especial honorifico, que este lhe é conferido «pelos relevantissimos serviços prestados á agricultura portugueza por occasião de exposição.»

2 de julho de 1885: Relembra que no *Diario de Noticias* nasceu a ideia da criação do *Mealheiro das viuvas e orphãos dos operarios* que morrerem de desastre no trabalho.

13 de agosto de 1885: A direcção da Associação Commercial de Lisboa reconhece e louva os esforços do *Diario de Noticias* para a realização das obras do porto.

31 de dezembro de 1885: Edital da Camara Municipal de Lisboa (publicado no *Diario do Governo* de 11 de janeiro de 1883) mudando o

nome da rua dos Calafates para o de *Rua do Diario de Noticias*.

14 de maio de 1889: Morre o fundador e director do *Diario de Noticias*, Eduardo Coelho, passando a direcção d'esta folha para o Visconde de S. Marçal, Thomaz Quintino Antunes.

1 de Junho de 1889: Assume o cargo de redactor principal do *Diario de Noticias* o sr. Pedro Wenceslau de Brito Aranha.

20 de março de 1890: Começa o *Diario de Noticias* a ser impresso na primeira machina rotativa Marinoni de grande tiragem.

3 de fevereiro de 1892: É distribuida como brinde a todos os assignantes e collaboradores do *Diario de Noticias* a primeira edição do livro – *EDUARDO COELHO – A sua vida e a sua obra*

– *Alguns factos para a historia do jornalismo portuguez contemporaneo*, por Alfredo da Cunha.

22 de novembro de 1893: O vereador da camara municipal de Lisboa, sr. José Martinho da Silva Guimarães, propõe e a camara approva unanimemente, que á antiga rua dos Cardaes de Jesus se dê o nome de *Eduardo Coelho*, o qual, segundo dizia a proposta, «fundando o *Diario de Noticias* prestou assim um relevantissimo serviço ao paiz e á imprensa portugueza.»

1 de janeiro de 1894: É creado o cargo de secretario da empreza do *Diario de Noticias*, e n'elle investido o Dr. Alfredo da Cunha.

30 de dezembro de 1894: Grande reunião, na séde da Associação de socorros mutuos Eduardo Coelho, dos representantes das associações e da imprensa de Lisboa, na qual se resolveu erigir um

monumento ao fundador do *Diario de Noticias*,
Eduardo Coelho.

12 de maio de 1895: Começa este jornal a ser impresso com augmento notavel de formato na segunda machina rotativa Marioni de grande tiragem.

8 de julho de 1896: Associando-se á commemoração nacional do centenario do descobrimento do caminho maritimo para a India, abre concurso, com premios, para a publicação de um romance historico de auctor portuguez, tendo por thema aquelle facto ou episodios correlativos.

8 de dezembro de 1896: Fecha, tendo recebido seis originaes de alguns dos mais illustres escriptores portuguezes, o consurso litterario aberto em 8 de julho.

28 de dezembro de 1896: Reune-se na sala da redacção do *Diario de Noticias* a primeira assembleia geral da Associação dos Jornalistas de Lisboa, creada por alvará de 24 de setembro de 1896.

1 de fevereiro de 1897: Recomeça mais uma vez a propaganda a favor das creanças abandonadas.

8 de fevereiro de 1897: Abre, nos seus escriptorios, a subscrição para se instituir o Albergue das creanças abandonadas, havendo em 20 dias conseguido a inscrição de perto de 1.000 socios ou subscriptores entre os assignantes do jornal.

6 de Junho de 1897: Nas salas da redacção do *Diario de Noticias* reúnem-se os socios da Associação dos Jornalistas, resolvendo que se trate, por intermedio dos respectivos delegados, de obter a realisação do congresso internacional

da imprensa em Lisboa, o qual veio a effectuar-se em setembro de 1898.

16 de fevereiro de 1898: Morre o Conde de S. Marçal, Thomaz Quintino Antunes, um dos fundadores do *Diario de Noticias*.

30 de julho de 1899: Sessão solemne na Associação Typographica Lisbonense e artes correlativas, realisada em homenagem á memoria de Thomaz Quintino Antunes (Conde de S. Marçal) e em que o dr. Alfredo da Cunha proferiu o elogio d'aquelle illustre fundador do *Diario de Noticias*.

1 de janeiro de 1900: Passa a director do *Diario de Noticias* o antigo secretario da empreza Dr. Alfredo da Cunha.

novembro de 1902: É pedido pela commissão executiva do monumento a Eduardo Coelho e

concedido pela camara municipal de Lisboa o local, na Alameda de S. Pedro de Alcantara, para o reterido monumento.

14 de maio de 1903: Começa o *Diario de Noticias* a ser impresso na grande machina rotativa de Augsburg, para jornaes de 4, 6, 8 e 12 paginas, primeira em Portugal que pode dar uma tiragem, por hora, de 24:000 exemplares de 4 ou 6 paginas.

–Numero do *Diario de Noticias*, de 12 paginas, (primeiro d'este genero publicado em Portugal) commemorativo do 14.º anniversario do fallecimento de Eduardo Coelho.

6 de dezembro de 1904: A empreza do *Diario de Noticias* communica á direcção geral de Intrucção Publica que offerecerá ás bibliothecas de todas as escolas do paiz exemplares da 2.^a edição do livro
– *EDUARDO COELHO – A sua vida e a sua obra*
– *Alguns factos para a historia do jornalismo*

portuguez contemporaneo – por Alfredo da Cunha, edição commemorativa da inauguração do monumento a Eduardo Coelho.

9 de dezembro de 1904: A camara municipal de Coimbra, a convite da commissão executiva do monumento a Eduardo Coelho e da direcção da Associação dos jornalistas de Lisboa, dá á rua onde nasceu n'aquella cidade o fundador do *Diario de Noticias* o nome de *Rua Eduardo Coelho*, e auctorisa a collocação na casa respectiva da mesma rua, d'uma lapide commemorativa.

29 de dezembro de 1904: É inaugurado solemnemente em Lisboa o monumento a Eduardo Coelho e feita a entrega d'elle pela commissão executiva á camara municipal.

–São descerradas festivamente em Coimbra as placas mandadas collocar pela camara municipal

d'aquella cidade com a designação de *Rua Eduardo Coelho*, bem como a lapide commemorativa do nascimento na casa respectiva.

—Começa a distribuição d'este livro pelas escolas do paiz e pelos assignantes e collaboradores do *Diario de Noticias*.

1865-1889

I

Houve quem comparasse Eduardo Coelho, como jornalista, a Millaud, o fundador do «Petit Journal», e a Villemessant, o creador do «Figaro».

Das qualidades de ambos elle effectivamente participava; e se, principalmente com o segundo, a semelhança é, a muitos respeito, notavel, pelo que se refere tanto ás innovações que introduziu no jornalismo portuguez, como aos vivos ataques que ellas lhe suseitaram, recorda Emile de Girardin, o poderoso athleta da imprensa franceza, que, para fundar o jornalismo barato e essencialmente noticioso, teve de sustentar uma lucta renhida, quasi feroz, contra os seus proprios collegas da capital da França.

É certo, porém, que particularmente com Villemessant os pontos de contacto são numerosos: e quem vir como a imprensa franceza commemorou, unanime, a perda do fundador do «Figaro», achará uma frisante analogia com as apreciações que á imprensa portugueza mereceu Eduardo Coelho, por ocasião da sua morte.

Em França, apontaram uns como qualidade preeminente em Villemessant, a paixão do jornalismo, o amor entranhado ao seu jornal, que era a grande obra da sua vida e a preocupação constante do seu espirito; encareceram-lhe outros os raros dotes de escriptor, pondo em relevo essa desprerenciosa maneira de escrever tal qual falava – «de falar com tinta», como se exprimia Charles Laurent; e outros ainda renderam preito á generosidade do seu coração, a essa inexaurivel generosidade que lhe deu o cognome de «esmolermór da França», e á qual os jornalistas

d'aquelle paiz sobretudo deveram o vir a ser retribuidos condignamente, na proporção dos seus méritos e dos seus serviços.

Pois nem uma unica d'estas qualidades faltava a Eduardo Coelho – escriptor de estylo simples e de dicção clarissima, coração aberto a todas as acções generosas, entusiasticamente apaixonado, como jornalista, pela sua profissão e pela sua obra, e como patriota, pelos progressos e pelas legitimas glorias do seu paiz.

O **Diario de Noticias**, com o qual tão intimamente se consubstancia a sua actividade de mais de vinte annos, dá o subido quilate d'aquelles dotes eminentes. Sempre obedeceram elles em Eduardo Coelho a uma qualidade entre todas dominante – fosse incomparavel a grandeza da sua alma – a um excepcional e superior bom senso, que inconfundivelmente marcava todas as suas acções, e que tanto mais se tornava digno de

admiração e de apreço, quanto é infelizmente a sensatez bem menos commum do que o talento, e um criterio lucido, equilibrado e pratico, bem mais raro até do que as devotadas e humanitarias affirmações da virtude.

Póde sem duvida, pelo seu jornal apenas, aferir-se o grande valor da sua obra, tão vasta, tão complexa, tão gloriosamente realizada. Cumpre todavia especialisar factos de pleno dominio da historia, e em que, independentemente das qualidades do jornalista, ficaram brilhantemente assinalados os serviços e o prestimo do patriota e do homem de acção.

É um exemplo a longa campanha durante annos sustentada nas columnas do **Diario de Noticias**, quando vieram a lume os planos tendentes a promover a chamada «**união iberica**», tão calorosamente advogada pela imprensa hespanhola, e da qual – dizia com acerto Eduardo

Coelho – parecia muito particularmente carecer a Hespanha para as suas prosperidades.

Causou a muitos estranheza o ardor com que se empenhou n'essa lucta, tão acostumados estavam todos á moderação com que emittia as suas opiniões e formulava os seus votos.

Mas elle proprio dava a expliacação d'essa attitude:

«Se na manifestação do nosso pensamento transparece ás vezes o fogo que o coração empresta á cabeça, é que nos assumptos que se reterem á independencia e engrandecimento da terra do nosso berço, fala-nos sempre a cabeça e o coração». (*Diario de Noticias* numero 1:123).

É necessario acordar o patriotismo popular adormecido, para que o povo disperte os poderes publicos, porque cada dia parece mais evidente que a patria corre perigo, e que não só a cobiça de estranhos a ameaça e pretende usurpar, mas até alguns degenerados filhos buscam pol-a em almoeda.»

(*Diario de Noticias*, numero 1:099, de 10 de setembro de 1868).

«Sigamos, pois, os passos aos apóstolos, aos agentes, aos caudilhos de iberismo. E entretanto vamo-nos preparando para as eventualidades. Se os poderes publicos dormirem, não dormirá o povo. *Não queremos ser ibericos*, é o grito que anda nos labios, no coração e na consciencia d'elle.» (*Diario de Noticias*, numero 1:102, de 13 de setembro 1868).

E definindo o que entendia dever ser a situação dos dois paizes, um para com outro, escrevia mais tarde, em 13 de fevereiro de 1869, a proposito do decreto que validava em Hespanha os diplomas da universidade e escolas superiores portuguezas:

«Amisade franca e sincera, fraternidade intima entre os dois povos da peninsula, cordiaes relações internacionaes, protecção mutua no comercio, á industria, ás sciencias e artes dos dois paizes, para promover conjunctamente a prosperiedade de ambos, mas dois reis, dois governos, duas bandeiras, duas

historias, duas familias, duas nacionalidades, duas autonomias distinctas e sepradas pela fronteira do direito».

Estas ideias eram sustentadas no **Diario de Noticias** e fóra d'elle, com uma persistencia infatigavel, abrindo-se para ellas secções especiaes no jornal, como foi a dos «Assumptos do dia», que data de fins de setembro 1868.¹⁸

«Não dedicamos só ao serviço d'essa causa sublime (lia-se no **Diario de Noticias** de 6 de Outubro de 1868) o fraco concurso da nossa intelligencia, devolar-lhe-hemos, quando seja preciso, a nossa parca bolsa e o nosso braço.»

¹⁸ Teve origem n'esta propaganda o bello romance historico de Eduardo Coelho – *Portugal captivo* – publicado primitivamente em filhetins do *Diario de Noticias*, em 1868, e reproduzido mais tarde no *Brinde* do mesmo jornal em 1884, em edição separada, em 1885, e novamente no *Diario de Noticias* em Dezembro de 1904.

Recomeçados os manejos ibericos com a vinda para Lisboa do ministro de Hespanha, D. Angel Fernandez de los Rios, em méiados de 1869, e insistindo-se em entregar a D. Fernando a corôa hespanhola, Eduardo Coelho outra vez se poz em campo, e tão efficazmente, que se lhe chegou a attribuir em grande parte o rompimento definitivo das negociações.¹⁹

Como era natural, esta attitude acarretou-lhe as mais absurdas accusações, sendo agredido por

¹⁹ O livro de Fernandez de los Rios, *Mi Mision en Portugal*, é um precioso documento para a historia do insuccesso de taes negociações, e a longa explosão do azedume do seu auctor contra os que lhe frustraram os planos.

Eduardo Coelho escreveu, em filhetim do *Diario de Noticias*, n.º 4:045, de 20 de maio de 1877, um *projecto de carta* áquelle diplomata infeliz, assignado por *Um apreciador obscuro*, e que veiu a constituir, com outros artigos de Rodrigues Sampaio, Manuel Pinheiro Chagas e Luciano cordeiro, o livro – *União iberica* – editado n'aquela mesmo anno pela empreza literaria de Lisboa.

alguns dos seus collegas da imprensa «que, como elle proprio escrevia no *Portugal Captivo*, então se illudiam completamente no criterio dos acontecimentos, chegando a favorecer abertamente as tentativas que se faziam para approximar a solução a que elle visava, e que em parte do jornalismo madrileno então era chamada – «a grande solução nacional». Insinuava-se alem d’isto que o **Diario de Noticias** se achava ao serviço do duque de Montpensier, vindo mais tarde a attribuir[-]se em grande parte aos seu director, «um momento constituido, por cerebros que obedeciam a singulares nevroses, arbitro dos destinos dos povos», a causa das desgraças da guerra franco-prussiana de 1870, e, como dizia um periodico d’aquelle tempo, «das angustias e

dos desastres que a Hespanha tinha atravessado».²⁰

Mas como compensação d'estas despropositadas accusações, Eduardo Coelho recebia de eximios patriotas os mais levantados elogios, e Mendes Leal apressava-se a escrever-lhe de Madrid, felicitando-o calorosamente pela «discreta e patriotica conducta do seu jornal,

²⁰ Tenho presente um folheto da epocha - *Duas palavras sobre a candidatura de S. M. El-rei D. Fernando ao throno de Hespanha, por um portuguez* (1870) – do qual reproduzo os seguintes periodos destacados, que uns aos outros se commentam:

«Esses culpados das complicações externas são unica e exclusivamente aquelles que, por qualquer modo, forma ou titulo, concorreram para que Sua Magestade El-rei o Senhor D. Fernando não acceitasse a corôa de Hespanha, quando em 1869 lhe foi offerecida» (pag. 5)

«O *incolor* de Lisboa tinha outra missão, era a de aterrar o povo portuguez com a candidatura Fernandista.» (pág. 26)

«O effeito mais assolador era o do jornal *incolor*, porque sendo muito lido pelo povo, este, não sabendo dittinguir entre a verdade e a falsidade partidaria, acreditava piamente as balivernias do tal *incolor*» (pá.28).

conducta com a qual prestava um immenso serviço á patria».

Apresentada pelo sr. Joaquim de Vasconcellos á Sociedade de geographia de Lisboa, em 17 de maio de 1879, a primeira proposta para a celebração do **tricentenario de Camões**, e sendo suggerida a ideia de se nomear uma commissão para estudar e formular o programma da festa por parte do jornalismo de Lisboa, Eduardo Coelho desde logo indicou, e foi unanimemente approved, que entre as manifestações com que a imprensa entendesse dever collectivamente celebrar o tricentenario, se incluísse a fundação, no dia 10 de junho de 1880, da «Associação dos jornalistas e escriptores portuguezes», accrescentando ainda que podia informar que uma empreza jornalística (referia-se á do **Diario de Noticias**) determinára distribuir uma grande

edição gratuita dos *Lusiadas*, como homenagem ao grande epico.

Na primeira reunião da grande commissão da imprensa de Lisboa, em 8 de abril de 1880, Eduardo Coelho desenvolveu o programma da solemnidade da imprensa, na qual figurava, além da sessão solemne inaugural da associação dos jornalistas e escriptores portuguezes, o prestito solemne no monumento de Camões; a grande romagem civica até a frente da calçada de Santa Anna, ou o acompanhamento, em prestito, dos restos de Camões e dos de Vasco da Gama para o templo de Santa Maria de Belem: e finalmente a celebração da solemnidade religiosa no mesmo templo, conforme o alvitre do sr. Ramalho Ortigão, e o lançamento solemne na praia do Restello, da pedra fundamental da estatua do descobridor da India.

Eleito para a comissão executiva da imprensa, com os srs. Ramlho Ortigão, Pinheiro Chagas, Theophilo Braga, Luciano Cordeiro, Rodrigues da Costa, Magalhães Lima, Jayme Batalha Reis, e também o visconde de Jeromenha, coube-lhe o cargo de primeiro secretario, sendo o **Diario de Noticias** escolhido pela comissão «para seu órgão official em tudo que se referisse aos trabalhos de que estava incumbida».

No «Programma definitivo para a celebração em Lisboa do terceiro centenario de Luiz de Camões», figuraram, pois, os seguintes importantes numeros de iniciativa de Eduardo Coleho: na parte das «inaugurações», a da **Associação dos jornalistas e escriptores portuguezes**, «compeliado a esta fundação estabelecer uma bibliotheca do jornalismo portuguez, um cofre de coadjuvação editorial, e um jury de honra para os conflictos da imprensa»,

e organizar cursos livres de sciencias naturaes e sociaes; na parte das «homenagens varias», o offerecimento gratuiro ás escolas e aos leitores do **Diario de Noticias** (e ainda a cada uma das principaes corporações scientificas e litterarias da Europa) pela empreza d'esta folha, de 30.000 exemplares dos *Lusiadas*.

As festas do centenario realisaram-se com um brilhentismo, uma uniformidade de sentimentos e uma espontaneidade de entusiasmo, de que não havia memoria no paiz, e essa solemnidade, levada a cabo atravez de difficuldades que a muitos se afiguraram invenciveis, ficou na historia como a affirmação mais grandiosa da vitalidade do paiz e dos progressos do espirito nacioal na segunda metade d'este seculo.

Só a leitura dos jornaes d'aquella epoca pode dar ideia dos prodigios de actividade e de trabalho realisados por Eduardo Coelho durante os mezes

em que quasi exclusivamente se consagrou a essa commemoração, a que ainda tão entusiasticamente alludia, por estes termos, em um brinde proferido no banquete do projectado bairro Camões, em honra da camara municipal de Lisboa e da commissão executiva da imprensa:

«Obreiro obscuro da grande obra dos progressos da patria, em que todos lidamos, eu confesso, meus senhores, que senti uma vez na vida, os deslumbramentos da gloria, e foi quando, em aquelle dia memoravel, no meio d'aquella grandiosa manifestação, que encheu de assombro o nosso paiz e a Europa, pude, com os meus colegas de toda a imprensa, prestar o culto do meu respeito e da minha consideração, em nome de uma grande instituição social e da justiça, ao trabalho que passava triumphante, representando no professor e no lavrador, no homem de sciencia e no pescador, no pastor e no estudante, no industrial, no commerciante, no artista, no deputado, em todos os elementos que constituem a parte mais vital do organismo da nação, a mais cheia de seiva, de esperanças e promessas».

Não cabe aqui descrever essa consagração sem igual ao genio de Camões; mas é aqui, sem duvida, logar adequado para pôr em relevo, com o proprio testemunho de dois dos mais assíduos companheiros de trabalho de Eduardo Coelho n'essa longa, difficil e tão gloriosa tarefa, o que elle fez, e de quanto a sua desinteressada e infatigavel cooperação valeu.

Attesta-o, pelas seguintes palavras, e sr. dr. Magalhães Lima, secretario, como Eduardo Coelho, da commissão executiva da imprensa:

«O auctor d'estas linhas foi seu companheiro na commissão do tricentenario de Camões. Conserva d'esse tempo de boa e excellente camaradagem a mais saudosa recordação.

Eduardo Coelho foi um dos elementos que mais concorreram para essa gloriosa commemoração, pondo a sua bolsa, o seu jornal, a sua actividade, a sua intelligencia e o seu desinteresse á disposição dos

promotores d'essa brilhantissima festa patriotica. A elle e ao *Diario de Noticias* se deve uma boa parte do exito que teve aquella solemnidade nacional». ²¹

E M. Pinheiro Chagas, vogal da mesma comissão, não menos explicitamente formula o seu auctorizado testemunho:

«Todos trabalharam, mas ninguem, de certo, tanto como Eduardo Coelho. A grande celebração do centenario de Camões pode-se dizer que a elle sobretudo é devida». ²²

Nasceu do centenario, e especialmente da iniciativa de Eduardo Coelho, uma instituição a que já alludi, e que, acolhida primitivamente com alvoroço pela classe a quem mais directamente interessava, não logrou vingar, apesar do seu

²¹ *Seculo*, de 15 de maio de 1889.

²² Artigo no *Paiz*, do Rio de Janeiro (junho de 1889).

iniciador com ella dispendir o melhor do seu tempo, do seu trabalho e do seu dinheiro.

Refiro-me á **Associação dos jornalistas e escriptores portuguezes**, de que Eduardo Coelho foi, com Antonio Rodrigues Sampaio e M. Pinheiro Chagas, «presidente honorario».

Os estatutos que vieram a ser approvados por alvará de 14 de outubro de 1880, foram redigidos de accordo com as bases elaboradas por Eduardo Coelho, das quaes constava que o fim da associação era «promover e defender os interesses legitimos, moraes ou materiaes, das collectividades ou corporações formadas pelas classes que a constituem e individualmente os dos seus associados, em tudo o que diga respeito ao exercicio da sua profissão».

Encarecendo-se a iniciativa de Eduardo Coelho, em uma das mais consideradas folhas da segunda cidade do reino, o «Comercio do Porto»,

notava-se, por essa ocasião, que «a imprensa, que poderosamente tem concorrido entre nós para a diffusão e desenvolvimento do principio social, era talvez a unica classe que em Portugal se conservava estranha á pratica do grande principio que apostolisa.»

Pois a «Associação», embora paracesse vir satisfazer a uma necessidade de todos os espiritos illustrados, e embora tambem tivesse no estrangeiro tão bons exemplos a seguir, desaparecia, passada meia duzia de annos, sem deixar de si mais do que a lembrança dos innumerados dissabores e sacrificios que custou ao seu dedicado instituidor.²³

²³ Para se dar idéa do valor de taes sacrificios bastará reproduzir os seguintes periodos do primeiro *Relatorio* da Associação, referente ao periodo decorrido de 20 de setembro de 1880 até 31 de dezembro de 1881: «As contas da associação mostram que, tendo esta pagos todos os seus encargos até ao fim do anno de 1881, o saldo de que é devedora está apenas creditado a um unico crédor, que é o

Em meados de 1884, ao celebrar-se o quarto anniversario da «Associação», ainda o seu director-thesouheiro, referindo-se ás difficuldades com que até ali havia luctado, deixava entrever a esperança de que «a boa vontade de alguns dos seus membros faria triumphar uma instituição, que a esse tempo já se tornára mais util do que se poderia exigir das suas forças,» e alludia ao funcionamento regular das aulas da associação, nas quaes chegaram a matricular[-]se proxivamente 1:400 alumnos, e ao auxilio que

thesouheiro (Eduardo Coelho), o qual tem abonado sempre as sommas necessarias para as despesas.

«A gerencia cessante tem a honra de participar á assemblêa, com relação a esse debito, que o novo thesouheiro que ella eleger não terá de preocupar-se muito com elle, porque o thesouheiro cessante declara, não só que desiste a favor da associação de metade d'esse debito (cuja totalidade era de 1:001\$480 reis), como só receberá o restante saldo quando a associação possa (o que nunca pôde) sem prejuizo do seu andamento regular, indemnisa-lo.»

ella se vira obrigada a pedir ao ministro do reino de aquelle tempo.

Nada, porém, a salvou da morte, a que, pelo abandono, a votaram aquelles mesmos que mais interessados deviam mostra-se na sua conservação, e que, por muitas razões, mais precisavam d'ella. Porque não era certamente Eduardo Coelho, a esse tempo gosando já da mais completa e desafogada independencia, e para quem poucas glorias então podia haver que devessem causar inveja, que da Associação necessitaria auxilios, ou esperaria colher beneficios de qualquer especie.

O congresso das associações portuguezas, do mesmo modo que a Associação dos Jornalistas e Escriptores, que fôra encarregada de o preparar e convocar, nasceu das festas do tricentenario, e

constituia um dos artigos do programma commemorativo.

Na sessão solemne inaugural, celebrada em 10 de junho de 1882, o sr. Theophilo Braga, accentuando, n'um magnifico discurso, os serviços que o congresso estava destinado a prestar, dizia:

«O Congresso das Associações provocado por esta poderosa concentração do sentimento d'um povo que revive, tem um grande destino a cumprir; elle marca uma nova era na nossa existencia associativa».

Um anno antes, em junho de 1881, já Eduardo Coelho o escrevêra tambem no seu **Diario de Noticias**, ao affirmar que as festas do tricentenario viriam a fixar a data a começar da qual se contaria um dia a transformação do principio associativo» – Aprovado, pois, em sessão de 12 de junho de 1881, o seu nome, por acclamação, para membro

da comissão provisória promotora do «congresso», logo em 14 de junho foi proposto e consignado «um voto de louvor ao sr. Eduardo Coelho pelos relevantes serviços que no seu jornal o **Diario de Noticias**, tinha prestado á instrucção e ás classes laboriosas,» e na sessão preparatoria de 9 de junho de 1882 era elle escolhido para a commissão executiva, de que foi o presidente, com os srs. Antunes Rebello por thesoureiro, e Costa Goodolphim e Feyo Terenas por secretarios.

Na sessão solemne inaugural de 10 de junho de 1882, a que, por doença, Eduardo Coelho não pudera assistir, o sr. Simões d'Almeida exaltava-lhe calorosamente os serviços, e na acta era-lhe consignado «um voto de louvor e de reconhecimento pelos seus importantissimos trabalhos», propondo-se dias depois, que o congresso, em testemunho de gratidão, lhe

inaugurasse o retrato, logo que tivesse sala apropriada.

Os serviços que a Eduardo Coelho ficou devendo o congresso das associações, não eram todavia mais do que a continuação e a sequencia dos que a cada uma d'ellas em particular, elle até ali dedicadamente lhes prestára.

Rememorando junto do cadaver d'aquelle, «que com a sua constante e fervorosa propaganda evangelizou durante 25 annos, a proficuidade dos principios da associação,» o sr. Simões de Almeida, que fora secretario geral do congresso das associações portuguezas, dizia em nome de estas:

«Essa imponente e importantissima assemblea, que se reuniu durante tres annos, em que se discutiram e affirmaram principios de tão elevado alcance para as classes trabalhadoras, teria succumbido ás suas primeiras manifestações, se Eduardo Coelho a não

auxiliasse, promptificando-se a fazer uma parte importante das despesas, para que se tirasse o maximo resultado de aquella reunião». ²⁴

E alludindo á importancia do «congresso», e dizia mais:

«A proficuidade dos resultados do congresso ahi está patente, não só na nova orientação que tomaram as instituições de previdencia, mas por se verem já traduzidas em factos muitas da theses que ali foram discutidas».

O homem, portanto, a quem em tão grande parte se deveu a realização d'esse importante «balanço de forças» das associações portuguezas, bem merece que o seu nome se irmane com os dos

²⁴ Por ocasião da morte de Eduardo Coelho, o sr. Costa Goodolphim escrevia na *Officina*: «No congresso das associações portuguezas prestou relevantes sreviços, encontrámol-o sempre dedicado e trabalhador, entusiasta d'aquelle grande pensamento. Abriu bolsa franca para todas as despesas, não querendo d'ellas ser reembolsado.»

mais devotados, generosos e benemeritos apostolos do principio associativo.²⁵

Enthusiasta por tudo o que se relacionasse com os progressos da agricultura, da industria e do commercio, e sentindo uma particular aversão pela «empregomania», que lavra desde muito na sociedade portugueza, Eduardo Coelho escrevia em 1878:

«Precisamos muito de dirigir a actividade intellectual e physica da mocidade para as industrias uteis, creando as que não temos, não só para vêr se por este elemento moderno de regeneração social damos ao paiz novas fontes de riqueza, como para desviar as gerações, que se começam agora a educar, d'esta vertente fatal em que as faz deslizar a monotonia dos

²⁵ Pouco depois do fallecimento de Eduardo Coelho, e como homenagem á sua memoria, fundou-se em Lisboa a *Associação humanitaria Eduardo Coelho*, de socorros mutuos. Foi um dos mais justos preitos que podiam render-se ao nome do finado jornalista.

empregos publicos. O paiz não pode ser tudo *empregado* de si mesmo».

E em 1885, assignalando «a tendencia perniciosa da nossa educação, que afasta a mocidade das industrias para a dirigir em batalhões sequiosos á conquista dos logares do orçamento», recommendava instantemente a organização do trabalho, como sendo «ainda mesmo nas velhas nações europeias, e em outras fôrmas de governo, o grande, o forte recurso para attenuar um grande numero de males e determinadamente evitar as crises dolorosas do futuro».

Comprehende-se, pois, com que entusiasmo elle corresponderia ao appello que, como homem e como jornalista, se lhe fez para auxiliar a realisação do **inquerito industrial** em 1881, e da **exposição agricola** de 1884.

Suscitada, por ocasião da renovação do tratado de commercio com a França, a necessidade de um largo inquerito ácerca das industrias portuguezas e ordenado elle por decreto de 7 de julho de 1881, era na mesma data nomeada a commissão central directora dos trabalhos, e de que Antonio Augusto de Aguiar ficou sendo o presidente.

O **Diario de Noticias** foi desde logo incondicionalmente posto ao serviço da commissão, e o seu director exclusivamente consagrou, durante mezes, a sua actividade a esse trabalho tantas vezes violentissimo, e de que não quiz, nem mesmo como compensação das despezas que fizera, receber auxilios pecuniarios que lhe eram devidos.

O que foi esse inquerito mostram-n'o os grossos volumes que constituem os seus relatorios, um dos quaes, o referente á visita ás

fabricas do districto de Lisboa, se deve ao finado jornalista.

«As suas visitas (lê-se n'este importante documento) começavam ordinariamente ás 11 horas da manhã, reunindo a delegação ás 10, e prologavam-se muitas vezes até ás 6 e 7 horas da noite.

«Houve interrogatorios que consumiram seguidamente e sem descanso 5 a 6 horas. Em alguns dias, nas visitas aos concelhos limitrophes, o trabalho principiou ás 7 horas da manhã, demorando-se uma ou outra vez até ás 10 e 11 horas da noite.

«Em pouco mais de mez e meio, dias uteis, a delegação pôde não obstante visitar 75 fabricas e officinas».

A **exposição agricola** de 1884 mereceu-lhe igual dedicação e igual zelo.²⁶ Convidado pela

²⁶ Anos antes, fôra Eduardo Coelho por decreto de 22 de junho de 1881, nomeado para a commissão organizadora da *exposição de arte ornamental* que se realisou em Lisboa em princípios de 1882: e annos depois, por officio de 22 de fevereiro de 1888, era-lhe comunicado que a direcção da Associação Industrial Portuguesa o acolhera para membro de algumas das commissões organisadoras

real associação central de agricultura para membro da grande comissão organizadora da exposição, Eduardo Coelho era, na reunião da comissão executiva em 4 de janeiro de 1883, proposto pelo presidente Antonio Augusto de Aguiar e logo eleito, para vogal da mesma comissão, e mais tarde escolhido para um dos seus vice-presidentes.

Para actuar directamente nos productores das zonas menos convenientemente respresentadas, foi, como outros membros da comissão fizeram com relação a diversos districtos, percorrer, á sua custa, os districtos de Coimbra e Aveiro.

«Um sopro ardente de entusiasmo, (lê-se no «Relatorio da Exposição Agricola de Lisboa realisada na real tapada da Ajuda) levantou os

da *exposição industrial e agricola* effectuada em Lisboa, em meados d'aquelle anno.

espiritos, annunciando o bom exito do commetimento patriotico. No dia 4 de maio de 1884 podia-se, emfim, abrir a exposiçãõ nacional, que a imprensa unanimemente declarou uma forte affirmativa de vitalidade.»

Escrevendo a Eduardo Coelho, em 10 de setembro de 1870, o sr. Ferreira Lapa dizia folgar, «como folgariam todos os entendimentos illustrados que não andassem obcecados pelo que ahi chamam politica do dia, de achar no homem que melhor se tem feito entender do publico no jornalismo noticioso e instructivo, um campeão sincero e denodado do progresso agricola, unica base segura da regeneraçãõ profunda e duradoura d'este paiz.»

Bem o mostrou Eduardo Coelho no ardor com que promoveu a realizaçãõ de aquelle brillantissimo certamen, que durante tres mezes mais de 150.000 pessoas visitaram e encareceram:

bem lh'ò certificaram todos os seus collegas n'essa longa e fadigosa tarefa, e designadamente a Real Associação central de agricultura portugueza; ²⁷ melhor do que ninguem lh'ò testemunhou o presidente da comissão executiva da exposição, ao dirigir-lhe, poucos mezes depois de encetados os trabalhos, o seguinte honrosissimo officio:

«Ill.^{mo} . e Ex.^{mo} Sr. – Tenho a honra de communicar a V. Ex.^a que a comissão executiva da exposição agricola resolveu por unanimidade em sua penultima sessão, que se lançasse na acta um voto de agradecimento pelos relevantissimos serviços que V.

²⁷ «A real associação central de agricultura portugueza confere a MEDALHA DE HONRA ao Ill.^{mo}. e Ex.^{mo} Sr. Eduardo Coelho por serviços prestados á agricultura portugueza na exposição agricola, em Lisboa, de 1884 (sessão da direcção em 23 de maio de 1884). Lisboa 23 de maio de 1885. – O vice presidente da direcção (a) Visconde de Sanches de Baena. – O secretario (a) Antonio Batalha Reis.

Ex.^a se dignou prestar no empreendimento da exposição.

«Foi uma homenagem devida aos esforços e dedicação com que V. Ex.^a põe sempre a sua alta intelligencia, a sua habil penna e o seu trabalho desinteressado ao serviço de todos os commetimentos que podem tornar-se uteis nos seus resultados ao nosso paiz.

«Pela minha parte, eu que segui de perto a iniciativa que V. Ex.^a tomou na imprensa, não só no seu excellente jornal, como em todos os que se publicam no paiz, tenho por certo que é a V. Ex.^a que se deve a realização da exposição agricola.

«Sempre ao meu lado, incansavel e dedicado no trabalho, cumpre-me agradecer a V. Ex.^a todo o importante auxilio que se dignou a prestar-me, e sem o qual, decerto, me teria sido difficil attender aos variados e multiplicados serviços de uma exposição.

«Deus guarde a V. Ex.^a – Sala da commissão executiva da exposição agricola em 18 de maio de 1883.

«Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Eduardo Coelho, digno vogal da comissão executiva da exposição agrícola.

A. DE AGUIAR».

Não muito depois da data d'este officio, Aguiar, de cujos patrioticos commetimentos Eduardo Coelho foi sempre o mais convicto propagandista, devia encontral-o de novo a seu lado, a pugnar pela iniciativa dos **melhoramentos do porto de Lisboa**.

Haviam estes merecido ao finado jornalista, desde os primeiros annos do seu **Diario de Noticias**, as mais ardentes sympathias. Reclamava-os desde 1870, e quinze annos depois, logo que se pensou em dar-lhes realisação pratica, immediatamente consagrou a sua penna e a sua actividade, á defeza d'essa ideia, e do estadista que por ella veiu mais tarde a sacrificar a sua pasta de ministro.

Não lhe faltaram por essa occasião insinuações, nem faltou quem o accusasse de haver tomado a cor politica do ministro cujos actos defendia. A isto, porem, respondia elle que

não considerava haver de nenhum modo deixado de ser «incolor» com relação á politica partidária, obrigado e acostumado como estava a «apoiar, fóra dos interesses d'essa politica, todos os esforços tendentes a effectuar todos os melhoramentos publicos, e consequentemente apoiando um ministro que buscava realisar um d'esses melhoramentos».

«Esta crença da necessidade absoluta, immediata, inadiavel de melhorar as condições deploraveis do porto de Lisboa, trazemol-a no espirito ha mais de 15 annos, e por ella temos sido e seremos devotadissimos a todos os ministros que nos disserem crer n'este crêdo, que é tambem o crêdo e o partido de muitos milhares de pessoas da capital». (*Diario de Noticias* de 25 de janeiro de 1885).

De taes accusações era, porem, largamente compensado pelos testemunhos de gratidão com

que especialmente o commercio de Lisboa por mais de uma vez o distinguiu.

A associação commercial votava-lhe louvores e agradecimentos pelo patriotismo com que advogava uma questão «que sem duvida era da maior e mais inadiavel importancia para o nosso paiz», e n'uma carta publicada no «Commercio de Portugal», em agosto de 1885, os directores da mesma associação, signatarios da mensagem de agradecimento dirigida a Fontes Pereira de Mello, a proposito da apresentação do projecto para as obras do porto, testemunhavam que «aos esforços da imprensa, principalmente d'estas duas folhas («Commercio de Portugal» e **Diario de Noticias**) se devia a grande satisfação de verem realisadas as suas aspirações, e attendidos os votos da grande maioria da capital e do paiz». Não eram estas palavras mais do que a confirmação dos termos em que Antonio Augusto de Aguiar, na sua

celebre conferencia de 4 de fevereiro de 1885, na sala da associação commercial de Lisboa, se referira a Eduardo Coelho e ao fallecido Visconde de Melicio, agradecendo-lhes a sua coadjuvação e os seus serviços.

Os melhoramentos do porto foram decretados não muito depois da sahida de Aguiar da pasta das obras publicas. O tempo veiu fazer justiça ás intenções do ministro e de todos os que o appoiaram, e não é certamente, nem áquelle nem a estes que se devem os erros, se os ha, no modo como se realisou um projecto, que foram unanimes em declarar de inadiavel execução as camaras municipaes de Lisboa e Belem, a junta geral do districto, as associações commercial de Lisboa, promotora da industria fabril, dos engenheiros, dos jornalistas e escriptores portuguezes, as sociedades de geographia e das sciencias medicas, todas as corporações, enfim,

ouvidas e consultadas sobre a necessidade
d'aquelle arrojado commettimento.

II

Dizia frequentemente Eduardo Coelho que havia uma coisa mais justa ainda do que a propria justiça, que era a magnanimidade.

D'esta, tanto como d'uma caridade inexaurível, é a sua vida uma ininterrupta sequencia de exemplos.²⁸

²⁸ Nem frequentemente, comtudo, as proprias pessoas beneficiadas tinham conhecimento de quem as favorecia. Prova-o um facto, recordado pelo distincto escriptor Marques Gomes, no n.º 3:794 do *Campeão das Provincias*, de Aveiro: «Eduardo Coelho, que era caritativo em extremo, das duas vezes que esteve aqui, socorreu com mão generosa algumas familias verdadeiramente necessitadas, as quaes nunca souberam o nome do seu bemfeitor, porque elle lho occultou, e me pediu igualmente que o não denunciasse - pedido que satisfiz.»

O mesmo jornalista contava, por essa occasião o seguinte episodio da vida de Eduardo Coelho, quando este era noticiarista da *Revolução*: «Era já tarde; cançado pelo trabalho de redacção na *Revolução de Setembro* e desalentado com o futuro, recolheu-se a casa, que então

Como demonstração, Pinheiro Chagas narra o seguinte curioso facto, um dos muitos que do mesmo genero podiam apontar-se na vida do bondoso jornalista:

«Fundou-se em Lisboa uma associação a que Eduardo Coelho dedicou muito carinho e muito affecto... Tinha na sua séde objectos importantes e de valor. O guarda, porem, d'esses objectos era um pobre homem, tagarella, cheio de pretenções a ser elle a alma da sociedade, que Eduardo Coelho empregára para que elle tivesse seguro um pedaço de pão.

«Mas o homem não vive só de pão, como Jesus Christo disse, e d'esta phrase evangelica muita gente se serve para sustentar a opinião de que, sem uma boa

era um mais que modestissimo quarto d'uma agua-furtada de um predio qualquer. Eduardo Coelho, por economia de tempo, ou porque confiava demasiado que nenhum gatuno se aventurasse a ir dar-lhe *varejo* aos seus haveres, taes eram elles, nunca levava a chave da porta. Quando entrou, e ia para deitar-se, encontrou um homem dormindo socegradamente no seu pobre grabato. – Talvez ainda seja mais infeliz do que eu, coitado, disse Eduardo Coelho, e cerrando a porta, sahiu, indo passar o resto da noite para a redacção da *Revolução de Setembro*, onde dormiu sobre algumas resmas de papel de impressão.»

pasta de manteiga, e até mesmo sem uma lambuzadella de compota ... não vae. Para a manteiga, sempre o tagarella do homem conseguia explorar a condescendente algibeira de Eduardo Coelho, mas a marmelada adjacente?

«Quando este personagem original, que eu tenho pena de não poder descrever claramente porque já morreu, e tem familia talvez que não gostaria de o vêr exposto ao riso publico, quando esse personagem, pois, sentia o appetite irresistivel da marmelada para condimentar o pão de cada dia, pegava em todos os objectos de valor que se encontravam na sala da sociedade, onde só o que se não encontrava era socios, e ia empenhal-os. Grande pandega durante uns poucos de dias, até que um visinho caridoso industriado talvez pelo proprio auctor do crime, corria a casa de Eduardo Coelho a avisal-o do que se passava.

«O pobre Eduardo Coelho, mortificado, inquieto, mettia a sua carteira de notas na algibeira, e ahi ia elle a resgatar os objectos da sociedade. O guarda infiel ouvia de orelhas baixas as objurgatorias de Eduardo Coelho, as ameaças de se[r] posto na rua, cahia-lhe aos pés, chorava e falava na sua familia, dizia-lhe que ia morrer de fome.

«Eduardo Coelho, commovia-se e perdoava, obrigava-o a fazer juramento solemne, e ia-se embora socegado, dizendo comsigo: – Pobre homem!

«D’ahi a quinze dias, é claro, recomeçava a viagem dos objectos de valor, a vida *á grands-guides* do guarda infiel, a corrida do visinho á casa de Eduardo Coelho, a corrida de Eduardo Coelho com a carteira de notas para casa de penhores, a scena das objurgatorias, a scena do arrependimento, a scena do perdão. Se o homem não morre, e se não morre tambem de todo a sociedade, esta peregrinação não acabava senão agora».

Houve um homem de triste celebridade, que interpretando mal o que Eduardo Coelho a respeito d’elle escrevera em um folhetim do **Diario de Noticias**, se julgou ofendido a ponto de haver tentado dar a morte ao auctor do escripto.

Esse homem foi o ultimo carrasco que houve em Portugal, e antes e depois de aquella tentativa, Eduardo Coelho não teve para essa tão sinistra

creatura senão palavras de commiseração e de piedade.

«A proposito do folhetim *O ultimo carrasco em Portugal* ²⁹ succedeu comnosco (contava Eduardo

²⁹ Foi publicado este folhetim no *Diario de Noticias* n.º734 de 23 de junho de 1867, por ocasião da abolição da pena de morte em Portugal. Eduardo Coelho dedicara-o a Victor Hugo, que lho agradeceu em carta, datada de Hauteville-House, em 2 de julho de 1867.

Dizia esta carta:

«Está, pois, a pena de morte abolida n'esse nobre Portugal, pequeno povo que tem uma tão grande historia! Penhora-me a recordação da honra que me cabe n'essa victoria illustre. Humilde operario do progresso, cada novo passo que elle avança me faz pulsar o coração. Este é sublime.

Abolir a morte legal, deixando á morte divina todo o seu direito, e todo o seu mysterio, é um progresso, augusto entre todos. Felicito o vosso parlamento, os vossos pensadores, os vossos escriptores e os vossos philosophos! Felicito a vossa nação. Portugal dá o exemplo á Europa. Disfruectae de antemão essa immensa gloria. A Europa imitará Portugal. Morte á morte! Guerra á guerra! Odio ao odio! Viva a vida! A liberdade é uma cidade immensa da qual todos nós somos cidadãos. Aperto-vos a mão como a meu compatriota na humanidade, e saúdo o vosso generoso e eminente espirito. – VICTOR HUGO.

Coelho, no seu *Diario de Noticias*, em 1 de junho de 1885) uma anedota tão singular como tragica, e que era ha dias referido com bastante graça pelo nosso collega *A Verdade*, de Thomar, que nol-a ouvira contar no Limoeiro, quando ha dias ali fomos visitar o jornalista republicano, e nosso collega da imprensa politica, o sr. Magalhães Lima.

«O carrasco Luiz Negro ouvira ler o folhetim na enxovia do Limoeiro, e não o comprehendeu, signal certo de que elle não estava bem escripto. E jurou que havia de matar o auctor. Pois o folhetim era piedoso com o carrasco, quasi lhe chamava homem de bem. Só se foi por isso. Tomou uma lima velha o carrasco, e aguardava a occasião de nós passarmos no cortejo da visita ás prisões no dia de communhão solemne aos presos, para nos furar o peito ou o abdomen. Dois presos que ali estavam e souberam da intenção damnada do Luiz Negro, tiraram-lhe isso da cabeça contou-me depois um d'elles. – «Porque a minha morte em dia tão solemne seria um grande escandalo!». Era para agradecer.

«Tambem d'esta vez o pobre carrasco aboliu a pena de morte»

Se nas suas criticas, como elle mesmo escreveu, sempre se inspirava no pensamento de Chateaubriand, que dizia preferir «a grande e fecunda critica das bellezas á pequena e mesquinha critica dos defeitos», na resposta aos que o criticavam, mantinha invariavelmente, a par d'uma exemplar cordura, a mais perfeita e irreprehensivel lealdade.

Mais de uma vez, apesar da urbanidade do seu tracto e dos seus escriptos, elle se viu envolvido em pendencias, que nem proxima nem remotamente provocára. Era essa «comica historia dos seus duellos», que elle em um folhetim do seu jornal promettia vir ainda a contar, e da qual restam alguns documentos, que são verdadeiros modelos de sensatez e de firmeza.

Vinha de longe ao finado jornalista a sua repugnancia pelos duellos-farças. Quando chronista do «Conservador», escrevera elle:

«Era já tempo de se acabar com a ridicula fanfarronada dos duellos, que tornam os casos mais serios em caricatos entremezes... Ai! D.Quichote, para que ensinaste tu esta geração de basbaques a bater-se com os moinhos!»

Quando, pois, em 1866, o procuraram dois emissarios d'um individuo que por elle se julgára offendido, e que lhe propunha um duello, Eduardo Coelho, explicando a recusa com que lhes respondera, escrevia, em carta dirigida ao redactor do «Jornal do Commercio», e datada de 20 de setembro d'aquelle anno:

«Queriam que eu desmentisse a minha verdadeira carta de domingo, e como eu me negasse formalmente, porque nunca me retracto do que escrevo por meu proprio punho, propunham-me um duello. Ora eu tenho-me batido algumas vezes pela verdade, senhora de minha particular estima, em luctas incruentas, porque ella me impõe como

preceito que, para a conquista dos seus agrados, só valem razões próprias de gente que pensa.

«Alem d'isto eu sou mau alvo: as balas em mim fazem ricochete, e podiam ferir o adversario, e eu ficar tido por assassino o que era incompativel com a minha posição de jornalista: ou podia o acaso querer que ellas me ferissem, o que era prejudicial a minha commodidade, e dava a entender que os meus adversarios eram mais verdadeiros do que eu, coisa que não posso consentir.

«Podia tambem, e é isso costume cá na terra, o duello descahir em farça e só gosto de figurar nas farças que escrevo, e a commissão de censura approva. Demais, nos meus exercicios no alvo, não uso balas de papel; e se como jornalista respeito as leis do meu paiz, como cidadão ando sempre prompto para o que der e vier.

«Recusei, pois, acceitar o papel que incompetentemente me era distribuido na tal farça, declarando todavia que *respeitava o direito de represalia*. Já se vê que estou disposto a morrer, e por isso vou fazendo este testamento».

No dia seguinte ao da publicação d'esta carta, dois individuos, usando do direito de represalia,

que elle lhes facultára, esperaram-no e aggrederam-no. Levado á presença da auctoridade, Eduardo Coelho, affirmando que não tinha de que se declarar queixoso, pediu apenas que no respectivo auto se consignasse a verdade, isto é, que ficasse bem claro que eram dois contra um, que esse um não recuou nem fugiu, e, se se quizesse tornar mais circumstanciada a narrativa, que se accrescentasse ainda que, apesar da differença do numero, os aggressores não tinham sahido incolumes da refrega.

– Este Coelho é um «gentleman!» dizia frequentemente o folhetinista Lopes de Mendonça, no tempo em que aquelle não era mais do que um humilde e quasi desconhecido noticiaria da «Revolução de Setembro».

Nunca, porem, esta justa apreciação se desmentiu, tão natural e desaffecteda era a delicadeza do seu tracto – essa irreprehensivel

delicadeza que levou Jules Lermina a afirmar que em Lisboa não encontrára portuguez mais genuinamente parisiense do que Eduardo Coelho – tão aprimorada sempre a gentileza do seu character, tão perfeita a correcção do seu proceder, por mais oppostas e difficeis que fossem as situações da sua vida.

III

Pelo que respeita ás qualidades propriamente litterarias de Eduardo Coelho, é certo que nunca o estylo retratou melhor o homem.

Como Villemessant, elle parecia effectivamente «falar com tinta», tão simples, tão despretenciosa era a sua maneira de escrever, principalmente nos artigos do **Diario de Noticias**, que quasi lhe absorveu por completo a actividade intellectual dos ultimos 25 annos da sua vida, e cuja leitura elle tambem fizera entrar como habito imprescindivel na vida dos milhares de habitantes da capital.³⁰

³⁰ D'um artigo que Guilherme de Azevedo firmou com o pseudonymo *João Rialto*, e que acompanhava a mangifica caricatura de Eduardo Coelho no *Album das glorias*, devida ao primoroso lapis do sr. Raphael Bordalho Pinheiro, reproduzo os seguintes periodos em que a verdade transparece atravez do mais delicado humorismo:

«Depois do codigo fundamental da monarchia o *Diario de Noticias* é a creação mais significativa que no

meio do seculo decorrido tera visto a luz do solo portuguez. No seu persistente trabalho de capa, nos ultimos quinze annos, aluiu pela base, quasi sem ninguem dar por isso, todos os velhos costumes, todas as velhas tradições, todos os velhos idolos. Pela lisonja da publicidade animou as Associações a suplantarem as Irmandades, as Philarmonicas a calarem as Ladainhas, a Opinião a assoberbar os governos, e todavia continuou sempre a captar as sympathias, tanto da carta como do dogma, proclamando todos os dias aos povos, logo pela manhã, que «suas magestades e altezas passam sem novidade em sua importante sande» e que o Lausperenne é na igreja conventual do Bom Successo – rito duplex.

«Ninguem como Eduardo Coelho tem mostrado o supremo talento de saber guilhotinar mais subrepticamente o pescoço das victimas com uma penna de pomba...

«Ninguem como elle tem realisado o milagre de fazer d'uma simples folha de papel, impressa dos quatro lados uma necessidade publica!

«Cada um de nós, quando acorda pela manhã, se julga incompleto sem o *Diario de Noticias* á cabeceira. Precisamos d'elle para saber se fomos aleivosamente assassinados em quanto dormiamos, ou para nos commovermos com o discurso sentido que um amigo dedicado nos dirigiu na vespera á beira da sepultura.

«Pelo *Diario de Noticias* pautamos as nossas acções quotidianas, por elle nos guiamos desde o berço até á sepultura.

«Como obra de philosophia pratica o *Diario de Noticias*, entre nós e no nosso meio, é completo, porque

Julio Cesar Machado, esse outro illustre e querido morto, n'um bello artigo publicado no jornal de Lisboa «O Reporter», e em que sentidamente se exaltava a memoria de Eduardo Coelho, dizia em maio de 1880:

«No jornal a moderação foi o seu crédo.

«Por isso mesmo, qualquer meia palavra opposicionista, assumia, no seu artigo, uma importancia reveladora.

«Empregava de proposito e com exito os cambiantes, os tons esmorecidos, as tintas indecisas, como nas das tapeçarias dos catellos

é a justa expressão do estado mental da sociedade portugueza n'um momento dado. Só vae um quasi nada além do seu tempo, o necessario para a multidaõ a quem se dirige não dar por isso, nem ser violentada nos seus habitos domesticos ou nas tradições de familia. Accusam-no varios pensadores audazes, emquanto tomam o seu cha com torradas, de ser uma folha *sem côr* e de se preocupar mais com a côr dos paramentos do que com os matizes dos partidos; entretanto é certo que o *Diario de Noticias* nascendo n'um meio essencialmente *descurado*, tinha de ser tal qual o recebemos todos os dias ao levantar da cama, *incolor*, a fim de não ferir o orgão visual dos assignantes.»

velhos...Attenuava, discretamente, os pormenores, e, em um fundo de meias cores, fazia destacar com todo o valor a sua intenção...»

.....

«Apreciava as audacias, mas queria que a prudencia fosse o caracteristico do jornal, e não se esquecia de que o apostolo disse ter sido um dos mais graves resultados do peccado original o entregar o mundo á discussão...³¹ – Nunca, porem, deixou de affirmar o seu parecer, e, ás vezes, como se já estivesse tratando de assumpto differente, dava resposta ao que lhe convinha, sem, aliaz, perder nunca de vista a corrente da opinião».

Se do estylo se passar ás intenções que guiavam a sua penna, ver[-]se[-]ha como se confirma este juizo formulado por uma das folhas da capital: – foi dos poucos que entre nós ainda

³¹ N'uma biographia publicada no *Diario de Noticias*, de 23 de abril de 1876, notava-se espirituosamente que Eduardo Coelho havia «acrescentado um mandamento aos dez já conhecidos: *e não responderás ao jornal do teu proximo.*»

fizeram jornal pelo jornal, dedicando-lhe todo o seu esforço, toda a sua iniciativa e intelligencia. Manteve-se sempre jornalista, na genuina e mais levantada accepção da palavra, não querendo nem procurando cargos que o desviassem da missão que se impuzera, e aceitando unicamente aquelles que, sem lançarem sobre os seus intuitos a mais ligeira suspeição de parcialidade politica,³² e tambem sem recompensa de qualquer especie – porque nunca desempenhou funcções publicas remuneradas – lhe não dessem proveito, directo ou indirecto, a elle proprio, mas o dessem ao paiz a que servia.³³

³² Incluindo, em 1885, na lista dos vereadores da camara municipal de Lisboa, apressou-se a declinar a honra em que o queriam investir. (*Diario de Noticias* n.º 7:124)

³³ As distincções conferidas a Eduardo Coelho, á excepção da commenda da Ordem de S.Thiago, que lhe foi offerecida, e que elle aceitou, em condicções muito particularmente honrosas, deveu-as a corporações

Depois da criação do **Diario de Noticias**, poucos escriptos reuniu em volume que não

litterarias ou scientificas, ou a associações humanitarias e populares.

Eis a relação d'algumas d'essas distincções: — presidente honorario da Associação dos jornalistas e escriptores portuguezes; socio fundador, e em alguns anos membro do conselho central da sociedade de geographia de Lisboa; presidente da associação typographica lisbonense; socio honorario e mais tarde benemerito, da associação dos artistas de Coimbra; socio benemerito da academia civilisação; socio honorario do gremio popular de Lisboa, e do gremio litterario de Angra do Heroismo; socio correspondente do instituto Vasco da Gama, fundado por Thomaz Ribeiro em Nova Goa (India) e do atheneu commercial de Braga; socio effectivo da associação comercial de Lisboa, e da dos architetos civis e archeologos portuguezes; socio honora[rio] da associação dos escriptores e artistas hespanhoes, da academia Mont-Réal de Toulouse, da sociedade poetica meridional; socio correspondente da sociedade de geographia commercial de Bordeaux; membro associado da associação litteraria internacional de Paris, do instituto de ensino livre de Valladolid, etc. Pertenceu tambem a quasi todos os institutos de beneficencia de Lisboa. Foi agraciado pelo governo francez com o grau official da academia (instrucção publica), e pelo governo hespanhol com a commenda de Izabel a Catholica, mercê que recusou.

houvessem já sido publicados n'aquella folha, ou que não fossem reproducção de trabalhos anteriores a 1865.

Escriptor propagandista, ora inspirando-se nos quadros mais gloriosos da nossa historia, ora tratando assumptos que mais directamente importavam á prosperidade do paiz e á illustração do povo, os seus romances, os seus contos, as suas cartas de viagem encerram sempre um proveitoso ensinamento, e revelam todos um elevado intuito moralizador e educativo.

Notavel caricatura de Eduardo Coelho no «Album das Glorias»



Eduardo Coelho, trabalhador persistente e honesto, é entre nós o creador intelligente da «pequena imprensa, essa prodigiosa invenção que se

deve considerar a mais poderosa alavanca democratica das sociedades contemporaneas.

Elle abre o seu coração a todas as expansões commovedoras, e não só abre ao mesmo tempo a bolsa, mas tem obrigado a de muitos argentarios sequiosos da fama a abrirem a sua a muitas solicitações da fome.

O Diario de Noticias, posto ao serviço da ideia do centenario de Camões, produziu ainda não ha muito o bello movimento espirital que só por si resume o symptoma mais consolador que á nossa geração tem sido dado apreciar. Por essa experiencia pode avaliar-se a força de que dispõe a folha aparentemente innoferiva, que em mãos ambiciosas podia sem um ariete, mas que nas de Eduardo Coelho é tão somente um orgão».

Assim o louvor dos homens justos é devido sem restrições áquelle que, dando quotidianamente noticia de tantos costumes bons e maus introduzidos no seio dos povos, quiz tambem por sua vez introduzir no seio dos seus concidadãos o costume de ler».

(Do artigo que no *Album das Glorias* (10 de agosto de 1880) acompanhava a caricatura de Rapahel Bordallo Pinheiro.)

João Rialto (Guilherme de Azevedo).

As narrativas das suas viagens, quer no estrangeiro quer em Portugal, são um modelo de singeleza, de observação e de verdade.

«Jornadeio na minha terra como simples burguez, que sou, sem aspirar á posteridade, nem á fama, para cujo templo aliaz vejo irem peregrinando por facil caminho muitos contemporaneos, a quem não faço concorrência. Oxalá que haja lugar para tantos. Eu acho prudente ficar no topo, de aquem da estrada luminosa a vel-os, a admiral-os, e a fazer o registo das suas glorias. Escolhi o mister mais humilde e menos pretencioso».

Abrem estas palavras o seu formoso livro **Passeios na Provincia**, um dos que mais justamente foram encarecidos pela critica.

Da collecção de contos **Historias de Hoje**, escrevia Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos:

«Contem dez artigos, historias, ou contos, chamem-lhes como quizerem. Em todos o

pensamento é sisudo, as aspirações nobres, o ressentimento contra a sociedade quasi nullo. A tristeza da desventura é copiada da natureza com grande felicidade: no quadro do vicio entram figuras de todas as classes: nos caracteres ha muita verdade: nos lances verosimilhança, e com frequencia ousadias acertadas... Em summa, é livro de boa leitura, e que pode andar em todas as mãos».

Foi com este livro que Eduardo Coelho pretendeu inaugurar uma série de volumes, onde deveriam ficar archivados os escriptos disseminados por numerosas folhas politicas, litterarias e noticiosas, salvando assim do esquecimento o melhor e mais valioso da sua obra de escriptor.

A tarefa não foi comtudo levada a cabo, embora em junho de 1872, no **Diario de Noticias** se annunciasse que iam entrar no prélo quatro tomos de obras litterarias de Eduardo Coelho, sendo duas de **Explorações romantico-**

historicas, e duas de **Phantasias, contos moraes e descrições**, devendo cada volume ter 250 paginas.

Uma outra obra projectada, e de que alguns capitulos ficaram em folhetins, e nos Brindes do **Diario de Noticias**, devia intitular-se **Homens, mulheres e rapazes do meu tempo**,³⁴ havendo reunido elementos para uma biographia de Antonio Augusto de Aguiar, e sendo seu intento colligir um segundo volume **Passeios na Provincia**, em que incluira as notas de viagem ao Minho e á Beira Baixa.

Tambem dariam um bom volume os seus versos, egualmente inspirados nos mais altos e

³⁴ Foram publicados os seguintes capitulos d'esta obra: *Episodio da emigração polaca* (o conde Sobolewski) e o *Meu Pae*, nos Brindes de 1872 e 1875; *Henrique van Deiters* e *A doida do Bussaco*, no *Diario de Noticias* n.^{os} 2811, 2812 e 2827 do anno de 1873.

mais generosos sentimentos. Ou saudava o progresso, como n'esta estrophe:

Vae-se enchendo de luz a noite densa
Ao raiar dos clarões do dia novo
No mundo social. Já brilha o povo;
Já o lavor da ideia se compensa;
É já poder a opinião; a imprensa
É o mais alto bastião da liberdade;
E a multidão já o theatro invade
O obreiro a saudar que escreve e pensa.

ou exaltava a missão e os beneficios da instrução e da escola:

Prégae! Abri o espirito da turba
Aos fecundos clarões do sol bemdito;
Que veja a luz immensa do infinito
E rasgue a densa treva que o conturba.

Levae ávante esse evangelho novo
Que em seu texto amoravel, santo, puro,
Diz: – «O estudo... é a estrada do futuro!

E a instrucção... a redempção do povo!

Exercei esse nobre patriotismo
Que ha de salvar, por fim, a sociedade,
Fazendo do direito uma verdade,
E arrancando as multidoes do abysmo.

.....

Ao gostar da instrucção o doce travo
O povo adora o bem e foge ao crime,
Resgata-se do vicio que o opprime,
E surge livre, o cidadão, do escravo.

.....

É todo paz esse evangelho novo:
Seu texto luminoso, santo, puro,
Faz-nos ver nas miragens do futuro,
Pela instrucção, a redempção do povo!

«Revolucionario sublime, escreveu alguém,
deu um tremendo golpe no grande idolo
«indifferença», e no grande idolo «ignorancia».
Eduardo Coelho irmanava effectivamente a
missão do mestre com a missão do jornalista.

«Imprensa e professorado, notava elle em carta dirigida ao presidente das conferencias pedagogicas de 1888, devem-se mutuo apoio pela irmanade, ou ao menos pela similitude do seu trabalho social. Eu por mim (acrescentava ainda) e no meu pouco, nunca lhe faltei, e nunca lhe hei de faltar. Assim eu pudesse o que podem os gigantes do saber, que lhe daria em força o que só lhes posso dar em boa vontade.»³⁵

³⁵ No fim da sessão de 12 de outubro de 1883, os professores reunidos nas conferencias pedagogicas aprovaram um voto de louvor ao *Diario de Noticias* «*pelo modo como advogava a causa da educação nacional*»; e dois annos depois, na sessão solemne de 29 de novembro de 1885, da associação dos professores primarios, era confirmado aquelle voto, agradecendo-se a Eduardo Coelho «*o muito que lhe devia a causa da construcção popular e a do professorado primario*».

Por este tempo, e como membro da commissão inspectora das escolas normaes do districto de Lisboa, commissão de que era presidente o sr.conselheiro R. A. Pequito, e secretario Fernando Palha, no biennio de 1884 e 1883, dedicava Eduardo Coelho a sua actividade a tal inspecção, de cujos trabalhos apresentou o relatorio á junta geral do districto, em 25 de setembro de 1884.

Mas esta boa vontade de tal modo e tão repetidas vezes se affirmou, que Alexandre Herculano consagrava-lh'a com a sanção da sua auctoridade indiscutivel, reconhecendo-lhe, n'uma dedicatoria honrosissima, a honestidade do seu character e a utilidade do seu trabalho: e que Antonio Feliciano de Castilho, a proposito de um folhetim de Eduardo Coelho ácerca dos «Tres mundos», de D. Antonio da Costa, dizia-lhe, em carta de 22 de junho de 1873:

«Fala-se, e tambem eu tenho falado, do sacerdocio da imprensa; para que esse bello nome lhe quadre em cheio, é preciso que, por cada sacerdote legitimo e zeloso como D. Antonio da Costa e Eduardo Coelho, não continuem a apparecer, ás rebatinhas, á roda e agachados debaixo de cada prélo, tantos padres Matheus da litteratura, como os de que hoje vivemos inçados e vexadissimos». «Continue, com o seu exemplo, a ensinar a verdade e o bem».

IV

Desde 1886, em que uma doença pertinaz e irremediável se apoderára de Eduardo Coelho, póde considerar-se abandonada por este a vida activa, que até então levára.

Rarissimas vezes era visto em publico.³⁶Já pouco escrevia por seu proprio punho, limitando-se a dictar os artigos, que quasi quotidianamente appareciam no **Diário de Noticias**, e de que o ultimo, publicado no proprio dia da sua morte, foi a rememoração dos novos principios que em 1789

³⁶ Havia uma festa a que elle nunca queria faltar, e a que ainda concorreu poucos mezes antes da sua morte, quando tão difficeis lhe eram já os movimentos. Refiro-me á recita annual a favor do cofre da associação typographica lisbonense. A ultima a que assistiu, no teatro de D. Maria II, em 5 de janeiro de 1889, constituiu para elle tambem uma gratissima manifestação de sympathia e de estima por parte da classe typographica.

firmára a revolução, e que um seculo depois a exposição de Paris era destinada a commemorar. Esse escripto, em que mais uma vez se recordavam, a proposito d'aquella grandiosa festa do trabalho, os direitos do homem civilisado e do cidadão livre, era o condigno fecho d'uma vida consagrada á defeza de todos os grandes ideaes de justiça e humanidade.

«O primeiro artigo que elle escreveu ha 25 annos no **Diario de Noticias**, notava um jornal de Lisboa, fôra uma saudação ao trabalho glorificador que até ahi tinha honrado como typographo, que ia honrar d'ahi em deante como jornalista. Enlacem esses dois artigos por sobre 25 annos de acção, e terão a nota typica da vida exemplar d'este trabalhador, a razão de ser da sua popularidade justissima.³⁷

³⁷ *Correio da Manhã* n.º 1372, de 15 de maio de 1889.

Nem no estrangeiro, nem em Lisboa, nem em Coimbra, sua terra natal, para onde foi residir alguns mezes, em 1886, Eduardo Coelho encontrou os alivios que anciosamente procurava; e se sempre fazia por animar os que o cercavam com palavras de confiança em melhoras proximas, bem no intimo comprehendia sem duvida a gravidade da doença, porque elle proprio a estudava nos livros da especialidade, e, de quando em quando, em confidencia a um ou outro amigo, deixava transparecer o que pensava do seu estado.

Decorreram mais de tres annos atravez dos quaes o mal, por entre innumeradas vicissitudes, foi sempre implacavelmente progredindo.

«Ás 9 horas da noite (de 14 de maio de 1889), lia-se no **Diário de Noticias** do dia seguinte ao da

morte do seu fundador e director, ainda vivia – e de certo pensava, na família e no seu jornal. Passara o dia mais sereno e menos triste que o habitual. Sahira. Déra o seu passeio pela cidade, e até comprára um objecto para brinde, rindo-se da lembrança.³⁸

«De manhã, a conversar pausadamente com um empregado e amigo, dissera-lhe: – Já não tenho operarios n’esta minha casa nova.

«Como se quizesse desabafar: – Agora posso morrer descansado!»

E descansadamente morria com effeito, ás 9 horas e meia d’aquella mesma noite, sem agonia, instantaneamente, no seu predio da rua, então denominada dos Cardaes de Jesus e que hoje se

³⁸ Esse brinde era destinado a sua esposa, leal companheira da sua vida desde os tempos da mais dura adversidade, e que, sempre dedicada até ao sacrifício, foi para elle uma enfermeira tão desvelada como solícita e constante.

chama – **Eduardo Coelho** – prédio que tem o numero 29 e que foi edificado sobre os alicerces d’aquelle em que morreu, em 1811, o poeta Nicolau Tolentino de Almeida.³⁹

³⁹ Na Revista quinzenal illustrada *Brasil-Portugal* (n.º 18, de 16 d’Outubro de 1899) publiquei um artigo com o titulo – *A casa onde morreu Eduardo Coelho* – que a direcção da mesma revista fez acompanhar, não só do retrato do fundador do *Diario de Noticias* ao tempo da creação d’esta folha, mas tambem da reproducção da primeira e ultima paginas do numero-programma d’aquelle jornal e de algumas vistas interiores do predio que se descrevia.

Commetti n’esse artigo um erro, já corrigido em outro logar d’este livro. Eduardo Coelho não nasceu, como então escrevi, na casa proxima do Arco d’Almedina, onde aliás viveu na sua infancia e nasceram alguns de seus irmãos, mas sim no predio da Rua dos Sapateiros, que hoje tem os n.^{os} 73 a 77.

Induziu-me n’essa inexactidão o que a tal respeito escreva no *Conimbricense* o fallecido jornalista Joaquim Martins de Carvalho, paciente e consciencioso investigador em cuja auctoridade confiei.

É certo, porém, que, reeditados os erros commettidos quanto á casa e data do nascimento de Eduardo Coelho, no *Conimbricense* de 10 e 13 do mez de dezembro corrente, o sr. Carlos Augusto d’Almeida publicou na *Resistencia*, de Coimbra, de 15 do mesmo mez, um artigo largamente documentado que prova, sem possivel duvida, que



*Trecho da **Rua Eduardo Coelho**, em Lisboa (antiga rua dos Cardaes de Jesus) em 1885*

O predio de construcção moderna com três janellas de frente, que se vê á direita, é o que em 1875 Eduardo Coelho mandou fazer para sua residencia. Tem o n ° 35

O predio contiguo, de construcção antiga, era aquelle onde viveu e morreu, em 22 de junho de 1811, o po[e]ta Nicolau Tolentino d'Almeida

Eduardo Coelho nasceu em 22 de abril de 1835 na indicada casa da rua dos Sapateiros. Ainda outros documentos indiscutíveis inseriu a *Resistencia* de 22 de dezembro de 1904.

O artigo do *Brasil-Portugal* foi reproduzido no Diario de Noticias n.º 12:178 de 2 de novembro de 1899.



*Trecho da **Rua Eduardo Coelho**, em Lisboa em 1904*

O prédio de construção apalaçada junto ao que serviu de residência a Eduardo Coelho desde 1876 a 1888, foi edificado sobre os alicerces da antiga habitação de Nicolau Tolentino d'Almeida. Tem o n.º 29 N'ele morreu o fundador do Diário de Noticias em 14 de maio de 1889.

Amado, querido de Eduardo

Foi-me muito gosto a tua carta
que este comete a tua, como tu
as Apud. e tu pag. e o seguinte
coloca-me por mim tua mãe, e assim
como a tua mãe sandeica em mi
sento por mim carta me de um a fin
goso universal. Tantas a isto se
me retorne. Tantas me reflete
mente vel. em, illa e fides me de
doz meus sonhos e esse mundo
deixar pelo telegrafia, não por que
em guerra fada de sonhos, meus
por que governo com a tua
pessoa

Tu és o meu melhor amigo e
o meu melhor amigo. Fala isto
agora não por que

Tu és o meu melhor amigo
Eduardo Coelho

21-4-88

Fac-simile d'uma carta escripta de Coimra por Eduardo
Coelho a sua filha mais velha

Minha querida Adelaide.

Foi-me muito grata a tua carta, que esta correcta e boa, como tu és. Agradeço o teu beijo, e o retribuo. Abraça por mim tua mãe, e teus irmãos, e dá-lhes saudades. Eu não estou peor, mas sinto me de uma fraqueza invencível. Vamos a ver se me restauro. Estimava infinitamente vê-los cá Mãe e filhos, no dia dos meus annos, e isso mandei dizer pelo telegrapho: não porque eu queira festa de annos, mas porque gosava com a sua presença.

.....

Talvez o bom ar, as boas vistas e o descanso me melhorem. Isto está agora um paraizo.

Teu pae e amigo saudoso.

Eduardo Coelho

21[-]4-86

«Deus amerceou-se d'elle, que tão bom era, que tanto padecera, e não quiz tortural-o na sua ultima hora. E o valente trabalhador, o honrado homem, o leal e dedicado amigo teve uma morte serena, tranquilla, elle de quem a vida fôra tão agitada e turbulenta.»⁴⁰

Para a capital, a noticia do passamento do popularissimo escriptor foi uma lugubre surpresa. Os jornaes do dia immediato ao da morte de Eduardo Coelho reflectiam, em artigos de commovedora homenagem, esse pezar geral que se apossára da cidade, a cujas prosperidades e a cujo engrandecimento elle tão dedicadamente se havia consagrado.

⁴⁰ Chronica de Gervasio Lobato, no *Occidente* de 21 de maio de 1880.

Não houve uma só voz na imprensa que calasse a dôr que um tal factô provocára, nem em nenhum campo partidario, em nenhuma facção política, uma nota discordante na unanimidade do preito rendido ao homem que apóz longos anos de lucta, não legava de si um ressentimento ou uma queixa.

Durante mais de dois mezes, o **Diario de Noticias** teve de conservar aberta uma secção especial, em que, sob o titulo de **Homenagens a Eduardo Coelho**, dava conta do modo como a imprensa e as corporações de paiz, desde a camara municipal da primeira cidade do reino, até á mais humilde associação popular, manifestavam o sentimento profundo que lhes causára o doloroso acontecimento.

Cada jornal que consignava a noticia, fosse monarchico ou republicano, conservador ou revolucionario, ultramontano ou socialista,

apontava ao mesmo tempo uma virtude, punha em relevo uma qualidade eminente, uma acção generosa do morto, cuja memoria glorificava.

O enterro de Eduardo Coelho devia, portanto, ser, como foi, uma das mais eloquentes manifestações, com que a capital tem honrado os homens que lhe são estremecidamente queridos.

«O enterro de Eduardo Coelho, escrevia Gervasio Lobato na sua chronica do *Occidente*, foi uma imponentissima homenagem que Lisboa prestou ao trabalho e á honestidade que tinham no fundador do *Diario de Noticias* a sua personificação.

«O cadaver do celebre jornalista que á força de tenacidade fez o seu caminho, e, sahido da obscuridade chegou luctando, sem nunca cansar, sem nunca transigir, ás cumiadas do mundo jornalístico, foi levado ao cemiterio por uma multidão enorme em que se viam representadas todas as classes, desde as mais brilhantes até ás mais modestas, e o seu enterro foi um verdadeiro acontecimento em Lisboa, cuja população tributando essas excepçõaes honras a Eduardo Coelho, equiparando-o n'essa quasi

apotheose aos seus grandes homens gloriosos ,fez uma obra de justiça e de moralidade.»⁴¹

⁴¹ Eis a descrição que se lia no *Diario de Noticias* n.º 8183 de 17 de maio de 1889, e que está, em todas as suas partes, de accordo com a que no mesmo dia publicaram os restantes periódicos da capital:

«Desde as 11 horas que a igreja (das Mercês) estava cheia de povo, e todas as cadeiras occupadas por senhoras. Ao meio dia achando-se reunidos na capella e no cruzeiro em grande numero de convidados o rev.º prior resou uma missa seguindo-se depois o *Libera-me*.

A eça e o feretro estavam completamente cobertos de corôas (mais de 40) a grande maioria das quaes eram formosissimas (a do sr. Paul Plantier compunha-se de 1:500 rosas brancas, naturaes). Á 1 e 20 começou o sahimento, formando-se o prestito, que era dos mais numerosos e imponentes que temos visto na capital, e tomavam n'elle parte representantes de todas as classes da sociedade.

O prestito seguiu a pé pela travessa Nova do Cenvento de Jesus. Poço dos Negros, ruas de S. Bento, do Sol, e outras até ao cemiterio, atravessando por entre as alas de povo que se estendiam por todo o transito. Á passagem do feretro todos se descobriam respeitosamente.

O caixão ia n'um coche, e coberto pela bandeira portugueza da sociedade de geographia, e sobre elle e o tejadilho foram depostas corôas, formando como uma montanha de flores.

Após o coche caminhavam os redactores e mais pessoal do *Diario de Noticias*, e centenaes de pessoas, e aos lados,

E entretanto Eduardo Coelho não era um general glorioso, um príncipe das letras ou da sciencia, um poderoso no fastigio da grandeza e

de chapéu na mão, os typographos, outros empregados e o honrado gerente da Typographia Universal.

Á frente e após o prestito, iam as escolas do Gremio Popular, infantil dos Filhos do Povo, escola municipal Rodrigues Sampaio, collegio de meninas de Campolide de Cima, e outras; representantes de grande numero de associações populares, cujos nomes nos é agora impossivel enumerar; typographos, impressores, vendedores e distribuidores de jornaes, actores, professores, estudantes, militares de mar e terra, alta finança, deputados, pares do reino, homens de letras, jornalistas, etc., etc.»

Em outro logar representava-se:

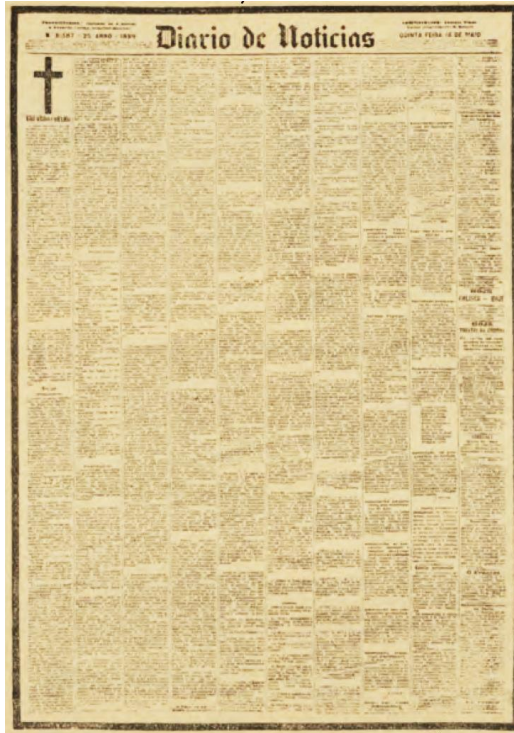
«A lembrança e pedido da filha mais velha do estremecido defunto (que do cumprimento d'esta missão encarregara um dos mais dedicados amigos de seu pae, o sr. Jayme Arthur da Costa Pinto) foi depositado sobre a urna o numero de hontem (16 de maio) do *Diario de Noticias*, em que vinham compendiadas as opiniões dos diversos jornaes da capital, e que era a homenagem mais sincera da imprensa á memoria do nosso inolvidavel amigo. O numero do *Diario de Noticias* ficou tambem no jazigo entre um montão de corôas.»

da fortuna, um chefe de partido aureolado de honras e de prestígio: – nunca tivera nas suas mãos os destinos d’um povo, nem os elementos que criam as dependências, e com as dependências, as dedicações: e apenas deixava uma obra, que, como toda a obra de jornal, é irresistente e ephemera, e um nome, que o forçado e longo afastamento da vida activa era de molde a tornar facilmente esquecido de muitos.

É verdade que elle proprio se alistára, desde o principio da sua carreira, com ardor e com orgulho, n’esse partido da instrucção e da moralisação do povo, a que tanto se desvanecia de pertencer, e que foi esse partido, principalmente, por elle tornado grande, poderoso e forte, que prestou ao chefe reconhecido o preito da sua gratidão e da sua saudade.

Por occasião da sua morte mais de uma voz na imprensa suggeriu a ideia de que se lhe levantasse

um monumento, que traduzisse o apreço pelas qualidades do escriptor e o respeito publico pelas egregias e raras virtudes do homem. Mas n'esse monumento, hoje emfim erguido por subscrição publica em um dos mais encantadores locaes d'esta Lisboa que elle tanto amou, n'esse monumento que apenas representa um saldo de contas entre os que muito lhe deveram e aquelle que muitissimo lhes deu das fadigas da sua vida e do generoso alento do seu espirito, ao reconhecimento popular cumpria inscrever estas linhas, por Eduardo Coelho dedicadas á memoria querida de seu pae: **Foi um obreiro do bem, edificou para a virtude e para a liberdade.**



O Diario de Noticias de 16 de maio de 1889

Contem, alem de um artigo de radacção consagrado ao morto illustre, a carinhosa biographia que de seu pae escreveu Eduardo Coelho e excerptos dos artigos que ao fundador do *Diario de Noticias* dedicaram as seguintes 20 folhas da capital: *Correio da Manhã*, *Seculo*, *Tempo*, *Democracia*, *Jornal do Commercio*, *Folha do povo*, *Diario Popular*, *Reporter*, *Debates*, *Correio de Noticias*, *Tarde*, *Diario Illustrado*, *Globo*, *Novidades*, *Jornal da Noite*, *Economista*, *Imparcial*, *Dia*, *Correio da Noite e Esquerda Dynastica*.

Homenagens posthumas

Depois da morte de Eduardo Coelho muitas foram as homenagens, individuais e collectivas, prestadas á sua memoria, quer pela imprensa de Portugal e do estrangeiro, quer pelas corporações de que fora membro, quer pela mocidade das escolas, quer pelas associações populares a que tanta protecção dispensára sempre.

De todos esses preitos de admiração, de saudade e de reconhecimento, apenas recordarei, pelo que respeita á cidade de Lisboa, dois, pela sua especial significação: foram elles a homenagem que a camara municipal do primeiro municipio do paiz prestou ao nome de Eduardo Coelho, dando-o como designação á antiga rua dos Cardaes de Jesus onde o fallecido jornalista vivera a maior parte da sua vida (depois de 1875),

e afinal morrera em 1889, e o monumento erigido na Alameda de S. Pedro de Alcantara, cujos trabalhos começaram em 1903, terminando com a entrega ao município de Lisboa em 29 de dezembro de 1904.

Foi esta data muito propositadamente escolhida por se completarem n'ella 40 annos precisos depois da fundação do **Diario de Noticias** – a mais notavel obra e o principal titulo de gloria de Eduardo Coelho.

Pelo que respeita á «Rua Eduardo Coelho» transcrevemos da acta official da sessão de 24 de novembro de 1893, a parte relativa á apresentação e approvação unanime da proposta do illustre vereador de aquella epocha o sr. José Martinho da Silva Guimarães, a quem tanta honra faz a iniciativa que tomou de promover essa homenagem justissima:

O sr. vereador (José Martinho da Silva Guimarães) leu e mandou para a mesa uma proposta concebida n'estes termos:

Proposta

Senhor presidente – Desnecessario será fazer aqui o elogio de Eduardo Coelho, um benemerito a quem o paiz tanto deve.

A sua obra de propaganda existe ahi, com toda a essencia altamente significativa, que o seu fundador lhe imprimiu.

Há 29 annos, esse modesto trabalhador fundava o jornal de dez reis, inaugurando a publicação do *Diario de Noticias*, folha que primeiro occupou o logar do jornal barato e que ainda hoje é considerada como uma das primeiras do paiz e que tantos e tão relevantes serviços tem prestado á causa popular, pugnando constantemente pelo seu progredimento.

No artigo editorial publicado em 29 de dezembro de 1864, lê-se: – «É pois um jornal para todos, pobres e ricos de ambos os sexos, de todas as condições, classes e partidos.

Todos os paizes possuíam já as folhas populares e Eduardo Coelho, fundando o *Diario de Noticias* prestava assim um relevantissimo serviço ao paiz e á

imprensa portugueza provando brilhantemente que essa instituição não deveria ser só para os eleitos da fortuna como até ali.

Foi Eduardo Coelho um dos vultos nacionaes mais salientes d'este quarto de seculo, porque não só defendendo na sua folha todos os principios de liberdade, moral e justiça, como trabalhando cá fora no progresso do paiz, mostrou exuberantemente quanto podem um trabalho honrado e um desinteresse digno de imitação.

A elle se devem centenaes de melhoramentos na cidade, lembrados, discutidos e approvados depois nas columnas do seu jornal.

As municipalidades muitas vezes seguiram as suas sabias e proficuas indicações.

A industria portugueza deve-lhe tambem importantes serviços, já pelo incitamento que o jornal sempre prestou aos seus progressos e desenvolvimentos, já pelos trabalhos de Eduardo Coelho, no inquerito industrial de 1881, inquerito de que ainda o *Diario de Noticias*, deu largamente os resultados da investigação feita.

Foi um devotado apostolo do progresso nacional. Jornalista distinctissimo alliado á sua honradez um character bondoso e digno. Eduardo Coelho foi constantemente um propagandista convicto de todos

os principios de moralidade e justiça e por elles trabalhou incessantemente.

O *tri-centenario de Camões*, em que elle tomou uma parte activissima, pode ainda collocar-se ao lado das manifestações mais imponentes realisadas entre nós e, todos o sabem, Eduardo Coelho foi um dos mais entusiastas iniciadores d'esse tri-centenario.

Da exposição agricola de 1884, na tapada da Ajuda recebeu Eduardo Coelho, para o seu jornal, um diploma especial honorifico, pelos relevantissimos serviços prestados á agricultura portugueza por occasião da exposição.

A França conferiu-lhe o officialato da Academia e em Portugal foi agraciado com a commenda de S. Thiago, do merito litterario e artistico e possuia tambem mui honrosos diplomas de diversas sociedades nacionaes e estrangeiras, como premio do seu trabalho.

Eduardo Coelho foi um benemerito e tem jus a ser collocado na galeria dos homens mais notaveis do seu paiz.

As suas altas virtudes como cidadão e o seu bellissimo character, deixaram a mais inolvidavel saudade, e todos sentiram profundamente a sua morte, porque Eduardo Coelho não deixou inimigos.

A proposta que apresento á camara, para que seja dada á antiga rua dos Cardaes de Jesus o nome de *Rua Eduardo Coelho*, não encontrará sem duvida opposição alguma, e é um tributo de saudosa homenagem prestado á memoria d'aquelle vulto saliente da nossa historia moderna.

Em 14 de maio de 1883, finava-se no predio numero 29 d'aquella rua o mallogrado jornalista a quem a cidade de Lisboa deve tantos e tão relevantes serviços. Emquanto a estatua d'esse vulto sympathico e querido não possa ser collocada n'esta cidade, é justo que a camara municipal de Lisboa faça affixar o nome d'esse benemerito na rua onde elle habitou tantos annos e d'onde o povo da capital em sentidissimo sabimento o acompanhou até á sepultura. Pelas razões acima expostas: Proponho que á antiga rua dos Cardaes de Jesus se dê o nome de *Rua Eduardo Coelho*. – Lisboa 22 de novembro de 1893. O vereador, *José Martinho da Silva Guimaraes*.

O sr. vereador requereu urgencia na dicussão d'esta sua proposta.

Admittida e considerada urgente a proposta foi logo submettida á votação.

Como nenhum sr. vereador quizesse fazer uso da palavra, o sr. vice-presidente (Conde de Restelo) pô-la á votação.

Foi unanimemente aprovada.

Relativamente á cidade de Coimbra, terra natal de Eduardo Coelho e que tanto interesse lhe inspirou sempre, embora alli não passasse muito tempo da sua vida, por iniciativa de quem escreve estas linhas e com o dedicado concurso de um parente do fallecido jornalista, o sr. Carlos Augusto d'Almeida, foi collocada, em fins de dezembro de 1904, uma lapide na casa onde Eduardo Coelho nasceu, na antiga rua dos Sapateiros, uma das de maior importancia e movimento da parte baixa da cidade.

Essa lapide, que foi executada nas officinas do habil artista conimbricence sr. João Machado, é de desenho simples e elegante, offerecendo como principal motivo decorativo um numero dobrado do **Diario de Noticias** seguro entre as digitações de uma palma, conforme se vê da seguinte gravura.



Alem d'esta homenagem, de iniciativa particular, outra foi prestada á memoria de Eduardo Coelho pela camara municipal de Coimbra e por iniciativa da comissão executiva do monumento e da direcção da Associação dos jornalistas de Lisboa.

Em 9 de dezembro de 1904 o auctor d'este livro entregava pessoalmente ao sr. Dr. Manuel Dias da Silva, illustre lente da faculdade de direito da Universidade e presidente d'aquella camara, a seguinte representação:

*Ill.^{mos} e Ex.^{mos} Srs. Presidente e
mais vereadores da Camara
Municipal de Coimbra.*

Em nome da comissão executiva do monumento que a Eduardo Coelho está sendo erigido, e no dia 29 do corrente mez deve ser inaugurado n'esta capital, e da Associação dos Jornalistas de Lisboa que a essa homenagem presta a mais calorosa

adhesão, vimos apresentar á consideração de v. Ex.^{as} um alvitre que certamente será attendido se, como suppomos, elle for julgado honroso quer para o municipio de Coimbra, quer para a memoria d[e] um dos mais illustres e benemeritos filhos d'essa cidade.

Em 22 d'abril de 1835 nasceu em Coimbra, José Eduardo Coelho, que pelo incansavel esforço do seu trabalho, pela poderosa actividade da sua intelligencia e pela bondade incomparavel do seu coração, veio a impor-se ao respeito e ao apreço dos seus concidadãos.

Sem protecção nem meios de fortuna, Eduardo Coelho subiu honradissimamente da sua humilde obscuridade a uma das posições mais invejaveis e distinctas a que poderia aspirar um homem de bem e um homem de talento.

Escrevendo d'elle Manuel Pinheiro Chagas observou com verdade:

«Se havia homem que pudesse fazer deveras a apotheose do trabalho, era sem duvida alguma Eduardo Coelho. Tudo lhe deveu, e pode afoitamente dizer-se que a sua vida teve estes vertices honrosissimos – o trabalho, a familia e a bondade.

«Com a sua penna no seu jornal, com a sua palavra nas reuniões, com o seu trabalho, com o seu

dinheiro, nunca serviu senão a causa do bem, do justo, do honesto; nunca defendeu senão estes nobres sentimentos que fazem pulsar com mais força o nosso coração de homens e de patriotas.»

Nada mais certo do que este juizo do notavel escriptor ácerca do popular e insigne jornalista que tão glorioso soube tornar o seu nome e tão alto soube levantar o prestigio da imprensa.

Attesta-o o *Diario de Noticias*, que o grande poeta e apóstolo da instrucção nacional, Antonio Feliciano de Castilho, apontava publicamente como «estimulo perpetuo de leitura»; que o grande propagandista dos ideaes associativos, Vieira da Silva, dizia ser «o echo de toda a obra boa que por esta terra se faz»; que enfim o grande sabio, professor e estadista Antonio Augusto d'Aguiar confessava «valer á sua conta mais do que muitas escolas de instrucção primaria».

Mas não foi unicamente á cidade de Lisboa que ficou vinculado o nome de Eduardo Coelho pelos serviços relevantissimos que lhe prestou.

Coimbra, sua terra natal, jamais por elle foi esquecida ou menospresada, e sempre na memoria de Eduardo Coelho andou bem viva a lembrança de que alli fora o seu berço e o berço dos seus paes e irmãos.

Amou-a elle com enternecimento e enthusiasmo, e, se mais de uma vez ahi foi de preferencia buscar repouso para as suas fadigas e labutas, por muitas vezes no *Diario de Noticias* pugnou ferverosamente pelos melhoramentos e progressos de que ella é tão digna.

Se para prova do que dizemos fosse preciso invocar testemunhos insuspeitos, bastar-nos-ia recorrer a um conterraneo de Eduardo Coelho, tambem como este apaixonado pela terra onde nascera – Joaquim Martins de Carvalho, o extincto patriota director do *Conimbrecense*, que na sua folha escrevia, por occasião da morte do seu camarada e amigo, as seguintes palavras de justiça:

«Quem no futuro quizer apresentar, para incitamento, exemplos do que pode conseguir a perseverança no trabalho, a probidade e honradez de character, o amor da patria, da família e da liberdade, e o animo benevolente e caridoso, tem necessariamente de indicar o nome de Eduardo Coelho, porque todas essas virtudes elle reunia em subido grau.

«Com elle não succedeu o que tem succedido com outros filhos de Coimbra. A ausencia não lhe fez perder o amor da sua terra natal.

«Não se tratava de qualquer assumpto que interessasse á cidade de Coimbra, sem que elle logo sahisse a campo em beneficio d'esta terra no seu *Diario de Noticias*. D'isto poderíamos dar numerosissimas provas.»

Coimbra, portanto, foi por Eduardo Coelho irmanada a Lisboa no amor que elle votava e no muito que dedicadamente queria a ambas as terras.

É, pois, d'esperar que a essa cidade não repugne acompanhar d'algum modo a capital no preito rendido ao popular jornalista, e que a camara municipal de Coimbra não rejeite a idéa de se associar ás homenagens de que a camara de Lisboa por mais de uma vez tem tomado a iniciativa.

Esta cidade ergueu um monumento a Eduardo Coelho e o seu municipio, depois de em 31 de dezembro de 1885 ter dado á rua onde sempre, desde a sua fundação, tem estado a sede do *Diario de Noticias*, o nome de *Rua do Diario de Noticias*, deu tambem, em 22 de novembro de 1893, á rua onde falleceu o fundador d'aquella folha o nome de *Rua Eduardo Coelho*.

Cremos que o municipio de Coimbra não se desdouraria se procedesse semelhantemente em relação á rua onde nasceu aquelle insigne escriptor,

perpetuando assim, na sua propria terra natal, a memoria d'um tão benemerito filho.

O alvitre, pois, que tomamos a liberdade de apresentar á consideração e ao elevado criterio de V. Ex.^{as} é o de ser dado á antiga rua dos Sapateiros onde vae ser collocada, no predio respectivo, uma lapide commemorativa, o nome de *Rua Eduardo Coelho*.

Seria a nosso ver, da parte da illustradissima Camara Municipal de Coimbra uma demonstração honrosa de estima, gratidão e apreço pela memoria de um conimbricense por muitos titulos illustre.

Deus Guarde a V. Ex.^{as}

Lisboa, 1 de Dezembro de 1904.

Ill.^{mos} e Ex.^{mos} Srs. Presidente e mais vereadores da
Camara Municipal de Coimbra
Pela commissão executiva do monumento a Eduardo
Coelho.

O Presidente

Conde de Valenças.

O Thesoureiro.

Pedro Wenceslau de Brito Aranha.

Pela direcção da Associação dos Jornalistas de
Lisboa

O Presidente

Alfredo da Cunha.

O Vice-presidente
S. de Magalhães Lima.

O secretario
Candido de Figueiredo.

Acolhido com agrado o alvitre constante d'este documento, e estando para o mesmo dia 9 convocada a reunião da camara, por unanimidade resolveu esta immediatamente que á rua onde em Coimbra nascera o fundador do **Diario de Noticias** se desse o nome de **Rua Eduardo Coelho.**

É o que consta do seguinte officio dirigido pelo presidente da camara municipal de Coimbra ao presidente da Associação dosjornalistas de Lisboa:

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Ex.^a que a camara municipal da minha presidencia, a quem foi presente em sessão do 9 do corrente officio de V. Ex.^a de 1 d'este mez; resolveu na mesma sessão dar á antiga rua dos Sapateiros d'esta cidade o nome de Eduardo Coelho, satisfazendo assim o pedido, que em nome da Associação dos Jornalistas de Lisboa e da Comissão Executiva do monumento áquelle cidadão, é feito á municipalidade de Coimbra.

A camara municipal associa-se á manifestação projectada em Lisboa em honra d'esse filho dilecto de Coimbra e o monumento que na Alameda de S. Pedro d'Alcantara vae ser erigido á memoria d'esse filho do povo attestar á aos vindouros que a poderosa actividade, intelligencia e incançavel esforço do seu trabalho, tem *jus* a essa homenagem digna dos seus promotores pelo muito que traduz e significa.

No proximo dia 29 do corrente será na antiga rua dos Sapateiros collocada a respectiva placa com rua Eduardo Coelho, e assim perpetuado em Coimbra o nome glorioso do escriptor popular, insigne jornalista, apostolo devotado da instrucção e protector dos pobres.

Deus guarde a V. Ex.^a
Coimbra, 13 de dezembro de 1904.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Presidente da Associação dos
Jornalistas de Lisboa.

O presidente
Manuel Dias da Silva.

Foi mais um preito rendido á memoria do
insigne jornalista, preito digno de tanto maior
louvor quanto á justiça do alvitre correspondeu o
mais prompto e decidido acolhimento.⁴²

⁴² *Copia de parte da acta da sessão ordinaria da camara municipal de Coimbra, do dia 9 de dezembro de 1904. Correspondencia e respectivas deliberações.*

Da Associação dos Jornalistas de Lisboa e
Commissão Executiva do monumento a Eduardo Coleho,
officio do 1.º do corrente mez, comunicando que no dia 29
d'este mez, deverá ser inaugurado em Lisboa o
monumento a Eduardo Coelho, pelos serviços prestados
ao paiz como fundador do *Diario de Noticias*, que na
opinião do grande sabio, professor e estadista Antonio

Augusto de Aguiar confessava «valer à sua conta mais do que muitas escolas de instrucção primaria», e pedindo para a camara, associando-se ás manifestações da capital, dar á rua dos Sapateiros onde nascera aquella benemerito, filho de Coimbra, o nome de «Eduardo Coelho». Foi lido n'este acto um requerimento assignado pela filha, genro e primo de Eduardo Coelho (D.Maria Adelaide Coelho da Cunha, Alfredo da Cunha e Carlos Augusto de Almeida) pedindo licença para na casa da rua dos Sapateiros, n.^{os} 73 a 77 collocar uma lapide com os seguintes dizeres:

*N'ESTA CASA
NASCEU EM 22 DE ABRIL DE 1835
JOSÉ EDUARDO COELHO.
FUNDADOR DO «DIARIO DE NOTICIAS»,
BENEMERITO DA IMPRENSA POPULAR,
O QUAL FALLECEU*

EM LISBOA EM 14 DE MAIO DE 1889

A camara auctorizando a collocação da referida lapide, resolveu em homenagem ao benemerito cidadão filho de Coimbra, Eduardo Coelho, deferir o pedido da Associação dos Jornalistas e respectiva commissão, dando á referida rua o seu nome».

O monumento

A ideia de se perpetuar a memoria de Eduardo Coelho por fórma que a todos – lidos ou analphabetos, sabios ou illetrados – o seu nome ficasse recordando o de um verdadeiro benemerito da patria, foi lançada como semente fecunda no espirito publico por occasião da morte do popular jornalista e germinou enfim no coração dos seus amigos mais devotados.

Em 13 de dezembro de 1894, o fallecido secretario da Associação de soccorros mutuos Eduardo Coelho, um humilde empregado do commercio que occultava sob uma apparencia modestissima uma grande força de vontade impulsionada por um coração generoso e bom,

communicava-me que aquella associação ia tomar a iniciativa do monumento.

José de Assumpção Marques, que assim se chamava o mallogrado moço cujo nome tão esquecido está hoje como pouco apregoadado da fama andou sempre, mas que considero um dever de consciencia relembrar aqui, participava-me que a associação referida «desejava tomar a iniciativa da erecção, na capital, de um monumento á memoria do jornalista prestante cujo nome saudoso lhe serve de lemma». Eram as textuaes palavras da sua carta, em que tambem me pedia «auxilio, adhesão e conselho para se tratar immediatamente da convocação da assembléa geral dos delegados das associações de Lisboa» instando commigo para acceitar a presidencia da commissão que promovesse a realisacão de tal projecto.

Embora houvesse, por naturaes melindres, declinado este honroso convite, declarei-lhe que punha os meus esforços e os do **Diario de Noticias**, em tudo quanto fosse possivel, ao serviço da ideia que tanto me seduzira sempre, e em 12 do mesmo mez de dezembro Assumpção Marques prevenia-me que a Associação de soccorros mutuos Eduardo Coelho ia convocar immediatamente uma grande reunião de delegados das associações de Lisboa, de jornalistas, amigos e admiradores do fallecido escriptor para se começarem os trabalhos. E effectivamente, logo no dia seguinte, o **Diario de Noticias** publicava este

Convite

São convidadas todas as associações de Lisboa a nomearem um delegado a uma reunião que deve ter lugar no proximo dia 30 do corrente, pelas 12 horas do dia, na séde da associação de soccorros mutuos

Eduardo Coelho, afim de se accordar no melhor meio de se realizar uma manifestação de respeito e de saudade á memoria do prestimoso jornalista, que implantou em Portugal o jornal barato, e que tantos serviços prestou ao principio associativo, ao paiz e á cidade.

O que nessa reunião se passou consta dos extractos publicados nos jornaes de Lisboa do ultimo dia do anno de 1894.

Eis o que o **Diario de Noticias** relatava:

«Esteve imponentissima a reunião dos delegados das associações de Lisboa, convocados para accordarem no modo de se prestar uma nova homenagem ao nosso inolvidavel amigo e director Eduardo Coelho.

Se a memoria d'este grande e benemerito jornalista precisasse d'algunha consagração solemniissima para tornar mais vivo o prestigio de que gosou entre as classes populares, a reunião de

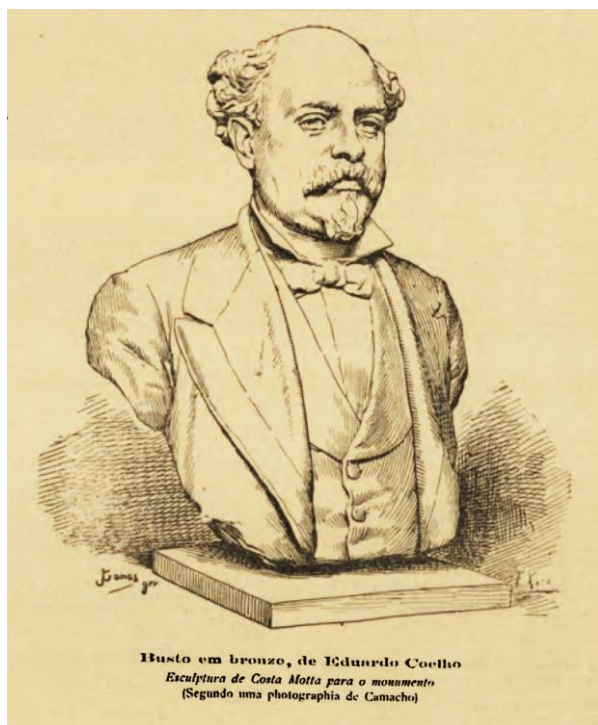
hontem, com o brilhantismo que a revestiu e o entusiasmo que a aqueceu, de princípio a fim, bastava para dar a medida exacta das saudades que deixou e do profundo rasto de amor e de sympathia que ficou perdurando no coração de quantos com elle lidaram em vida e ainda o estremecem depois da sua morte».

Foi n'esta sessão que José da Assumpção Marques, por parte da «associação de soccorros mutuos Eduardo Coelho», leu a seguinte:

Proposta

Meus senhores: – No constante empenho de honrar a memoria do homem cujo nome lhe serve de patrono, a direcção da associação de soccorros mutuos Eduardo Coelho pretendeu tomar a iniciativa d'uma commemoração que, pela sua grandeza e perpetuidade, seja digna d'aquella querida memoria e d'aquelle illustre nome. E para

realisar este desejo occorreu mais uma vez como o melhor meio de dar forma pratica a tão elevado intento, erguer-se ao grande jornalista popular um monumento na capital, que tantos e tão desinteressados serviços lhe deveu.



Busto em bronze, de Eduardo Coelho

*Escultura de Costa Motta para o monumento
(Segundo uma photographia de Camacho)*

N'um discurso ha pouco pronunciado por uma das maiores glorias da medicina portugueza e um dos maiores admiradores de Eduardo Coelho, o sr. dr. Sousa Martins, revoltava-se este contra os que pretendem inculcar monumentos como destoantes da phase actual da nossa civilisação.

«Por mim não o creio, dizia o notabilissimo homem da sciencia. Quando o feito é ingente, não cabe nas posses d'uma só geração o admiral-o por completo... O livro, mau grado a ubiquidade de que é susceptivel, jamais dispensará as marmoreas ou as bronzeas paginas – unicas em que é permittido traçar letras legiveis a illetrados... Completa o livro o monumento».

«Dê-se, pois, concluia o illustre orador, o livro aos eruditos e o monumento ao povo».

N'este proposito se inspira a proposta que tenho a honra, como membro da direcção da

«Associação Eduardo Coelho», de apresentar á apreciação de v.^{as} ex.^{as}.

Se para perpetuar nas gerações futuras o nome de Eduardo Coelho, bastasse a obra escripta d'esse grande propagandista, nada mais seria preciso do que os innumerados trabalhos litterarios que deixou, e sobretudo os volumes do **Diario de Noticias** publicados durante os gloriosos 25 annos em que o dirigiu.

Se para conservar na memoria dos vindouros a lembrança das virtudes sem equal d'esse pertinaz evangelizador de todos os bons principios e de todos os ideaes generosos, bastasse o que de taes virtudes se tem publicado, sufficientes seriam as apologias entusiasticas feitas na imprensa do paiz por occasião da sua morte, nada mais seria necessario do que esse livro tão completo, consagrado com amor verdadeiramente filial á vida e á obra de Eduardo Coelho por seu genro e

socio honorario d'esta associação, o ex.^{mo} sr. dr. Alfredo da Cunha.

Mas em nossa humilde opinião e para o fim que temos em vista, não basta nem o que elle escreveu nem o que d'elle se escreveu. Isto servirá decerto para os que sabem e podem ler; nós, porem, pretendemos homenagem mais ampla, mais perduravel, e que se imponha a todos, e que todos comprehendam, tanto os que possuem illustração como os que a não teem.

Semear o bem foi o ideal de Eduardo Coelho», disse o sr. dr. Sousa Martins, no discurso a que alludimos.

Mostremos, pois, que essa abençoada e larga sementeira pode fructificar em mais uma obra de justiça e de gratidão.

N'estes termos, pois.

Considerando que é um dever de honra e de justiça perpetuar na memoria das gerações futuras

a fama e o nome do homem que tão infatigavelmente trabalhou pelo bem estar do povo e pelas regalias e legítimas reivindicações das classes menos afortunadas da sociedade;

Considerando que o unico modo pratico d'esta ideia se realizar condignamente é a erecção de um monumento publico que a todos testemunhe o respeito e a admiração do povo pelo apostolo desvelado de principio associativo, pelo enthusiasta dedicadissimo de todos os progressos e de todas as conquistas da civilisação, pelo fundador e director do **Diario de Noticias**, o jornal que introduziu no nosso paiz a leitura barata e accessivel a todas as posses e a todas as intelligencias.

Proponho que se nomeie uma grande commissão composta de representantes das diversas corporações e de collegas, amigos e admiradores de Eduardo Coelho, afim de levar a

effeito, por subscrição publica e de caracter popular, a ideia indicada de se lhe erigir um monumento no local e pela forma que se julguem mais convenientes, e de se collocar uma lapide commemorativa na casa onde falleceu.

Lisboa, 30 de dezembro de 1894 – Pela associação Eduardo Coelho, **José d’Assumpção Marques.**

Esta proposta foi approvada por acclamação calorosa e enthusiastica.

Por minha parte, limitei-me a lembrar á gratidão de todos os que amaram Eduardo Coelho o nome do homem que, no proprio dia em que o corpo do grande jornalista era encerrado no seu modesto jazigo, juncto d’este e em phrases de commovida eloquencia, formulava pela primeira vez a ideia de se lhe erguer um monumento – o fallecido medico dr. Leonardo Torres.

A essa imponente reunião assistiram delegados das seguintes

ASSOCIAÇÕES REPRESENTADAS

**Sociedade de Geographia.
Commercial de Lisboa.
Industrial portugueza (commissão installadora).
Commercial dos Lojistas (commissão installadora).
Commercial do Beato e Olivaes.
Atheneu Commercial de Lisboa.
Typographica lisbonense.
Camoneana José Victorino Damasio.
Liga das artes graphicas.
Federação das associações de classe.
Real Gymnasio Club.
Gremio Portuguez.
Commissão central – 1.º de dezembro de 1640.
Empregados do commercio e industria.
Caixeiros Portuguezes.
Vendedores dos jornaes.
Gremio popular.**

Classe dos canteiros.
O Democratico.
Calceteiros de Lisboa.
Fogueiros de mar e terra.
Constructores civis, mestres d'obras.
Fraternidade naval.
Artistas lisbonenses de soccorros
mutuos.
Galaica.
Auxiliadora dos fabricantes de pão.
Monte-pio democratico portuguez.
Fabrico de carruagens.
Lavadeiras.
José Estevão Coelho de Magalhães.
Classe dos correeiros.
Monte-pio José Joaquim Peixinho.
Empregados dos tabacos.
Tanoeiros de Lisboa.
Humanitaria A Phenix.
Negociantes de carvão em Lisboa.
Carlos José Barreiros.
Costureiras.
Grupo Dramatico Castro Vieira.
Civilisação e independencia.
Monte-pio Liberal.
Classe dos pintores de construção civil.
Liga das Artes Metallurgicas.
Conciliadora de Santa Catharina.

Nove de Janeiro.
Alliança Operaria.
Operarios Serralheiros.
Torneiros mechanicos.
Calafates Lisbonenses.
Officiaes de barbeiro, amolador e
cabeleireiro.
Caixa Economica Operaria.
Alfaiates de Lisboa.
Patrão Joaquim Lopes.
Concentração musical.
Auxiliar dos inhabilitados do trabalho.
Independencia nacional 1.º de janeiro de
1894.
Carpinteiros navaes.
Caixa de soccorros da imprensa
nacional.
Socorro da Humanidade.
Conductores e cocheiros da viação
lisbonense.
S. Pedro em Alcantara.
União da classe dos estucadores.
Instituto 19 de setembro.
Classe dos Polidores.
Inhabilidade Luz e União.
Beneficencia da Costa de Caparica.
Soccorros mutuos Diogo José
Seromenho.

Artística Industrial.
Portugal Independente.
Commissão academica promotora de
manifestações a Eduardo Coelho.
Monte-pio Alliança.
Operarios da industria corticeira (Poço
do Bispo).
Carpinteiros, pedreiros e artes
correlativas.
Autonomia municipal.
Operarios manipuldores de pão.
Luz e Progresso.
Progresso social.
Dois de maio.
Carpinteiros Lisbonenses.
Humanitaria Camões.
Antonio Maria Cardoso.
O Cosmopolita.
Carpinteiros civis.
Operarios dos caminhos de ferro do
norte e leste.

No dia 17 de janeiro de 1895 reuniu-se na séde da Associação de soccorros mutuos Eduardo Coelho a grande commissão de que era presidente honorario o conde de S. Marçal, e que fora nomeada na sessão solemne de 30 de dezembro de

1894, e por ella foi eleita a seguinte commissão executiva:

Presidente: Conde de Valenças.

Secretarios: Diogo Seromenho, presidente da mesa da assembleia geral da Associação de soccorros mutuos Eduardo Coelho; José da Assumpção Marques, secretario da direcção da mesma associação.

Thesoureiro: Pedro Wenceslau de Brito Aranha.

Vogaes: Dr. José Thomaz de Sousa Martins, Jayme Arthur da Costa Pinto, João José de Sousa Telles, Rodrigo Affonso Pequito, Luiz Eugenio Leitão, A. J. Simões d'Almeida, Paul Plantier, Guedes Quinhones e Alfredo Serrano.

D'esta commissão já a morte roubou quatro dos seus mais prestantes membros, cujos nomes rememoro com a mais sentida saudade: o dr. Sousa Martins, o grande e bondosissimo professor a quem Lisboa tambem ergueu um monumento condigno; José d'Assumpção Marques, o modesto

mas pertinaz iniciador dos trabalhos agora emfim coroados de completo exito; Sousa Telles, o venerando e eloquente propagandista da instrucção popular; e Alfredo Serrano, cujo espirito brilhante e illustradissimo se apagou ha pouco, em plena pujança de vida.

Prolongaram-se durante annos os trabalhos, quer da subscripção publica aberta na imprensa e que so por intermedio do **Diario de Noticias** attingiu a importancia necessaria para a obra, quer para a definitiva escolha do projecto de monumento a executar. E em 14 de janeiro de 1903 quem escreve estas linhas teve a grande satisfação de poder tambem escrever n'aquella folha o seguinte artigo:

«Publicamos hoje a gravura representativa do projecto do monumento que vae ser erigido ao fundador e director do **Diario de Noticias**, o

saudoso jornalista Eduardo Coelho, que foi honra e gloria da imprensa portugueza.

Ha annos, por iniciativa de um grupo de amigos e admiradores do mallogrado escriptor, que tão alto soube erguer o seu nome e tão popular e querida soube tornar a sua obra de propaganda civilisadora, foi aberta uma subscrição publica para se erguer um monumento condigno de tão prestigiosa memoria.

A ideia foi acolhida com entusiasmo por todas as classes sociaes e de todas vieram numerosos e illustres representantes inscrever-se na lista dos subscriptores. Assim se prestava homenagem e se reconheciam serviços a quem, sempre com a maior devoção e desinteresse, se consagrára ao bem publico, quer evangelizando os mais nobres principios nas columnas do seu jornal, quer concorrendo com a sua prodigiosa actividade para todos os grandes melhoramentos

do seu paiz, quer procurando publicamente valer muitos infelizes e attrahir a protecção dos poderosos para a desgraça e fraqueza dos humildes, quer pondo o seu esforço e valimento ao serviço de todas as grandes causas nacionaes e de todos os sagrados interesses da patria.

Se a influencia de Eduardo Coelho foi benéfica, e em muitos casos decisiva em tantas questões de utilidade geral para o paiz, deve dizer-se que foi em Lisboa que mais directa e immediatamente se fez sentir a sua actividade e que foi a nossa bella capital que mais directa e imediatamente colheu lucros da dedicação e do ardor com que o extincto director do **Diario de Noticias** advogava todos os progressos da cidade que amava com verdadeiro fanatismo. O tributo, pois, que Lisboa lhe pague, reservando, em um dos seus mais formosos locais, algum espaço em que se erga o monumento projectado, é mais do

que devido, e não passa do rigoroso cumprimento d'uma obrigação sagrada.

Estas mesmas ideias inspiraram certamente os membros da comissão cujos honrados nomes firmam o officio em que é pedido ao municipio de Lisboa o terreno preciso para o monumento referido, officio que, depois de favoravelmente informado pelas repartições competentes, cuja promptidão no estudo do projecto deve ser registada com o maior agradecimento, obteve da illustre comissão administrativa do municipio de Lisboa o deferimento que era de esperar.

Eis o officio a que alludimos e que deixamos com orgulho archivado nas columnas do **Diario de Noticias**, porque ali mais uma vez se rende um alto preito de justiça a quem tão nobre e gloriosamente o conquistou:

*Ill.^{mos} e ex.^{mos} srs. Presidente e Vogaes da
Commissão Administrativa do Municipio de Lisboa:*

— A commissão incumbida de mandar construir o monumento ao illustre cidad[ã]o e benemerito escriptor Eduardo Coelho, por subscrição publica, na qual figuram pessoas de todas as classes e varias corporações populares, que prestaram assim homenagem condigna a quem por sem duvida bem merecia as que se lhe renderam, vem respeitosa-mente submeter á elevada consideração de v. ex.^{as} como muito dignos representantes do municipio de Lisboa, o projecto do dito monumento, cujo auctor é o talentoso architecto Alvaro Machado, que dirigirá a construcção e que na parte esculptural será coadjuvado pelo distinctissimo escultor Costa Motta; e ao mesmo tempo supplicar que lhe seja para esse fim concedido o local que entende ser apropriado a tal construcção, que aformoseará a capital.

Do escriptor benemerito a quem vae prestar-se este novo e merecido preito, conhecem v. ex.^{as} os talentos e os serviços; e bastará agora condensal-os em um só, que tantos beneficios trouxe especialmente ao municipio de Lisboa no desenvolvimento da sua instrucção popular — a fundação e sustentação do *Diario de Noticias*, que divulgou a leitura tornando-a

accessível a todas as bolsas e utilíssima a todas as classes.

Esta homenagem, pois, que vamos prestar e para a qual rogamos a cooperação da ex.^{ma} camara municipal, é como um testemunho de gratidão do municipio e dos municipes: sabem-no todos. Todos viram e apreciaram e encareceram os serviços de Eduardo Coelho ao povo de Lisboa e a nação inteira.

A sua obra enorme, por ser boa e de grande utilidade no derramamento da instrução popular, tem encontrado imitadores e isso ainda representa importantissimo serviço. Não o occultemos. E paguemos á memoria querida de Eduardo Coelho, com a cooperação da Municipalidade, o tributo que está em aberto para com um cidadão de estatura e do character d'aquelle a quem vamos erigir monumento duradouro, exemplo e estímulo para as gerações de hoje e do futuro.

É justo que a camara municipal de Lisboa se associe a tão grata e desejada homenagem approvando o projecto e concedendo-lhe o local escolhido.

Esse local é a Alameda de S. Pedro d'Alcantara, aquelle bello recinto, ficando d'esse modo mais aformoseado e attrahente. Julgou a commissão ser o mais apropriado por ficar em ponto eminente no bairro Alto, onde Eduardo Coelho teve tambem,

durante a maior parte da sua vida, a sua residencia e onde ainda existem as officinas do *Diario de Noticias*. Esse local domina grande parte da cidade e o monumento, aliaz de desenho elegante e não vulgar, sahindo dos moldes communs e pouco originaes, será assim visto e admirado de muitos pontos da capital.

N'estes termos, portanto, a commissão pede o deferimento do que requer e lhe parece de inteira justiça.

E. R. M

Lisboa, novembro de 1902.

O presidente da commissão,
Conde de Valenças.

Os vogaes:

A. J. Simões d'Almeida.

Diogo Seromenho,

Jayme Arthur da Costa Pinto,

João José de Sousa Telles,

Luiz Eugenio Leitão,

Paul Plantier,

Rodrigo Affonso Pequito,

O thesoureiro,

Pedro Wenceslau de Brito Aranha.

O monumento é constituído por um pedestal assente em um envasamento e sobre o qual se ergue o busto de Eduardo Coelho.

Occupa 16 metros quadrados, na Alameda de S. Pedro de Alcantara, sendo a base formada por um quadrado de 4 metros de lado, e medindo 3,^m50 de altura, do chão á base do busto, o qual tem 1,^m20 de alto.

Á frente destaca, animando o pedestal, a figura de um «**rapaz de jornaes**», um d'esses pequenos vendedores ambulantes, cuja classe deve a sua existencia a Eduardo Coelho e o seu apparecimento e desenvolvimento ao **Diario de Noticias**.

Na parte posterior do monumento, veem-se diversos emblemas de escriptor e jornalista.



O rapaz dos jornaes

Esculptura de Costa Motta para o monumento

(segundo uma photographia

De José Eduardo Coelho da Cunha)

O monumento é de pedra lioz, de Pero Pinhero, trabalhada primorosamente nas officinas

de canteiro dos srs. Antonio Moreira Rato & Filhos, com a excepção do busto, da figura do «rapaz dos jornaes» e dos emblemas, que foram executados em bronze nas officinas da Fundação de Canhões, sob a direcção superior e intelligentissima do sr. coronel Mathias Nunes e com auctorisação do ministro da guerra em 1903, o sr. conselheiro Luiz Augusto Pimentel Pinto.

O projecto do monumento é devido a um architecto novo e distinctissimo, a quem está reservado um largo futuro, o sr. Alvaro Machado, e o busto de Eduardo Coelho, a figura do «rapaz dos jornaes» e os emblemas, foram confiados ao insigne esculptor sr. Costa Motta, conterraneo e admirador do fallecido jornalista e auctor das estatuas de Affonso de Albuquerque e de Sousa Martins, bem como de muitos outros trabalhos de elevado valor artistico.

É justo consignar que á commissão administrativa do municipio de Lisboa sob a presidencia do sr. Marquez de Avila, e á vereação actual sob a presidencia do sr. conselheiro Antonio d’Azevedo Castello Branco, bem como aos funcionarios superiores da camara, e particularmente aos illustres architecto sr. José Luiz Monteiro e engenheiro sr. Antonio Maria d’Avelar ficou a commissão promotora do monumento devendo assignalados serviços.

As inscrições que se lêem no monumento são as seguintes:

Na face posterior do pedestal, e a dois terços da altura d’estes:

A
EDUARDO COELHO
22 – IV – 1835
14 – V – 1889

representando estas datas as do nascimento e morte do illustre jornalista.

Na face posterior do socco pedestal:

Por subscrição publica

Na face lateral direita do pedestal, á altura da primeira inscripção:

Fundador do DIARIO DE NOTICIAS

Na face lateral esquerda, á mesma altura:

Benemerito da imprensa popular



*O monumento a Eduardo Coelho, na Alameda de S.
Pedro de Alcantara, em Lisboa*
(segundo uma photographia de
José Eduardo Coelho da Cunha)

Resenha bibliográfica⁴³

THEATRO

- 1) *A sombra de 1859*. Breve revista n'um acto.
1860.

⁴³ Todos os escriptos de Eduardo Coelho, que se acham impressos, foram-no em typographias de Lisboa. N'esta nota apenas se incluem os que elle firmou com o seu nome, ou com as suas iniciaes, e d'estes mesmos relacionando-se apenas os mais importantes. As datas são as das primeiras edições impressas.

Na primeira edição d'este trabalho, publicada em 1891, encontra-se esta resenha mais completa quanto a indicações que especialmente interessam aos bibliographos.

- 2) *Amor e amizade*. Comedia em um acto original, 1860.
- 3) *Um namorado exemplar*. Comedia em um acto original (primeiro ensaio dramatico), 1861.
- 4) *A vingança de um beijo*. Comedia em um acto, imitação (terceiro ensaio dramatico), 1861.
- 5) *A Castellã*. Comedia em um acto, 1862.
- 6) *Tribulações de um poeta*. Comedia em um acto, original, 1862.
- 7) *Um segredo de cortezã*. Comedia em um acto, imitação, 1862.
- 8) *Uma comedia na rua*. Episodio nocturno, original, 1863.
- 9) *O Prestigiador*. Drama em cinco actos vertido do francez, (de collaboração com José Maria Pereira Rodrigues), 1862.
- 10) *Amor conjugal*. Comedia em um acto, 1863.
- 11) *Visconde por meia hora*. Comedia em um acto, imitação, 1864.

- 12) *Amor aos bofetões*. Comedia, 1865.
- 13) *Oppressão e Liberdade*. Drama em dois actos e três quadros, 1862.
- 14) *Amor e rheumatismo*. Poesia comica, 1872.
- 15) *A sentinella*. Comedia em um acto, original.
- 16) *O sapateiro de Paris*. Comedia em quatro actos e um prologo, traduzida do francez, de colaboração com o dr. João Cesario de Lacerda.
- 17) *Uma mulher positiva*. Comedia original, em um acto.
- 18) *Consequencias de um segredo*. Id..
- 19) *Luizinha, ou um anjo endiabrado*. Id.
- 20) *Verdades sociaes*. Id
- 21) *Quinze mil cruzados*. Id.
- 22) *Receita para emmagrecer*. Comedia em um acto, imitação.
- 23) *O que fazem ciumes*. Comedia em um acto, original.

- 24) *Diogenes*. Drama em cinco actos e um prologo, vertido livremente do francez.
- 25) *A trapeira*, scena comica.

VERSOS

- 26) *O livrinho dos caixeiros*. Folheto, 1832.
- 27) *O filho das artes*. Romance em verso por José Eduardo Coelho. 1838
- 28) *Primeiros versos*. 1861

E alem d'estas e de outras poesias insertas em diferentes jornaes, as seguintes publicadas no *Diario de Noticias*:

- 29) *Familia modelo*.
- 30) *Creação da mulher*.
- 31) *A rapoza e o corvo*.
- 32) *A creche*.
- 33) *Artista invalido*.
- 34) *A escola*.

35) *Conto de fadas.*

**ROMANCES, CONTOS, PHANTASIAS E
NARRATIVAS HISTORICAS**

36) *A separação dos recém-casados.* Romance historico, original, 1854.

37) *A vida de um principe.* Estudo romantico-historico, 1860.

38) *Leituras ao serão.* (Collecção de contos), 1863.

39) *Bem pagas cutiladas.* Romance tirado da Chronica de D. João II, por Garcia de Resende, 1865.

40) *Historias de hoje,* 1877.

Nos *Brindes annuaes do Diario de Noticias:*

41) *Pero Esteres.* Tradicção da casa de Bragança, 1865.

- 42) *As columnas da rua nova*. Narrativa historica, 1867.
- 43) *Episodio da emigração polaca*, 1872.
- 44) *A condessa do Corregal*, 1873.
- 45) *A lenda das ruinas*. Narrativa extrahida das ehronicas do condestavel.
- 46) *Meu pae*. 1875.
- 47) *Estella*. Esboceto *d'après nature*, 1877.
- 48) *O casamento do reino d[e] Inglaterra com o reino de Portugal*. 1879.
- 49) a 51) I *Scenas de drama moderno*. II *Umas tourada no seculo XVII*. III *Os cinco irmãos* (de Andersen). 1880.
- 52) *Noticias velhas; O maior dos Carvalhos da rua Formosa; Energica represáaia; O Duque de Coimbra*. 1881
- 53) *Realidades funestas*. Chorinca da aldeia da cidade, 1881.
- 54) *Como sahiste visconde?* 1883.

55) *Portugal captivo*. Quadro romantico-historico, 1580-1640, 1884.

56) *Victor Hugo, homenagem da empreza (do Diario de Noticias) á memoria do eminente poeta francez, 1886.*

No Diario de Noticias, em folhetins:

Em 1865:

57) *Um caso na aldeia.*

58) *Elogio da moeda de dez reis.*

59) *O dia de S. João.*

60) *Quem com ferro mata com ferro morre.*

61) *Viagem folhetinistica.*

62) *Um tourada no seculo XVII.*

63) *Os operarios.*

64) *Juizo de Deus.*

65) *A volta do Brazil.*

66) *Os casamentos do senhor Anastacio.*

Em 1866:

67) *Os corvos piedosos.*

- 68) *Cindasunda.*
- 69) *A moira suicida.*
- 70) *Terrivel arma de uma cosinheira.*
- 71) *Santa Irene.*
- 72) *Uma historia vulgar.*
- 73) *Virtudes theologaes.*
- 74) *Santo Antonio de Lisboa.*
- 75) *Festa das estrellas.*
- 76) *De como el-rei D. Manuel, o venturoso, se fez rival de seu filho o principe D. João, ao depois rei terceiro d'este nome.*

Em 1867.

- 77) *O Duque de Coimbra.*
- 78) *O ultimo carrasco em Portugal.*
- 79) *Glorias portuguezas.*

Em 1868.

- 80) *Aos passar a procissão do Corpo de Deus.*
Narrativa histórica.
- 81) *O tribuno da associação.*

- 82) *A rainha santa.*
- 83) *Não! Lição de historia a proposito.*
- 84) *Como o pequeno Portugal respondia d'antes ás ameaças e insultos dos poderosos.*

Em 1869:

- 85) *Amor maternal.*
- 86) *Incidente diplomatico entre Portugal e Hespanha. Como por causa de quatro lacaios ia estalando a guerra. Energica represalia.*

Em 1870:

- 87) *Judas.*
- 88) *Comemoração do dia primeiro de dezembro de 1640.*

Em 1871:

- 89) *Praga cruel. Scena do terremoto de 1755.*

Em 1872:

- 90) *Vinte e quatro de julho.*

Em 1873:

91) *Scenas contemporaneas.*

92) *Henrique Van-Deiters.*

93) *A doida do Bussaco.*

Em 1877:

94) *Tragedia inedita.*

**VIAGENS, BIOGRAPHIAS RELATORIOS,
ETC.**

95) *Passeios na provincia, 1873.*

96) *Passeios no estrangeiro, 1879.*

97) *Le monastère de Notre-Dame de la Victoire.*
– *A Batalha. – Portugal (excursion). 1885.*

98) *A união iberica e a candidatura d’el-rei D.*
Fernando, resposta ao livro do sr. Fernandez
de los Rios, (de collaboração com Antonio
Rodrigues Sampaio, Luciano Cordeiro e
Pinheiro Chagas), 1877.

99) *Antonio Rodrigues Sampaio, 1882.*

- 100) *Relatorio da delegação de Lisboa, eleita pela commissão central directora do inquerito industrial de 1881. Inquerito directo. Segunda parte. Visita ás fabricas. Livro primeiro.* 1881.
- 101) *Relatorio da exposição agricola de Lisboa, realisada na Real Tapada da Ajuda em 1884, (de collaboração com os srs. visconde de Coruche, Antonio Augusto de Aguiar e Antonio Batalha Reis),* 1885.
- 102) *As escolas normaes primarias.* Relatorio da enspecção do anno de 1884.
- 103) *Fac-simile de la premiere gazette publiée en Portugal, offert au congrés littéraire international de Lisbonne,* com uma breve *Noticia* ácerca do jornalismo em Portugal, 1881.

Encontram-se mais no *Diario de Noticias*, entre outras, as seguintes narrativas de viagem:

104) *Em Mafra.*

Em 1876:

105) *Visita ás minas de Aljustrel.*

Em 1879:

106) *Passeios na provincia – Minho e Galliza –.*

Em 1881:

107) *Passeio a Madrid – As festas do centenario de Calderon – Em Aranjuez – No Escorial – Em Toledo.*

108) *Quinze dias na Serra da Estrella.*

Em 1882:

109) *Visita á exposição districtal de Aveiro.*

110) *Exposição de industrias caseiras no Porto.*

Em 1883:

111) *Banhos da Felgueira.*

112) *Visita ao Fundão.*

Em 1884:

113) *Exposição de manufacturas do districto de Coimbra.*

114) *Cartas noticioas, de Paris.*

Em 1885:

115) *Correspondencias de Paris.*

116) *Visita á Exposição de Antuerpia.*

Em 1886:

117) *Nas Caldas do Gerez.*

118) *Bom Jesus do Monte.*

Em 1887:

119) *Cartas de Paris. Notas á pressa.*

120) *No Cartaxo.*

121) *Nas Caldas.*

122) *Da Foz-Tua a Mirandella.*

123) *Em Hespanha.*

Offerta ás escolas

Documentos

**Offico da empresa do DIARIO DE NOTICIAS á
Direcção Geral de Instrução Publica.**

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Havendo a empresa do *Diario de Noticias* resolvido offerecer ás bibliothecas de todas as escolas officiaes e particulares do paiz, tanto de ensino primario como secundario e superior, exemplares da segunda edição do livro – *EDUARDO COELHO – A sua vida e a sua obra – Alguns factos para a historia do jornalismo portuguez contemporaneo* – de que é auctor o signatario, assim tenho a honra de o communicar a V. Ex.^a, pedindo-lhe a fineza de dizer-me se, por parte dessa direcção geral, V. Ex.^a se digna acceitar aquella offerta, pelo que respeita ás escolas

da mesma direcção dependentes, a fim de que esta empresa proceda de conformidade com a resposta de V. Ex.^a.

A reedição do indicado livro e a sua distribuição pelos estabelecimentos de ensino tem por fim commemorar a data da inauguração nesta capital em 29 de dezembro corrente, do monumento a Eduardo Coelho, insigne jornalista cuja vida é um raro exemplo de honestidade, de amor ao trabalho, de propaganda civilisadora e de dedicação constante e desinteressadissima pela instrucção popular.

Por esta forma procura a empresa do *Diario de Noticias* divulgar quanto possível o conhecimento d'uma vida exemplar e nobilissima, que deve constituir lição e estímulo para aquelles cujo coração e cujo espirito é missão das escolas formar para a virtude e educar para a honra e para o bem.

Deus guarde a V. Ex.^a

Lisboa 6 de Dezembro de 1904

*Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Conselheiro Abel d'Andradde,
Dig.^{mo} Director Geral da Instrucção Publica.*

ALFREDO DA CUNHA.

Ministerio do reino
Direcção geral da Instrução publica
4.^a repartição

Liv. 33

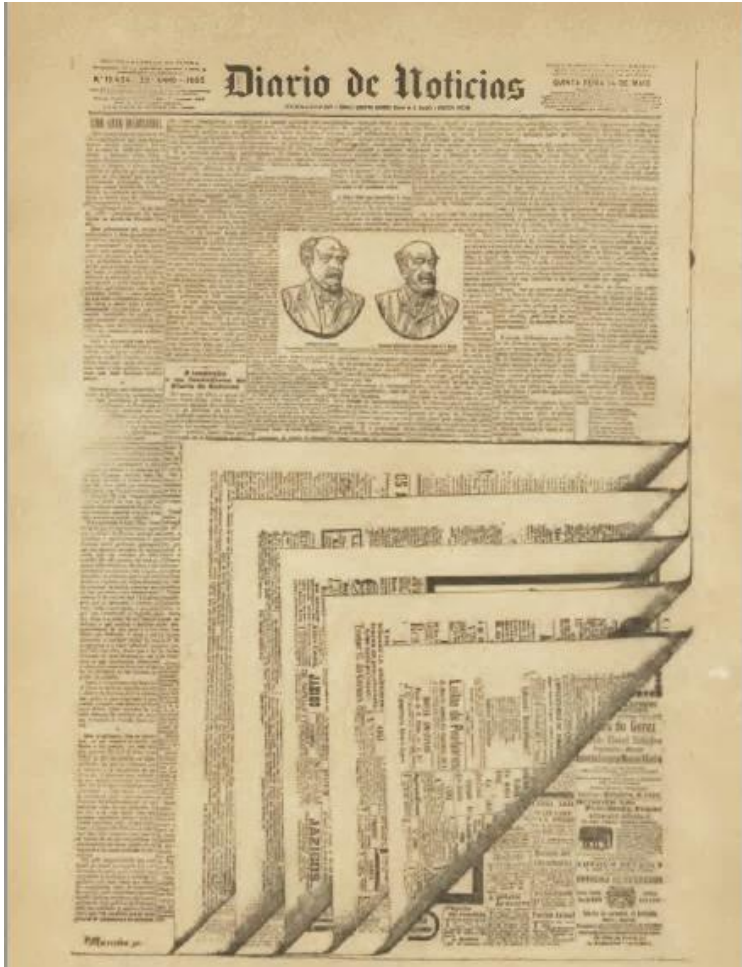
Havendo a Empresa do DIARIO DE NOTICIAS, de Lisboa, resolvido offercer ás bibliothecas de todas as escolas officiaes e particulares do paiz, tanto de ensino primario, como do secundario e do superior, exemplares da segunda edição da obra intitulada – EDUARDO COELHO – *A sua vida e a sua obra – Alguns factos para a historia do jornalismo portuguez contemporaneo* – da qual é auctor ALFREDO DA CUNHA, e que é destinada a commemorar a inauguração em Lisboa de um monumento a Eduardo Coelho; e tendo por fim o alludido offercimento divulgar o conhecimento de uma

vida que foi exemplo de honestidade, de amor ao trabalho, de propaganda civilisadora e de dedicação constante e desinteressada pela causa da instrução popular, determina Sua Magestade El-Rei que em seu Real Nome sejam dados á referida Empreza do DIARIO DE NOTICIAS os louvores que merece por tão generoso e patriotico offerecimento.

PAÇO, em 28 de dezembro de 1904.

Antonio Augusto Pereira de Mirande

(*Diario do Governo* de 29 de dezembro de 1904).



Numero de 12 paginas do Diario de Notícias, de 15 de maio de 1903 commemorativo do 14º anniversario do falecimento de Eduardo Coelho